

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS

MARCOS VINÍCIUS SOUZA DA SILVA

**LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS ADAPTADOS AO GÊNERO HQ NA
FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

BELÉM
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS

MARCOS VINÍCIUS SOUZA DA SILVA

**LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS ADAPTADOS AO GÊNERO HQ NA
FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES**

Dissertação de Mestrado apresentado ao
PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras em
rede nacional, na Universidade Federal do Pará, como
requisito para defesa e obtenção do grau de Mestre em
Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

BELÉM
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARCOS VINÍCIUS SOUZA DA SILVA

LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS ADAPTADOS AO GÊNERO HQ NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Dissertação de Mestrado apresentado ao PROFLETRAS — Mestrado Profissional em Letras em rede nacional, na Universidade Federal do Pará, como requisito para defesa e obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Aprovado em: ____ / ____ / ____ Conceito: _____

Banca Examinadora

Professor(a): Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Instituição: UFPA – Assinatura: _____

Professor(a): Carlos Magno Santos Gomes

Instituição: UFS – Assinatura: _____

Professor(a): Maria de Fátima Nascimento

Instituição: UFPA – Assinatura: _____

Professora(a): Germana Maria Araújo Sales

Instituição: UFPA – Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fazer crer que tudo é possível a quem tem fé e por ter me abençoado com mais essa oportunidade na vida. A Ele, toda honra e toda a glória.

Agradeço a minha família, em especial meus pais, o Sr. João Souza da Silva e Dona Nilza Souza da Silva que sempre me incentivaram a prosseguir nos estudos, contribuindo de todas as maneiras possíveis com a minha educação, seja financeiramente, seja com orações.

Agradeço aos meus filhos Thaís e Mathias pela força, a coragem e a inspiração que me 6deram para seguir em frente, sempre em busca dos meus ideais

Agradeço ao abnegado amigo e meu orientador professor Sílvio Holanda, que abraçou esse desafio juntamente comigo, que sempre me incentivou a estudar e a procurar melhoria profissional.

Agradeço a todos os professores do Profletras pelo acréscimo de conhecimento. Em especial aos professores Alcides e Fátima Nascimento pelo apoio nos momentos difíceis e que jamais deixaram de atender as nossas reivindicações. Isso foi certamente fundamental para que este trabalho viesse a acontecer.

Agradeço à minha namorada Francilea Leite por ter me incentivado bastante nessa luta que, com muita paciência, soube compreender a minha ausência e aguardar por esse momento.

Agradeço aos amigos e colegas de trabalho que me apoiaram e me incentivaram a nunca desistir, mesmo nos momentos difíceis da caminhada. Em especial ao casal de amigos, prof. Jorge Muniz e prof.^a Ana Cláudia aos quais sou muito grato por tudo que fizeram por mim.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma pelo apoio, incentivo, debate e a troca de ideias, que tanto enriqueceram esta pesquisa.

Agradeço em especial à professora Leula Medanha por ter me ajudado muito ao intermediar a minha licença aprimoramento junto à Secretaria de Educação do Município de Tucuruí.

Agradeço também as minhas diretoras do Ensino Médio, prof.^a Alda Amorim e prof.^a Marineide Medeiros pelo apoio e pela compreensão que tiveram comigo, principalmente nas vezes que precisei me ausentar da escola para viajar e poder assistir às aulas do Mestrado.

Gostaria imensamente de agradecer à amiga e bibliotecária dona Everbênia por ter me ajudado muito com os empréstimos de livros de literatura em HQ.

RESUMO

A presente dissertação tem o objetivo de analisar as adaptações para HQ de três contos do escritor Machado de Assis. Antes, faremos um breve histórico sobre o autor como contista, suas publicações e sua importância para a literatura brasileira. Faremos também uma análise dos enredos dos contos “A cartomante”, “Pai contra mãe” e “Conto de escola”. Este estudo fundamenta-se em pressupostos teóricos de pesquisadores como (BOSI, 1980), (COSSON, 2006), (COSTA, 2013) e (VERGUEIRO, 2006; 2013) entre outros. Na perspectiva deste estudo, é interessante verificar como anda a relação da literatura canônica com o gênero quadrinho, discutiremos como os autores utilizam a linguagem dos quadrinhos para destacar particularidades da história, assim como observar o que os componentes da HQ proporcionam às adaptações, de que modo eles interagem, pois entendemos que tanto a leitura do conto tradicional quanto do conto adaptado pode ser feita independentemente da ordem, inclusive defendemos que a leitura de ambos, pode ajudar-nos a compará-las, possibilitando novas formas de entendimento, enriquecendo a nossa análise. Desse modo, a adaptação de textos literários para o gênero HQ surge não como uma solução definitiva ou algo extraordinário, mas como uma estratégia metodológica que visa à aproximação do aluno do ensino de base aos textos literários. Como sugestão para desenvolver essa proposta, utilizaremos uma sequência didática, pois apresenta uma estrutura mais organizada e ao mesmo tempo dinâmica, que pode proporcionar ao educador possibilidades de inserir atividades de acordo com suas próprias observações, considerando a capacidade linguística de cada aluno, seus conhecimentos prévios e experiência cultural.

Palavras-chave: Quadrinhos; Machado de Assis; conto; adaptação; sequência didática.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing media adaptations of writer Machado de Assis's three short story, before that, will make a brief history about the author as short story writer, his publications and the great importance to Brazilian literature. Will make also an analyse of plots of following short story "A cartomante", "Pai contra mãe" e "Conto de escola". This study is based on theoretical presuppositions of researchers like (BOSI, 1980), (COSSON, 2006), (COSTA, 2013) and (VERGUEIRO, 2006; 2013) among others. In perspective of this study, is interesting verify how is the Classic Literature and the Comics (Sequential Art), will discuss how the authors use the comics code to detach details of the stories as also to check which pieces of the comics can provide to adaptations, how both interact, because we understand that as the reading original short story as much adapted to Sequential art can be made independently of an order, we defend that both reading can help us to compare each other, allowing new ways of understanding, becoming rich our analyses. This way, adaptations to literature texts to comics appear not as a definite resolution or something extraordinary, but a methodological strategy to approximate students of literary texts. As suggestion to develop this proposal we will use a didactic sequence because it presents a more organized structure and at same time dynamic, it can provide to the educator possibilities of including activities in according to their own observations, considering each student's linguistic capacity, their previous knowledge and cultural experience.

Keywords: Comics; Machado de Assis; short-story; adaptation; didactic sequence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 MACHADO DE ASSIS: DA LITERATURA AOS QUADRINHOS.....	13
1.1. A origem das histórias em quadrinhos e sua chegada à escola.....	13
1.2. A imagem na cultura humana e na educação.....	18
1.3. A função didática da literatura adaptada em quadrinhos na prática escolar.....	21
1.4. Vida e obra de Machado de Assis.....	22
1.5. O contista Machado de Assis.....	28
1.6. Resumo comentado dos três contos machadianos estudados.....	30
2 ANÁLISE DOS CONTOS ADAPTADOS AO GÊNERO HQ.....	42
2.1. “Conto de escola”.....	43
2.2. “A cartomante”.....	53
2.3. “Pai contra mãe”.....	67
3 APLICAÇÃO DE ATIVIDADES REFERENTES A UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS ADAPTADO PARA O GÊNERO HQ.....	76
3.1. Questionário I.....	76
3.2. Questionário II.....	80
3.3. Questionário III.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	111

INTRODUÇÃO

A presente dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos além da fundamentação teórica, que trata um pouco mais sobre a história dos quadrinhos e da presença da imagem na cultura humana, um resumo geral da vida e obra do escritor Machado de Assis, incluindo também a sua produção literária mais especificamente como contista e o resumo comentado dos contos “Conto de escola”, “A cartomante” e “Pai contra mãe”. No segundo capítulo faremos a análise desses contos, considerando os enredos e suas adaptações em HQ para verificarmos se isso pode mudar realmente a atitude dos alunos diante da leitura de textos literários por meio dessas adaptações. Quanto ao terceiro capítulo que complementa o *corpus* do trabalho, apresentaremos nele o resultado da aplicação desse estudo em turmas do 9º ano de duas escolas de Ensino Fundamental do Município de Tucuruí, no sudeste do Estado do Pará.

O principal desafio dessa dissertação é trazer uma proposta metodológica, apresentando um projeto de ação que utilize sequências didáticas que possam envolver nossos alunos num processo de formação leitora de textos literários adaptados ao gênero HQ, bem como, discutir a importância do estudo desses textos a fim de conduzir o alunado ao conhecimento tanto da linguagem literária quanto da linguagem em quadrinhos dentro desse processo de formação, ao qual nos propusemos desenvolver com a finalidade de formar novos leitores que se familiarizem com essas linguagens e obtenham maior proximidade da literatura clássica.

Esse desafio surgiu diante das dificuldades que se observa no cotidiano das aulas de Língua portuguesa, principalmente quando se trata de leituras de textos literários. Normalmente, os livros didáticos utilizam esses textos de forma fragmentada, explorando mais os aspectos gramaticais, que pouco acrescenta à formação literária de nossos discentes, ou como acrescenta Cosson (2006, p.21) “Os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leitura.” Logo, pergunta-se: O que fazer para formar alunos leitores? Que estratégias de aproximação podem ser adotadas entre a leitura de obras literárias e esse leitor contemporâneo que não gosta de ler, cujos padrões de gosto e de consumo de bens culturais obedecem àqueles ditados pela TV, pelo cinema, pelo celular e pelo computador (jogos, internet, etc.)? São questões como essas que realmente nos desafiam a encontrar respostas que despertem nesses jovens o interesse pela leitura dos clássicos, de fazê-los entender que a literatura não é algo decorativo, que só ensina a memorizar nomes de autores e obras. Desse modo, propomos uma oficina de contos literários do escritor Machado de Assis, para isso escolhemos primeiramente a leitura

dos contos “Conto de escola”, “A cartomante” e “Pai contra mãe”; e em seguida, as adaptações dos mesmos contos para o gênero HQ. Não podemos negar que, neste contexto, o papel da escola juntamente com o do professor na tentativa de formar alunos mais críticos e com maior competência comunicativa é de suma importância, ou seja, formar pessoas capazes de valer-se da linguagem de maneira mais adequada e eficiente.

Nesta perspectiva, foi abordada a questão de como a leitura de textos literários adaptados para o gênero HQ, com base nos contos de Machado de Assis, pode estimular o interesse do aluno pelos textos clássicos e ajudá-los em sua formação leitora como pré-requisito básico para quem, no ano seguinte, ingressará no Ensino Médio. Além disso, observou-se que, no Ensino Básico, a maioria dos alunos sente dificuldade em ler e principalmente analisar textos literários. Desse modo, é correto afirmar que é viável trabalhar com as adaptações em quadrinhos como um suporte pedagógico que poderá auxiliar na formação do leitor. Portanto, torna-se interessante inserir HQ no Ensino Fundamental, por ser um gênero mais atrativo e envolvente.

A “alfabetização” na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização. (VERGUEIRO, 2006, p. 31).

Logo, por meio das adaptações, é possível que os alunos sintam mais interesse pela leitura de textos literários, e as HQ oferecem diversas possibilidades de aprendizagem. Não queremos aqui, substituir as obras originais por quadrinhos literalmente falando, mas utilizar estes como um atrativo.

A partir dessas questões, surgiu-nos a ideia de trabalharmos com sequências didáticas como alguns estudiosos nos propõem. Assim procuramos analisar de que maneira as sequências didáticas podem ser uma boa estratégia dentro desse projeto de formação de novos leitores. Atividades com leituras, produções de quadrinhos, exibição de vídeos e *slides* poderão trazer um valor mais significativo para os alunos, aproveitando o grande potencial dos jovens para desenvolver esse tipo de trabalho, interligando-os às práticas educacionais que os levem a possíveis debates sobre a importância do estudo de textos literários no cotidiano do espaço escolar. É interessante também fazê-los perceber que ler uma obra literária independentemente de sua época, sem ter visto sua adaptação para outro gênero, não o impedirá de compreendê-la; da mesma forma se o caminho for inverso. Todavia, a obra

original é mais completa, possui mais riquezas de detalhes. O importante é que, nas adaptações, a essência da obra original seja mantida.

Tal fórmula também pode acontecer com as adaptações em quadrinhos. Um aluno pode ler a HQ e interessar-se pela obra original ou buscar o quadrinho porque gostou do texto adaptado. Na verdade, esse desejo deve ser despertado e entra como fundamental nesse processo mediado, que pode e “deve” apresentar as opções de leitura. (YAMAGUTI, 2014, p. 450)

O texto literário é também um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente. Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem ao aluno ter um bom diálogo com o texto, como também interrogá-lo e explorá-lo. Por isso, ao iniciar com as adaptações é necessário avaliá-las previamente para ver até que ponto elas são mais adequadas para determinadas séries. A maior atenção se volta para a importância que esses professores mediadores de leitura aprendam primeiro e saibam trabalhar com adaptações literárias para que os alunos procurem a obra original posteriormente e se tornem leitores dela.

Com uma iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem tanto os textos literários quanto os não literários. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem encerrar-se em si mesmas, logo é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos, mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações.

Outro objetivo dessa pesquisa é verificar como se dão as relações entre o texto verbal e o visual (não verbal) nas adaptações dos contos de Machado de Assis para quadrinhos. Como, no processo de adaptação, elas podem contribuir satisfatoriamente para um bom entendimento dos textos literários em alunos do ensino fundamental.

Para isso, este processo de adaptação tem como tarefa aprimorar os conhecimentos deles, para que possam compreender os diferentes discursos que os cercam. A língua por ser uma criação social, acompanha as mudanças na sociedade. Ela coloca à disposição do falante, muitas possibilidades de repertório para o seu discurso, pois surge da necessidade de interação política, social, econômica e cultural entre os homens.

Não muito diferente dos vários gêneros do discurso, as HQ aparecem como um gênero textual híbrido constituído de signos linguísticos e visuais presentes, porque nelas atuam

linguagem verbal e a linguagem não verbal. Nesse sentido, os signos podem auxiliar o estudante na interpretação da realidade que o acompanha diariamente. Bakhtin (2002, p. 33) explica que:

[...] cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.

Logo, compreendemos que a linguagem dos quadrinhos assim como a do cinema, por exemplo, funciona como gêneros discursivos no sentido dado por Bakhtin, que compreende os gêneros como modelos relativamente estáveis de enunciados criados socialmente por meio de uma tradição discursiva e que podem ser compreendidos. Nesse sentido, todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos e levam em conta o discurso alheio.

Dessa forma, no ato da aprendizagem, espera-se que o aluno tenha contato com diversos textos, de diferentes esferas sociais, ancorados em atividades que lhe deem possibilidades de leitura, interpretação e reflexão da língua. Nesse contexto, os textos em formato de quadrinhos, podem ser aliados no processo de ensino-aprendizagem, no diálogo que essas duas linguagens (a literária e a quadrinista) travam e quais as estruturas formadas a partir desse processo de interação tanto na materialidade da adaptação literária quanto na apropriação que os autores em quadrinhos fizeram das práticas sociais e culturais da época do texto literário.

Toda comunicação envolveria a interação de um falante, um destinatário e um “personagem” (de que se fala) envoltos por um horizonte comum que possibilita a compreensão dos elementos ditos e não ditos. [...] a realização de qualquer comunicação ou interação verbal envolve uma troca de enunciados, situa-se na dimensão de um diálogo. À luz desses posicionamentos, o discurso literário envolve um cruzamento, um diálogo de vários textos. (PROENÇA, 2007, p. 71)

Alguns estudiosos consideram que tanto a Literatura quanto as Histórias em quadrinhos, são artes individualmente capazes de representar o momento histórico e social em que foram produzidas. Portanto, entendemos que as adaptações de contos literários para os quadrinhos podem não apenas aproximar os estudantes desse gênero, mas também ampliar a necessidade de se repensar o quanto as diferentes formas de linguagem e de técnicas artísticas podem dialogar entre si a ponto de criarem um gênero híbrido (o das adaptações literárias),

que se apoia na união das características literárias e imagéticas, sendo capaz de conter as ressignificações e reinterpretações dos artistas e dos leitores contemporâneos.

Hoje, as adaptações para os quadrinhos de grandes obras literárias não representam mais somente um apelo da indústria cultural para a comercialização de livros, mas uma ideia genial quando as técnicas utilizadas na produção das HQ atraem cada vez mais o público infantojuvenil que, de certo modo, é muito avesso aos textos literários. Todavia, por serem imagéticos, os quadrinhos aproximam-se bastante desse público cada vez mais consumista de produtos da era digital.

Para a realização deste trabalho, escolhemos especificamente duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas municipais da cidade de Tucuruí no Sudeste do Pará, as Escolas Maria Sylvania dos Santos e Francisco de Assis Rios, ambas na zona urbana do município, tendo como objetivo a criação, no espaço da escola, de um ambiente propício à elaboração de projetos com leituras, pois entendemos que possa haver nesse ambiente escolar uma grande possibilidade de desenvolver ações de leitura e debate sobre os textos literários.

1. MACHADO DE ASSIS: DA LITERATURA AOS QUADRINHOS

1.1 – A origem das histórias em quadrinhos e sua chegada à escola

As histórias em quadrinhos têm se tornado ao longo do século XX e até os dias de hoje, um mecanismo de comunicação muito difundido e influente. Elas estabeleceram um espaço próprio entre as demais linguagens e veículos da indústria cultural, contribuindo para a formação da cultura de nosso século. Segundo a tradição, ainda são mais direcionadas aos públicos infantil e juvenil. Isso aconteceu primeiramente nos Estados Unidos com o surgimento das primeiras revistas de histórias em quadrinhos no período da década de 1930. Nessa época, os editores responsáveis escolheram o público mais jovem por serem consumidores em potencial para uma economia que buscava expandir seus negócios. Essas revistas em quadrinhos foram chamadas em inglês de *comic books*, segundo (WRIGHT *apud* VERGUEIRO, 2013, p. 159). Por sua vez, Vergueiro complementa:

Essa definição de mercado acabou, aos olhos da sociedade em geral, predestinando as revistas de histórias em quadrinhos – no Brasil, popularmente conhecida como gibis – a crianças e adolescentes e, posteriormente, esteve na base de vários debates em torno dos produtos quadrinísticos. Os movimentos contra os quadrinhos, desencadeados durante as décadas de 1940 e 1950, inclusive no Brasil, tinham por base a pressuposição de seu usufruto exclusivo pelo público infanto-juvenil, buscando desqualificar sua adequação e controlar seus conteúdos às características dessa população. (VERGUEIRO, 2013, p. 159)

O que houve, na verdade, foi um grande equívoco, porque os quadrinhos, embora inicialmente tenham sido criados para esse público infantil e juvenil, jamais poderiam permanecer como sendo exclusivos dessa faixa etária. Em periódicos e jornais, desde o início, sempre foi o alvo de atenção de leitores de todas as idades, ainda que as crianças e jovens pudessem eventualmente se constituir no grupo mais numeroso e receptivo a esse gênero textual. É sempre bom lembrar que as histórias em quadrinhos nos dias de hoje, são produzidas para públicos diferenciados (infantil, adolescente ou adulto) e, portanto, não podem ser usadas indiscriminadamente. No caso dos textos literários adaptados, é preciso que o professor saiba avaliar primeiramente se o quadrinho que se quer trabalhar com os alunos está adequado a sua série e realidade escolar.

Will Eisner explorou em sua trilogia de livros sobre quadrinhos (*Comic and Sequential Art*, *Graphic Storytelling and Visual Narrative* e o póstumo *Expressive Anatomy for Comics*

and Narrative), tornou o quadrinho um gênero artístico muito famoso, dando-lhe o conceito que ficou conhecido mundialmente por arte sequencial. Segundo Eisner, os quadrinhos representavam “um meio de expressão criativa, uma disciplina particular e uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 2008, p. 11). Para ele, a parte mais importante dessa linguagem é a sequência em que os quadros são colocados lado a lado, e assim, renomeou os quadrinhos de arte sequencial.

Algum tempo depois, partindo dessa definição de Eisner, Scott McCloud vai conceituar os quadrinhos como “imagens pictóricas” que justapostas em uma sequência deliberada tem a intenção de passar informações ou produzir uma resposta estética ao público. Ele afirma também que “todo elemento da linguagem dos quadrinhos é um ícone” (McCLOUD, 1994, p. 9). Balões, onomatopeias, metáforas visuais, recordatório, etc. convencionalmente são exemplos de ícones, pois cada um traz em si um significado. Para conhecer melhor essa linguagem, é preciso que o leitor tenha conhecimento dessas convenções, o que exige estudo e informação. Assim, um primeiro desafio lançado ao educador é conhecer a linguagem dos quadrinhos. Nesse sentido, Ramos (2009, p.14) afirma que “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (não verbal)”, ressaltando, ainda, que dominar essa linguagem, “[...] mesmo que em seus conceitos mais básicos, seja uma condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto”. Desse modo, entendemos que não basta “ler” somente o elemento textual (diálogo e a narrativa) de uma HQ, é necessário ir mais além.

Ainda sobre a HQ, havia no Brasil até a segunda metade do século XX, muitas restrições à utilização de histórias em quadrinhos nos meios escolares por acharem que não se tratava de boa leitura para os jovens e sim mais comum às crianças. Criou-se também um rótulo de ser uma espécie de leitura fútil e pouco expressiva ao público estudantil. Todavia, a HQ, por seu caráter icônico, acrescentou informações visuais ao elemento verbal. O leitor, por meio dela, pôde encontrar dados sobre o comportamento social no final do século XIX. Seus ícones podem oferecer ao leitor elementos que o texto literário apenas descreve ou não apresenta: na mesma adaptação, podem ser vistos o vestuário, o mobiliário, a decoração das casas e o estilo arquitetônico daquele período. Cabe ao professor ressaltar esses aspectos presentes em narrativas quadrinísticas, para que a leitura ultrapasse os limites do aspecto verbal e seja enriquecida pelo visual.

Não seria correto afirmar que as HQ constituem outra forma literária, embora elas representem um gênero. Entretanto, por possuírem elementos típicos de uma narrativa literária,

os quadrinhos têm sido úteis nas adaptações dos contos e romances. (ZENI, 2013, p. 128) identifica a origem da literatura em HQ:

Ela começou no final da primeira metade do século passado, com a coleção *Classics Illustrated*, título da revista norte-americana voltada para a publicação de clássicos da literatura mundial em quadrinhos. Inicialmente chamada de *Classic Comics*, a revista surgiu em 1941 e durou até 1971, tornando-se cultuada na área e abrindo espaço para quadrinizações de romances [...]

No Brasil, a *Editora Brasil-América Ltda.* (EBAL¹) publicou por mais de uma década a revista *Edição Maravilhosa* e, por algum tempo, o título *Álbum Gigante*, ambos dedicados a adaptações de obras literárias para os quadrinhos. Além de traduzir o material da *Classics Illustrated*, essas publicações também ofereciam ao leitor quadrinizações de romances brasileiros, a exemplo de *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1954), *O guarani*, de José de Alencar (1950), entre outros. No início do século XXI, com a compra de publicações de quadrinhos por meio do PNBE, várias editoras passaram a produzir álbuns com quadrinizações literárias (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

As aplicações dos quadrinhos no processo de aprendizado não devem ser restritas às adaptações literárias. Por ser o resultado de um processo artístico, os quadrinhos levam à compreensão de técnicas e conceitos estéticos da área de Artes. Atualmente, ainda não temos muitos estudos sobre as adaptações literárias para o gênero quadrinho. Zeni (2009, p. 131) em um dos mais recentes estudos, classificou as adaptações como uma obra que tem por objetivo representar outra obra já existente, tentando aproximar-se pela semelhança textual. Zeni considera que a adaptação, embora seja uma obra autônoma, ainda se percebe haver uma determinada hierarquização quando se trata de pegar uma obra original e adaptá-la para outro gênero, em nosso caso especificamente para os quadrinhos.

Queremos deixar claro, nesta pesquisa, que embora as adaptações dos contos machadianos ao gênero HQ pareçam uma espécie de ferramenta, ou um incentivo à leitura de textos literários pelos alunos do Ensino Fundamental, não temos o interesse de torná-lo inferior a literatura, pois os quadrinhos já têm seu espaço conquistado no cenário mundial. Eles podem sim, ser uma alternativa válida para o ensino da leitura, e não apenas da leitura do

¹ No período de 1947 a 1952, foram adaptados para a *Edição Maravilhosa* os romances brasileiros *O Guarani*, *Iracema*, *O tronco do ipê* e *Ubirajara*, todos da autoria de José de Alencar além de *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães entre outros. É curioso notar que a maioria dos autores mais quadrinizados pela EBAL foram os integrantes do movimento romântico, em especial José de Alencar, que, antes de Machado de Assis, ocupava o posto de maior ícone da literatura brasileira.

código verbal, mas também da leitura de um mundo repleto de signos e símbolos que vão muito além do alfabeto escrito ocidental.

A chegada das histórias em quadrinhos às escolas deu-se, graças ao surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) que trouxeram um grande benefício pela inserção das HQ como instrumento de acesso à leitura nas salas de aula e nas bibliotecas escolares. Certamente, esse incentivo do governo federal chegou para atender às necessidades do educando com o objetivo de levá-lo a compreender melhor a linguagem e seus recursos, os grandes autores da literatura e suas obras. Muitas editoras investiram bastante na produção de histórias em quadrinhos tradicionalmente conhecidas e algumas, um pouco mais recentemente, nas adaptações dos grandes clássicos literários para esse gênero híbrido.

A utilização de quadrinhos tem também como objetivo ajudar, motivar e estimular o aluno a desenvolver habilidades de forma lúdica. Os benefícios deles partem de uma extraordinária representação visual para o essencial que é ajudar na organização narrativa da história, além de serem de fácil memorização, desenvolvem os aspectos visual e verbal, enriquecendo a leitura, a escrita e o pensamento.

A data de 20 de dezembro de 1996 quando foi promulgada a LDB² (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) passou a ser um marco importante para a trajetória e aceitação das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica no Brasil. Essa lei tinha como proposta, fazer um pacto entre este produto cultural midiático (HQ) e a educação formal. Nesse sentido, ela “[...] já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e básico”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2013, p. 10).

O texto da lei já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio:

Item II do art. 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber “é uma das bases do ensino”;

Item II do § 1º do art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de “formas contemporâneas de linguagem”. (BRASIL. Lei nº 9334, de 20 de dezembro de 1996, p.31).

(Disponível em: [HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil](http://www.planalto.gov.br/ccivil)).

² Publicada no Diário Oficial da União, Seção 1, de 23 de dezembro de 1996, p. 27833

Sem sombra de dúvida foi uma abertura para outras formas de linguagem e manifestações artísticas, entre elas, as histórias em quadrinhos. Todavia, a inclusão das HQ nas salas de aula, só foi oficializada a partir da promulgação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), com a elaboração dos PCN, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (VERGUEIRO; RAMOS, 2013, p. 10).

Os PCN trazem uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas na escola, criando um novo referencial a ser aceito pelos professores nos ensinos fundamental e médio. Os parâmetros da área de Artes para 5ª a 8ª séries³ mencionam especificamente a necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais, como publicidade, desenhos animados, fotografias e vídeos (2008, p. 67). Ainda complementa:

Os quadrinhos foram também mencionados nos PCN de Língua Portuguesa. No caso do ensino fundamental, especificamente, há referência à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda (2008 p. 38-54). O mesmo texto ainda menciona igualmente as tiras como um dos gêneros a serem usados em sala de aula (2008, p. 54).

Existe menção ao tema também nos PCN do Ensino Médio. No volume dedicado a Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2008), o documento faz três referências às histórias em quadrinhos como manifestação artística a ser trabalhada em sala de aula. Numa delas, cita a necessidade de fazer uma leitura aprofundada dos quadrinhos, de modo a perceber de forma detalhada os recursos visuais presentes no texto:

Quando o aluno identifica os “truques” que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos e que aqueles e outros efeitos são também utilizados na arte, distinguindo os estilos das diversas tradições, épocas e artistas, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante. (2008, p. 185)

Dessa forma, a inserção do gênero HQ nos PCN possibilitou uma ampla utilização das histórias em quadrinhos no meio educacional, bem como a busca mais sistemática e ampla em obter conhecimento acerca das características e do processo evolutivo do gênero em questão. Educadores, estudiosos e pesquisadores passaram a ter melhores expectativas de se fazer um trabalho mais dinâmico e estimulante na regência de suas aulas.

³ Atualmente 6º ao 9º anos

Atualmente, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) também tem feito uso de quadrinhos ligados ao humor em suas avaliações. Um dos eixos que cobra dos estudantes é o domínio de leitura de outras linguagens, que não utilizam unicamente o código verbal como registra o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre os critérios que pautam a prova:

Enem quer saber até onde vai a sua capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de história em quadrinhos ou fórmulas científicas. Você tem de demonstrar que conhece e entende os códigos verbais e não verbais. (INEP, 2008)

Logo vimos, a importância de um trabalho inicial e preparatório dos alunos do ensino fundamental para que futuramente obtenham maior êxito no quesito linguagem visual-verbal nas avaliações do ENEM.

O PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) desde que foi criado, em 1997, o programa pautava-se prioritariamente na distribuição de livros literários com intuito de diminuir o número elevado da população não leitora no país, estimulando o hábito pela leitura. De acordo com os dados do MEC, no ano de 2010, o programa beneficiou cerca de 24 milhões de alunos das escolas públicas, entre o material distribuído, encontravam-se diferentes gêneros textuais como: contos, crônicas, romances, poemas e histórias em quadrinhos de obras clássicas da literatura, artisticamente adaptadas para o público jovem. É importante que se diga que a distribuição dos quadrinhos para as escolas pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) foi um grande impulso para que a produção das adaptações crescesse; no entanto, esse incentivo à leitura deve ter o mesmo objetivo da EBAL, que foi o de promover a cultura em quadrinhos, porém sempre estimulando a leitura das obras originais. Pois ambas são duas leituras diferentes, e merece cada uma estar em seu lugar de prestígio.

1.2. A imagem na cultura humana e na educação

Desde muito cedo, as crianças já se sentem atraídas pelas imagens que as cercam, sejam as imagens da natureza, sejam as produzidas pela ação e criação do homem, e por imitação tentam reproduzi-las por meio de rabiscos e desenhos, fazendo uma relação com a forma desses desenhos e os sentimentos que nelas despertam. Por ser uma característica exclusiva da espécie humana, as crianças os fazem por puro prazer. Como diz Costa (2013 p. 32-33):

É grande a complexidade do processo cognitivo de produção do imaginário, mas simples e espontânea é a nossa convivência com as imagens. [...] A percepção visual e a audição têm tido especial importância nas mais diferentes culturas como o principal instrumento cognitivo do ser humano.

A velocidade com que processamos informações visuais e a facilidade com que as arquivamos são argumentos fortes em favor do uso das imagens na comunicação. Isso se explica por termos um sistema de funções cerebrais mais elaborados, que organiza os dados recebidos e os transforma em conhecimento, experiência e memória, diferentemente dos outros animais. A leitura de imagens é algo tão natural e espontâneo que não damos conta de que desenvolvemos uma importante atividade cognitiva de caráter universal que aproxima diferentes culturas. (COSTA, 2013, p. 36-37) pergunta: “Por que a imagem torna-se um elemento secundário assim que a criança é alfabetizada?” Isso, segundo ela, é um paradoxo, pois a tradição que submeteu a grande massa de conhecimento humano ao registro escrito obriga quem deseja ter acesso à imagem, a utilizar a leitura, prática que levou à associação entre conhecimento e alfabetização. A transposição do conhecimento da oralidade para a escrita criou barreiras para aqueles que não têm acesso à leitura por razões físicas, sociais e econômicas.

Outra razão que justifica a predominância do texto escrito na educação formal segundo Costa, (2013, p.18) está no papel da escola na afirmação das línguas pátrias. “Essa predominância parte de um processo histórico e político de formação das nações que exigiu a legitimação das línguas nacionais e a sua disseminação entre os cidadãos, num grande esforço de homogeneização do idioma e de eliminação dos dialetos.” Logo, a escola também contribuiu muito nesse momento, transformando em meta a afirmação da língua pátria.

(KATO, 1990, p. 31) justifica essa ideia apresentada por COSTA, afirmando que “a escrita é mais independente, contaminando-se menos com o contexto da comunicação.” Prossegue dizendo que “a escrita permite maior planejamento e controle da ação comunicativa e que as muitas regras a que está submetida, faz dela uma linguagem própria a análises objetivas.” Ou seja, o texto escrito exige um processo de interpretação e leitura que de certa forma, acaba distanciando o leitor do texto, o que não ocorre com a imagem que por ser mais instantânea, estimula diferentes emoções e reações, gerando maior impacto em quem a vê.

Muitas explicações existem para justificar esse apego da educação pela leitura de livros e de textos escritos, porém é necessário analisar que a imagem adquiriu uma importância sem precedentes na vida diária de grande parte da população mundial, principalmente as imagens que aparecem nos quadrinhos, nas telas do cinema, da televisão,

do computador e de outras mídias digitais, chamando a atenção para uma urgente retomada da educação no desenvolvimento da leitura dessas imagens.

Assim, discutir a inserção e ensino da linguagem dos quadrinhos nas aulas de língua portuguesa é possível a partir do entendimento de que HQ é uma linguagem artística das artes visuais que pode ser usada nos processos de produção de textos, na leitura e cultura visual, rompendo com o modelo de ensino tradicional.

No entanto, seu ensino deve levar em consideração as orientações pedagógicas, neste sentido defendemos um ensino a partir de uma leitura dentro de uma contextualização e experimentação dos diversos modos de produção de quadrinhos, desde os mais tradicionais aos mais alternativos, pois ensinar os alunos a produzirem suas próprias histórias nas aulas ou em casa pode e deve ser um meio para que eles se expressem e se comuniquem entre si e com o mundo. Diante disso é importante o ensino e a aprendizagem de quadrinhos também na formação inicial e continuada do educador, visto que para um professor ensinar HQ é preciso que ele tenha uma experiência cultural com elas, tenha familiaridade com a sua linguagem, e assim reconheça suas infinitas possibilidades comunicativas e expressivas.

Há um longo tempo, a imagem era utilizada apenas como um mecanismo de ilustração nas escolas, na divulgação científica e produção literária, hoje diversos campos da produção se apoiam na linguagem visual e na representação imagética, inclusive a medicina.

Segundo Costa (2013, p. 39), “isso se deve ao fato da linguagem visual ser mais inclusiva, pois nossa capacidade de ver se desenvolve, sem que tenhamos que fazer grande esforço nesse sentido.” A experiência diária, o amadurecimento psíquico e o fortalecimento da identidade vão fazendo do olhar um mecanismo cada vez mais competente na relação que mantemos com o mundo. Por isso, a compreensão visual do mundo é mais abrangente por não colocar entre as imagens e os observadores, nenhum obstáculo intransponível, já a escrita exige aprendizado e mecanismos de acesso ao sistema. É em razão dessas diferenças que a linguagem visual se apresenta com mais acessibilidade.

Hoje as linguagens visual e sonora são mais universais do que a verbal sob o ponto de vista da comunicação. “Somos capazes de compreender o sentido de uma imagem e de nos aproximarmos daquilo que seu autor quis dizer, mesmo que outros aspectos do contexto cultural em que foi criada nos sejam estranhos” (COSTA 2013, p.34). Portanto, na cultura humana contemporânea, os filmes, as revistas em quadrinhos, os smartphones e a internet são os principais meios comunicativos de informação, de contar histórias por meio do uso de imagens. Todos empregam imagens e textos, ou diálogos.

1.3. A função didática da literatura adaptada em quadrinhos na prática escolar

As produções em quadrinhos baseadas em obras literárias devem ser avaliadas por seu valor como arte autônoma, e não à sombra da produção original. Assim podemos tomar partido dessas adaptações para mostrar aos alunos a possibilidade de leitura de uma obra literária por um novo olhar, ou seja, pelo olhar das imagens que ilustram a história. Entretanto, quando falamos em autonomia dessa linguagem icônica dos quadrinhos, não o fazemos com o propósito de querer dar-lhe um status ou assegurar algum tipo de hierarquia nas artes, mas compreender alguns mecanismos próprios desta linguagem. Isso não significa que essa autonomia o impeça de interagir com outras linguagens, como a literária, por exemplo, sem que isso o transforme num subgênero em relação aos cânones.

Para isso, é preciso ver como a adaptação acontece, mesmo sabendo que as histórias em quadrinhos já são bem conhecidas pelos alunos. A adaptação é a representação de uma obra original, já existente no mercado. Ela pode preservar o texto original, como pode também encurtar ou prolongar o texto conforme o interesse do adaptador em relação aos outros elementos que compõem as narrativas como o espaço, os personagens, o tempo, etc.

Segundo Zeni (2013) “uma obra adaptada guarda uma relação de semelhança com seu original.” Todavia, até que ponto pode haver semelhança entre um livro e um filme? Ou mais especificamente nessa dissertação, Que semelhança, podemos ter entre um conto de Machado de Assis e uma HQ? “Um texto de prosa ficcional é composto de palavras e uma história em quadrinhos, de imagens e palavras divididas em quadros.” Então, essas palavras por coincidência também serão as mesmas? E as imagens, de onde serão tiradas, do imaginário do texto ou do contexto por onde perpassa a história? Zeni ainda complementa:

Mesmo as palavras não sendo as mesmas e as imagens nos quadrinhos sejam diferentes do que imaginamos ao ler o texto, ainda assim temos uma adaptação, mesmo que faça parte da relação obra original-adaptada, podendo ter muitas diferenças, ainda assim, no caso das narrativas, tendem a formar uma trama – ou história semelhante, embora essa semelhança não seja algo suficiente para a adaptação. (ZENI, 2013, p. 130)

Logo percebemos nisso tudo, que o mais importante nas adaptações é a intenção implícita e explícita que leva um profissional do quadrinho a recriar um conto literário o mais próximo possível de seu texto original, mesmo que alguma mudança possa vir a ocorrer, seja pelo decréscimo ou acréscimo de novos elementos na composição do enredo original dessa ou daquela narrativa.

É importante observar que quando se trabalha com o gênero HQ, deve-se primeiramente estabelecer qual a relação existente entre a obra original e a sua adaptação para quadrinhos. Mostrar para o aluno que é necessário fazer uma boa leitura das duas obras. Citar como exemplo o que acontece muito hoje com as obras literárias adaptadas para outro gênero imagético, o cinema. Quantas mudanças ocorrem e fazem com que as leituras e releituras sejam bem diferentes, embora a temática seja a mesma.

Ainda dentro dessa proposta de se trabalhar o texto literário adaptado ao gênero quadrinhos por meio de sequências didáticas, surge-nos também o desafio de encontrar outras formas de desenvolver práticas de letramento literário conforme nos sugere Cosson que vê a necessidade do ensino de literatura na escola.

[...] devemos compreender que o letramento é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2006, p. 23).

Desse modo, dentro de um processo de letramento literário, não podemos exigir simplesmente que o aluno seja um fazedor de resumo e de prova ou alguém que só preenche fichas de leitura, porque a leitura deve ser trabalhada paulatinamente a partir dos mecanismos que a escola poderá promover para que estes estudantes desenvolvam alguma forma de proficiência em leitura literária. O autor, na construção de seus pressupostos teóricos, trabalha com teorias linguísticas sobre o processamento sociocognitivo da leitura, discutindo questões importantes como decodificação, interpretação e construção de sentido de um texto.

1.4. Vida e obra de Machado de Assis

Nasceu em 21 de junho de 1839, numa modesta casa no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em meados do Segundo Reinado, em um Brasil que, embora fosse um país independente, ainda vivia sob a sombra de Portugal e da escravidão. Faleceu no dia 29 de Setembro de 1908, em sua residência no Cosme Velho, também no Rio de Janeiro, Machado de Assis, filho de um simples pintor mulato de nome Francisco José de Assis, sua mãe, uma açoriana, chamava-se Maria Leopoldina Machado de Assis. O nome dos pais, o local e a data de nascimento são algumas das poucas coisas das quais se tem certeza a respeito da infância de Machado de Assis. São muitos os estudiosos que tentaram buscar nas obras machadianas pistas sobre sua infância. E tantos outros, como Lúcia Miguel Pereira e Mário de Alencar, que

procuraram depoimentos de pessoas ligadas a Machado e sua família para que pudessem traçar um esboço de como teria sido a vida dele até os seus quinze anos, quando começou a trabalhar na tipografia de Francisco de Paula Brito, ocasião em que publicou seu primeiro poema “A Ilma. Sr.^a D.P.J.A.”⁴. Órfão de ambos os pais ainda muito cedo, foi criado pela madrasta, Maria Inês. Ainda na infância, apareceram sintomas de sua frágil compleição nervosa, a epilepsia e a gaguez, que o acometiam a espaços durante toda a vida e lhe deram um feitio de ser reservado e tímido. Foi um homem de origem humilde que aprendeu as primeiras letras⁵ numa escola pública, recebeu aulas de francês e de latim, de um padre amigo, Antônio José da Silveira Sarmento, cura da Capela de São João Batista, do palácio imperial de São Cristóvão, mas foi como autodidata que revelou o talento artístico que o transformaria em uma das figuras mais ilustres da literatura brasileira.

Em 1855, passou a colaborar no jornal *Marmota Fluminense*. O ano de 1856 marca também o começo do trabalho como aprendiz de tipógrafo, na Tipografia Nacional, atividade que se estende até 1858, depois passa a trabalhar como revisor de provas e caixeiro da livraria de Francisco de Paula Brito, permanecendo até o início da década de 1860. Nesse período colaborou também com o jornal *O Paraíba* de Petrópolis. Essa atuação jornalística multiplicou-se por diversos periódicos: ele foi tipógrafo e revisor, admitido na redação do *Correio Mercantil*, onde iniciou a publicação de seus escritos. Machado de Assis trabalhou muito. Esteve presente na redação do *Diário do Rio de Janeiro*; escreveu crônicas para a *Semana Illustrada*, revista de Henrique Fleiuss; assinou crônicas quinzenais para a revista *Futuro*; escreveu para o *Jornal das Famílias*, do editor Garnier; aplicou-se em seu trabalho como tradutor; e publicou seu primeiro livro de poesia, *Crisálidas*, em 1864. É também desse período o início da amizade entre Machado e José de Alencar. Tal foi a importância dessas relações de convivência com Alencar que Machado foi sendo introduzido nas rodas literárias e reconhecido como figura das Letras.

Seguiu também a carreira burocrática, primeiro no *Diário Oficial* (1867-73) e,

⁴ Quanto ao primeiro poema de Machado, há alguns desencontros entre os estudiosos. Para Proença (2010, p. 361), o primeiro poema publicado por ele, porém aos dezesseis anos, teria sido “A palmeira”, em 6 de janeiro 1855. E de versos também se faz o primeiro texto publicado “Ela”, em 12 de janeiro do mesmo ano, na *Marmota Fluminense*, jornal de Francisco de Paula Brito, onde passa a colaborar, a partir desta data até 3 de maio de 1861. No entanto, optamos por aderir à versão da Academia Brasileira de Letras (ABL), que afirma ter sido *A Ilma. Sr.^a D.P.J.A.* publicado em outubro de 1854.

⁵ Existe uma discordância entre os estudiosos sobre o escritor quanto à sua iniciação nas letras. Alguns, como Bosi (1986), afirmam que as primeiras letras de Machado foram ensinadas em uma escola pública, sendo que um amigo padre, Silveira Sarmento, teria lhe ensinado francês e latim, enquanto outros como Faria (2007), acreditam que fora sua madrasta, a doceira Maria Inês. No entanto, é consensual que foi por meio de exercícios como autodidata que Machado continuou seus estudos, tendo se iniciado na leitura de importantes autores de seu tempo, como Sterne e Leopardi.

posteriormente, na Secretaria da Agricultura (1874), Machado de Assis pôde entregar-se livremente à sua vocação de ficcionista. Foi ainda jornalista, crítico literário e teatral, poeta, contista e romancista. É nessa época que trava conhecimento com alguns escritores românticos: Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida.

Em 1869, aos trinta anos de idade, casa-se com uma senhora de origem portuguesa, Carolina Xavier de Novais, sua amada esposa até a morte dela e que lhe inspiraria a bela figura de Dona Carmo em *Memorial de Aires*. Ascendeu socialmente como funcionário público e ganhou notoriedade pública em uma época em que no Brasil ainda predominava o regime de monarquia.

Na extensa obra de Machado, destacam-se o romance e o conto. Com um estilo extremamente irônico, suas obras são reflexões profundas a cerca da essência e da condição humana. Fatos corriqueiros da vida, ambição, vaidade, a alma feminina, loucura, sedução, casamento e adultério, foram alguns temas que interessaram ao escritor. Mas como era um observador atento, não deixou de retratar como tema também os grandes acontecimentos de seu tempo e seu contexto social mais amplo como, por exemplo, a escravidão. Machado de Assis sofreu influências do Romantismo e do Realismo, principalmente deste último. Um processo gradual de amadurecimento, o qual seria responsável pelo desenvolvimento de uma maneira pessoal de escrever com características únicas e inconfundíveis. Sua obra transcende os limites do tempo e do espaço e ganha um caráter universal, daí passa a ser considerado um escritor de nível internacional. “A ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade” (BOSI, 2006, p. 182).

No primeiro momento de sua carreira como escritor, destacam-se as seguintes produções literárias: *Contos fluminenses* (1869), *Ressurreição* (1872), *Histórias da meia-noite* (1873), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Posteriormente a esse período, o escritor se revela com produções que alavancaram sua carreira literária, mostrando-se um autor mais amadurecido, que se apresenta com novos recursos de estilo em produções como: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Quincas Borba* (1891), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904), *Relíquias da Casa Velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908).

Machado de Assis, diferentemente dos outros escritores realistas de seu tempo influenciados principalmente pela teoria do Determinismo, procurou construir uma narrativa com forte exploração do aspecto psicológico do ser humano, mergulhando nas profundezas da alma e da mente humana revelando seus problemas de ordem social, não se resumindo apenas

em fazer análise de comportamentos a partir de suas causas.

Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar (CANDIDO, 2004, p. 19).

Isso se confirma a partir da segunda fase literária de Machado de Assis, na qual o escritor nos marca por um olhar mais minucioso sobre a vida refletida num profundo realismo sobre a sociedade de sua época, fato esse que o consagraria, definitivamente, como um dos maiores ficcionistas de todos os tempos na literatura brasileira. O momento crucial em sua produção literária foi sem dúvida a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, considerado o primeiro romance realista da literatura brasileira. É precisamente nesse romance que se encontram pela primeira vez, plenamente estruturadas e conhecidas, as características do estilo machadiano: o pessimismo, a ironia, as frequentes digressões, a minuciosa análise psicológica de seus personagens e a implacável crítica à burguesia carioca do século XIX. Demonstrava isso pela conversa constante com o leitor por meio da narrativa, convidando-o a refletir sobre si mesmo e sua atuação no mundo ou sobre o próprio livro que estivesse lendo.

Além dos temas já referidos, a literatura machadiana passou a interessar-se pelo lado mais profundo do espírito humano, pela morte, a luta entre o bem e o mal, a crueldade, a ingratidão, o egoísmo e a sensualidade. O escritor, por ter vivido intensamente, foi considerado, nos fins do século, o maior romancista brasileiro, sendo um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis morreu aos sessenta e nove anos de idade. Na Academia, coube a Rui Barbosa fazer-lhe o elogio fúnebre⁶. Sua produção literária pode ser dividida da seguinte forma:

Crisálidas. Rio de Janeiro: Garnier, 1864; *Falenas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869; *Americanas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1875; *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

Romance:

Ressurreição. Rio de Janeiro: Garnier, 1872; *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Gomes de Oliveira, 1874; *Helena*. Rio de Janeiro: Garnier, 1876; *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro: G. Viana & Cia.; *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881;

⁶ Seu funeral foi organizado e custeado pelo governo do Rio de Janeiro, a mando de Barão do Rio Branco. Do discurso ficou encarregado Rui Barbosa.

O cortejo e o enterro foram acompanhados por autoridades políticas, figuras públicas e pessoas das mais diversas camadas sociais. Machado é então enterrado, segundo sua própria determinação, na sepultura de Carolina, jazigo perpétuo 1359, no cemitério de São João Batista.

Quincas Borba. Rio de Janeiro: Garnier, 1891; *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899; *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904; *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Garnier, 1908.

Conto:

Contos Fluminenses. Rio de Janeiro: Garnier, 1869; *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873; *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Cia., 1882; *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884; *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1896; *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899; *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.

Teatro:

Queda que as mulheres têm para os tolos (tradução). Tipografia Paula Brito, 1891; *Desencantos*. Rio de Janeiro: Paula Brito, 1861. *Teatro*. Rio de Janeiro, Tipografia do Diário do Rio de Janeiro: 1863. *Quase ministro*. Rio de Janeiro: Tipografia da Escola, 1864; *Os Deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Instituto Artístico, 1866; *Tu, só tu, puro amor*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Cia., 1881.

Algumas obras póstumas:

Crítica. Org. por Mário de Alencar. Rio de Janeiro, Garnier, 1910; *Outras relíquias*. Sel. de Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1910; *Teatro*. Org. por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1910; *A semana*. Org. por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1914; *Cartas de Machado de Assis a Euclides da Cunha*. Colecionadas por Renato Travassos. Rio de Janeiro: Waissman, Reis & Cia., 1931; *Correspondência de Machado de Assis*. Reunida e anotada por Fernando Néri. Rio de Janeiro: América Bedeschi, 1932; *Novas relíquias*. Org. por Fernando Néri. Ed. Guanabara, 1932; *Obras completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937. Inclui os livros publicados pelo autor e mais *Crônicas*, *A semana*, *Crítica literária*, *Crítica teatral*, *Histórias românticas*, *Contos fluminenses*, 2º vol., *Relíquias da casa velha* (2º vol.), *Correspondência*. *Páginas esquecidas*. Org. por Elói Pontes. Rio de Janeiro: Casa Mandarino, 1939; *Casa Velha*. Intr. de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo, Martins, 1944; *Adelaide Ristori (folhetins)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955; *Ideias e imagens de Machado de Assis*. Org. e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1956. *Contos esquecidos*, *Contos Avulsos*, *Contos recolhidos*, *Contos esparsos e Contos sem data*. Todos esses com organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1956; *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Org. e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1956; *Prosa e Poesia*. Prefácio e notas de J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira,

1957; *Contos e Crônicas*. Org. e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1958; *Crônicas de Lélío*. Org. e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1958 e *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, 3 v.

Certamente, Machado de Assis produziu uma extensa obra de fundamental importância para as escolas literárias brasileiras dos séculos XIX e XX. O escritor discorreu sobre diversos temas, porém um tema muito presente em seus contos é aquele que trata da figura feminina, que percorre em boa parte de sua produção. Lembramos aqui outras vertentes das quais se alimenta o conto machadiano, entre elas o humor, a ironia, o ceticismo, a análise psicológica dos tipos, a crítica aos costumes e vicissitudes de uma sociedade burguesa, o cientificismo, os conflitos entre a aparência e a essência, o ciúme, a morte, o adultério, a ganância e a vaidade. Seus contos e seus romances, segundo Proença (2010, p. 15).

Caracterizam-se entre outros traços, o experimentalismo de feição lúdica, a desmitificação da aura, a presença da paródia, a construção gradativa das personagens através do fluxo de consciência, a valorização dos estados mentais das personagens mais do que da ação e da trama, o permanente exercício da metalinguagem, a fratura da visão trágica através do humor, certa dose de surrealismo, a presença de influências explicitadas, a preferência pela relatividade, a prática da narração como um processo de autorrevisão, o estímulo à participação do leitor na “composição” da obra.

O escritor trata de maneira nem um pouco convencional os diversos elementos estéticos que compõem sua obra. A preocupação com a estrutura, o direcionamento e a base dessa construção, o cuidado com que os personagens são formados e caracterizados, a maneira como a narrativa se desenvolve, o domínio do tempo e a construção de frases muito bem elaboradas.

A literatura de Machado não pode ser vista também apenas como mais um estilo de época, nem como algo para ser utilizado fundamentalmente para fins didáticos. O escritor não se enquadra como um romântico ou um realista típico, porém, sobretudo, é o dono de um estilo único que o torna universal, ultrapassando as barreiras do tempo e da tradição literária brasileira. O propósito aqui não é abordar o escritor em relação aos estilos de época, e sim, mostrar sucintamente nas adaptações para HQ, como suas obras apresentam algumas singularidades sem qualquer encaixe harmônico entre elas. Machado de Assis, de algum modo, foge às classificações estéticas, proporcionando aos estudiosos de sua literatura um incessante desafio.

Embora em muitos livros didáticos sua extensa obra apareça dividida em duas fases

literárias, é importante saber que muitos de seus críticos não reconhecem essa divisão e afirmam ter o escritor iniciado sua produção quando a escola romântica ainda predominava na literatura nacional, e que o autor acompanhou as transformações ocorridas na época e produziu outras obras dentro de uma nova estética literária que nesse segundo momento passara a dominar a produção literária no Brasil.

1.5. O contista Machado de Assis

Neste subtópico discorreremos um pouco sobre o conto machadiano como parte integrante dessa dissertação, tendo em vista que o nosso *corpus* é composto justamente por três contos desse mesmo autor. É relevante observar a relação de semelhança que existe entre a sua produção como romancista e contista, que partiu de dois momentos importantes de nossa literatura. Todavia, o conto foi de certa forma, um veículo por meio do qual Machado procurou testar as personagens, os cenários e os temas que foram explorados de forma mais profunda e abrangente em seus romances; ou mesmo para reutilizar ou reaproveitar determinados elementos dos romances que lhe pareceram ter sido pouco explorados, e que puderam ganhar uma vida mais significativa a partir da estrutura do conto. Machado de Assis é capaz de retratar determinadas interações humanas, e porque não sociais, de modo a fazer com que elas sejam muito bem assimiladas pelo leitor sem a necessidade de um aprofundamento psicológico maior, que é a marca de seus romances.

Entre muitas controvérsias por parte da crítica, sobre ter ou não havido um escritor dividido por duas fases da literatura, que seriam primeiramente o Romantismo e depois o Realismo. Afrânio Coutinho, um de seus críticos literários, assegura-nos não ter havido uma ruptura nessas fases de Machado, mas sim uma continuidade: “se existe diferença [entre os livros] não há oposição, mas sim desabrochamento, amadurecimento” (COUTINHO, 1990, p. 29). Desse modo, ele desfaz o mito de que o romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” tenha sido uma obra de ruptura entre o Romantismo e o Realismo, como muitos críticos afirmavam ser.

Quanto aos seus escritos, segundo registra (JUNQUEIRA, 2009, p. 116). “Toda a produção do contista Machado de Assis está reunida em sete volumes: *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906), aos quais se poderiam somar duas outras publicações póstumas, *Outras relíquias* (1910) e *Novas relíquias* (1932).”

Foi lançada no Brasil sob o selo da Editora Nova Aguilar, a mais recente edição de todos esses contos, totalizando 189 textos de autoria definitivamente comprovada. Esses textos correspondem ao segundo volume de um conjunto de quatro tomos que reúnem toda a obra literária que nos legou o escritor.

Seus contos foram ambientados na cidade do Rio de Janeiro, lugar onde nasceu o escritor e da qual se afastou por dois brevíssimos períodos: quando de sua ida a Barbacena e durante os quarenta dias que permaneceu em Nova Friburgo por motivos de saúde. Isso explica por que todas as histórias curtas que escreveu tenham sido inicialmente publicadas em revistas e jornais cariocas, exceção feita a “Miss Dollar”, que abre sua primeira coletânea no gênero, *Contos fluminenses* (1870), e a cinco das que se incluem na última, *Relíquias da casa velha* (1906). No *Jornal das Famílias*, por exemplo, Machado publicou setenta contos entre 1864 (quando começou seriamente sua trajetória de contista) e 1878. Em *A Estação* aparecem 37 contos, escritos entre 1879 e 1898, e na *Gazeta e Notícias* outros 56, que pertencem ao período de 1881 a 1897.

A análise dos contos machadianos confere ao autor uma evidente superioridade no campo da ficção em relação à realidade, pois somente na ficção tudo é possível acontecer, ao contrário da realidade. Machado se revela um extraordinário conhecedor da alma humana, de seus afetos e de suas contradições, como também se mostra um autor consciente quanto ao ato de narrar, é afeito às regras que lhe são impostas pelo gênero.

O autor além de ser um hábil estilista, inspirado pelo dom, pela vocação de ser um contador de histórias, sabe muito bem encarar a vida diretamente ao dar a narrativa um formato de oralidade, com um hábil emprego da ironia. A sua estrutura contista prioriza o diálogo, o sujeito que diz de uma forma espontânea, posicionando-se em seu discurso. O ponto mais intenso de seu estilo é a oralidade. Certamente, não há diferença entre as linguagens escrita e falada. As duas formas de expressar pensamento e a emoção humana são uma só.

Notadamente que sua oralidade lhe confere aos contos aquele tom de conversa de quem conta uma história de modo tão agradável e envolvente ao ponto de não percebermos a diferença entre a linguagem escrita e a falada. É por essa razão que “Machado de Assis é o menos literário de nossos contistas” Junqueira (2009, p. 117). Esse comentário só ratifica a vocação do escritor para contar histórias e aí está a grande virtude de seu estilo como contista.

Uma característica marcante do escritor é narrar apenas o que é essencial, tendo em vista que o conto por ser uma narrativa breve, o autor se utiliza muito bem dos três elementos básicos dessa modalidade de narrativa: a situação inicial, o conflito e a resolução; suas personagens não se revelam apenas pelas ações, mas pelo pensamento, e, é aí que o escritor

faz sua grande diferença, e que mais tarde irá influenciar outros escritores modernos.

Outra característica que observamos no início de seus contos é não revelar de imediato o verdadeiro perfil psicológico de seus personagens, mas apenas seus nomes. No decorrer da trama, é que ele vai aos poucos deixando pistas, construindo pouco a pouco esses perfis, que no final da história acabam até por nos surpreender. A quase ausência de digressões se justifica pela existência de uma única ação que faz com que todos os componentes do texto convirjam para ela. Com isso, ele evita o detalhamento ou os excessos, fazendo o uso de *flashbacks* nas mudanças de tempo que nos quadrinhos é representado pelo recordatório⁷. Outro aspecto é o fator tempo e espaço. O tempo predominante é o presente, com as ações acontecendo até em um fragmento do dia; uma manhã, tal hora do dia, um fim de tarde, etc. Já o espaço, concentra-se em uma mesma localidade, com variações de espaços em dimensões menores como: uma rua, um quarto, uma sala, uma cama, etc. São esses pequenos elementos que ajudam a construir o texto. Normalmente o escritor escolhe um espaço determinado para criar um momento de muita tensão na narrativa e outro posteriormente para o desfecho da narrativa.

Além de todos esses elementos de ação como o número reduzido de personagens, o tempo e o espaço; é importante dizer que o diálogo é a base, é ele que faz com que a linguagem do conto seja objetiva, conforme diz o crítico Massaud Moisés:

Os conflitos, os dramas, residem mais na fala, nas palavras proferidas (ou mesmo pensadas) do que nos atos ou gestos (que são reflexos ou sucedâneos da fala). Sem diálogo, não há discórdia, desavença ou mal entendido, e, portanto, não há enredo, nem ação. (MOISÉS, 1982, p. 54).

1.6. Resumo comentado dos três contos machadianos estudados

- “Conto de escola”

Originalmente publicado em 1884, no jornal *Gazeta de Notícias*, e posteriormente em 1896, no livro *Várias Histórias*, “Conto de escola” foi ambientado no Rio de Janeiro, no auge da corte de D. Pedro II. Trata-se de uma história narrada em 1ª pessoa por um narrador já adulto, que de forma crítica, analisa um acontecimento marcante de sua infância quando era aluno do professor Policarpo. No texto, Machado de Assis traça um verdadeiro perfil

⁷ Caixa de texto inserido na vinheta (desenho) que tem como principal função recordar ao leitor os fatos narrados na HQ anterior. Também, funciona para indicar a simultaneidade dos acontecimentos da narrativa, a passagem de tempo ou o deslocamento do espaço.

psicológico de seus personagens, ao narrar um momento de conflito vivido pelo narrador-protagonista, o menino Pilar, durante a época da escola primária, em tempos de autoritarismo dos pais e das temidas palmatórias. O autor incita o leitor com este texto a uma reflexão sobre as consequências do medo e do castigo e também do papel da escola e da educação na formação do caráter infantil.

No conto, o narrador explora as lembranças de Pilar – o protagonista que nos conduz ao longo da narrativa em primeira pessoa. “A escola ficava na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã.” (ASSIS 2008, p. 510).

Por meio do narrador, conhecemos o professor Policarpo. Homem severo, com cinquenta anos ou mais, residia no andar inferior de um sobrado e tinha sua escola funcionando no andar de cima. Era um homem extremamente ríspido no trato com seus alunos e trazia junto a si uma palmatória redonda, de madeira, com cinco furos e que era o terror de todas as crianças, “Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca.” (ASSIS, 2008, p. 512).

O medo que o mestre provocava nos alunos vai gerar uma situação sobre a qual o conto discorre, e que envolve particularmente dois outros meninos: Raimundo, filho do professor Policarpo e Curvelo, um colega de sala.

Observamos que as práticas pedagógicas do prof. Policarpo retrata um modelo de sistema escolar em que se prega a disciplina, o silêncio, o valor moral e a falta de liberdade de expressão. Suas atitudes como regente de classe revelam uma postura que, nos dias de hoje, seria considerada antipedagógica, pois enchia o quadro de atividades e passava a maior parte do tempo sentado lendo jornal, não interagira nem um pouco com os alunos e fazia da palmatória a sua lei. Os alunos não tinham respeito por ele, e sim pavor. Por meio desse conto, é possível dimensionar como era o sistema educacional no período monárquico de forma muito explícita, observando a prática e a conduta do professor na sala de aula.

O conto é narrado sob o ponto de vista de Pilar já depois de adulto que, ainda criança, não percebia a escola como um espaço em que se transmite conhecimento e que, portanto, era o lugar ideal para se construir o saber, mas acabou encontrando o lado negativo da escola. Qualquer lugar era mais prazeroso do que o interior da mesma, tanto que no final do conto, ele prefere acompanhar uma banda militar a ter que ir à escola. O protagonista da história sentia-se até feliz por cometer essa espécie de transgressão que era cabular aula.

“Conto de escola” é um desses textos que, aparentemente desprezioso, apresenta uma ampla visão sobre o cotidiano de uma escola onde se desenrola o dia a dia do

personagem Pilar. O tema predominante desse conto é a corrupção no meio infantil, justamente no espaço de uma sala de aula, onde esse tipo de prática é particularmente inaceitável. A corrupção pode acontecer em qualquer momento da vida até mesmo na infância. A prática de favores, o velho costume de fazer alianças com a finalidade de obter favorecimento é algo muito comum no Brasil, principalmente no campo da política, e fora dela é como sentir-se na obrigação de ajudar alguém, não por solidariedade, mas pelo benefício próprio. Conforme relata o sociólogo Martins:

Os mecanismos tradicionais do favor político sempre foram considerados legítimos na sociedade brasileira... E o favor, como obrigação moral entre pessoas que não mantém entre si vínculos contratuais. (MARTINS, 1994, p. 20).

Logo, é possível afirmar que Pilar sentiu-se na obrigação de ajudar Raimundo, por ser este um colega de classe. Contudo vale lembrar que, segundo o próprio Pilar afirma no conto, teria ajudado o filho do mestre de qualquer modo, sem que este necessitasse de alguma coisa em troca de seus favores. Isso denota a ideia de solidariedade, de companheirismo, que na sociedade em geral, é visto como símbolo de bom caráter.

Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era a lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, mas queria assegurar-lhe a eficácia. (ASSIS, 2008, p. 513).

O autor, inteligentemente, fornece-nos algumas pistas ao longo da narrativa. Decerto que um leitor mais atento levantaria algumas hipóteses, as quais poderiam levá-lo a conclusões mais precisas. Por exemplo, no caso de Raimundo, poderia explicar-se a atitude do filho do mestre com base na ideia de que ele possuía um verdadeiro pavor do pai, pois o medo de levar uma surra de palmatória diante da turma toda, por tirar notas baixas, seria uma humilhação para ele. Conforme mostra o texto “Raimundo era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco” (ASSIS, 2008, p. 511).

Além da questão do receio, existe a ideia da gratidão ao amigo, “na sociedade brasileira, há o costume de dar presentinhos ou fazer um agrado frente a um favor como forma de agradecimento” (MARTINS, 1994, p. 43). Logo, não seria incorreto dizer que Raimundo se utilizou da moeda de prata não somente porque queria uma tarefa bem feita, sem erros, conforme demonstrado na citação anterior de Machado “o medo de achar a minha vontade

frouxa ou cansada, e não aprender como queria” (ASSIS, 2008, p. 513), mas também para demonstrar ao amigo o apreço, a admiração que tinha por ele.

Esta situação traz um detalhe curioso, pois o autor nos leva a pensar profundamente; Raimundo oferecia a moeda para Pilar em troca de que este lhe ensinasse o trabalho. Inusitado o negócio, mas atraente, relutou em aceitar, e no meio dessa negociação, aparece Curvelo que observava com olhares cada vez mais maldosos. Já de posse da moeda, colocou-a no bolso da calça e passou num pedaço de papel a Raimundo, a parte que lhe cabia no negócio. Foram descobertos e intimados a ir à frente pelo mestre que não hesitou em lhes aplicar o castigo de doze “bolos” de palmatória para cada um e ainda lançou pela janela a tão cobiçada moeda. Além da dor nas mãos e da falta da moeda, agora também era o ódio que Pilar passou a sentir por Curvelo que os entregou para o professor. É importante destacar aqui, que essa atitude do professor de puni-los com palmatória, atualmente é proibida por lei segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA⁸) como medida cautelar que visa a garantir o direito da criança ou do jovem de ser educado sem o uso de castigos corporais.

Na saída da escola, Pilar quis acertar as contas com o colega delator, que fugiu às pressas e foi se esconder. Em meio ao sentimento de vingança e objetividade, deparamo-nos com um final interessante, revelado pela mente de uma criança. Pois, no dia seguinte, saiu de casa bem cedo para que no caminho da escola pudesse chegar primeiro e encontrar a moeda, porém escutou o rufo do tambor de uma companhia do batalhão de fuzileiros, que o levou a mudar de ideia e não ir mais à escola, mas sim, seguir em direção à praia da Gamboa onde passou o restante do dia. Ao retornar para casa, ainda sentia-se seduzido pelas batidas do tambor que o fez esquecer a tal moeda e se livrar de todo ressentimento que havia por Raimundo e Curvelo, e que o fez pela primeira vez conhecer a corrupção e a delação.

É assim que Machado descreve seu pessimismo e humor irônico, o ato de corrupção em suas obras da segunda fase. Ele permite que se conclua que o ato corrupto, representado

⁸ A **Lei 2.654/03** (Lei da Palmada) trata das alterações da **Lei 8.069, de 13/07/1990**, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e da **Lei 10.406, de 10/01/2002**, o Código Civil Brasileiro, esta lei é uma emenda constitucional ao que já dizia no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Desde julho de 2010 já havia sido enviado ao Congresso e se encontrava na pauta para votação na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Com as alterações na lei, o artigo 18 passa a definir “castigo corporal” como “ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em dor ou lesão à criança ou adolescente”. A definição proposta se aplica não só para o ambiente doméstico, mas também para os demais cuidadores de crianças e adolescentes - na escola, nos abrigos, nas unidades de internação. **Fonte:** <http://www.ambito-juridico.com.br/site/> Acesso em 08.09.2015.

no conto, tenha sido uma consequência do medo de Raimundo por seu pai. Portanto, deixa claro que a culpa não pertence somente às crianças envolvidas, mas também ao professor. O autor mostra, com isso, que as ações individuais podem ser frutos de um convívio social, sendo que não se pode culpar apenas uma ou duas pessoas, mas grande parte delas, por determinadas situações.

Embora se trate de um texto fictício, em “Conto de escola”, Machado chama atenção para o fato de que esse era o modelo educacional da época. O autor em nenhum momento escreve o conto como se fosse uma matéria de jornal que intencionalmente tem o interesse obrigatório de denunciar o que ali se passava. A Literatura aparece como um elemento desencadeador de novas perspectivas sociais no que diz respeito aos modelos educacionais e principalmente na relação professor-aluno. Desaparece aí a hierarquia rígida sob a qual se apoiava o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança, mais democrática, entre os professores e os estudantes.

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: palavra, mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. (FREIRE, 2006, p. 89).

Aqui o diálogo como o elemento preponderante em uma relação democrática entre professor e aluno, indica-nos um repensar, um refazer das nossas práticas pedagógicas centradas na formação integral da pessoa no transcorrer do tempo. Nos termos de Freire, ao pronunciar a palavra, pronunciamos o mundo e nos fazemos humanos e é na força da palavra que se encontram nossa ação e reflexão.

A escola hoje seja ela pública ou privada, tem como função primordial formar indivíduos, embora já conformados aos valores dominantes de uma língua falada e escrita segundo os padrões de uma determinada classe, isso inclui também a Literatura e as Ciências. A escola exclui aqueles que resistem, e impõe a dominação pelo consenso àqueles que permanecem nela até o fim da escolaridade aprendendo, a não ser, para se tornarem ‘bons’ alunos e ‘bons’ cidadãos.

Embora na prática atual, a escola, na mesma medida em que trabalha com indivíduos diferentes, vindos de classes diferentes, com valores, crenças, hábitos linguísticos e comportamentais diversos, é também um campo de batalha – luta de ideias e de linguagens – como expressão de “luta de classe”.

Em verdade, não seria possível a educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. (FREIRE, 2006, p. 68).

Desta maneira, complementa Freire “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 2006, p. 68). Ambos, dessa forma, tornam-se sujeitos do mesmo processo em que juntos crescerão e os ‘argumentos de autoridade’ já não valerão mais nada.

Hoje, contrariamente a Policarpo, o professor deve ser um profissional que conhece as relações sociais que imperam na sociedade e trabalha com alunos das várias camadas, ao exercer um papel político fundamental, no interior da escola, como diz Freire “Não há uma pedagogia neutra; toda pedagogia é política.” (FREIRE, 2006, p. 68). Portanto, na Literatura, cabe ao escritor transformar, fazer experiências inovadoras e levar o público leitor, sempre que possível, a uma reflexão sobre a vida e as coisas que nos cercam em diferentes contextos.

É desse quadro contextual que ganha novos significados o fato de a ficção de Machado de Assis ser pródiga na apresentação de figuras e cenas de escola. No conjunto, narradas do ponto de vista dos pequenos estudantes, as cenas machadianas compõem um triste painel de uma escola impiedosa e severa, que era um tormento para os alunos sempre temerosos de surras que os mestres poderiam lhes aplicar.

- **“A cartomante”**

Em “A cartomante”, conto de Machado de Assis, publicado originalmente em 1884, no Rio de Janeiro pela *Gazeta de Notícias* e posteriormente no livro *Várias Histórias*, o autor mostra uma visão objetiva e pessimista da vida e das pessoas, analisa psicologicamente as contradições humanas ao criar personagens imprevisíveis. O conto relata um caso de amor proibido, uma experiência conflitante dentro de uma sociedade conservadora que termina de maneira trágica. Para isso, Machado com muito senso de humor critica ironicamente uma situação humanamente vivenciada pelas personagens conforme os padrões de comportamento daquela época. Para isso, envolve as personagens em um jogo de intriga em que se misturam ingenuidade e malícia, sinceridade e hipocrisia.

É também muito interessante observar como o autor utiliza seus traços marcantes que se destacam pela profundidade psicológica a que são submetidas suas personagens. O leitor é convidado a investigar as razões e as atitudes, pelas ações de cada personagem, se agiu de forma adequada ou não. Nesse sentido, as inquietações humanas só enfatizam a presença dos

traços literários do escritor.

O enredo não se inicia com uma sequência cronológica de acontecimentos, ele se desenvolve em torno de um único conflito: o triângulo amoroso entre Vilela, Rita e Camilo. Todavia, os amantes Camilo e Rita já são apresentados ao leitor logo de imediato. Narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, o conto começa fazendo uma relação intertextual com a célebre frase de *Hamlet*, de Shakespeare, que dizia “haver mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”. (ASSIS, 2008, p. 447).

”Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro, de 1869, quando este ria dela, por ter ido à véspera consultar uma cartomante, a diferença é que o fazia por outras palavras” (ASSIS, 2008, p. 447). A citação logo no início da narrativa leva-nos a um pressuposto de que algo trágico irá percorrer por todo o enredo do conto mesmo que não possamos de imediato imaginar ao certo como será o desfecho. É uma narrativa tensa composta de vários sentimentos que se alternam de uma hora para outra como paixão e ciúme, alegria e tristeza, paz e tormento, esperança e desespero. Em certos momentos da narrativa, a história ganha um caráter dramático pela desconstrução do suposto “herói” Camilo frente ao destino que o espera. Aos poucos, a narrativa revela os traços do pessimismo e da melancolia revestidos por uma fina ironia que se conclui com o frio assassinato dos amantes.

No conto, a crítica fica centrada no comportamento das personagens, mais precisamente na análise psicológica do trio formado por Camilo, Rita e Vilela, no qual, Machado de Assis mostra as contradições, as aflições, os desejos e medos que atormentam esses personagens que compõem o triângulo amoroso da história, para isso o autor faz uso de seu estilo refinado, sua ironia e pessimismo, que são confirmados no desfecho da narrativa pela ausência de um final feliz para o casal de amantes. A ironia aqui se apresenta na reflexão que se faz sobre os contrastes já existentes entre as convenções sociais e o modo como as ações do homem são praticadas, tendo em vista a maneira como esse mecanismo se transforma em uma importante arma no discurso contra a moral de uma sociedade cada vez mais hipócrita. O autor não tem somente o interesse de fazer referência a uma realidade qualquer, mas de uma ficção viva e rica de significados. “Não procuremos em sua obra uma coleção de apólogos nem uma galeria de tipos singulares. Procuremos, sobretudo, as situações ficcionais que ele inventou”. (CANDIDO, 2004, p. 32).

Camilo e Vilela eram amigos desde a infância, e Rita surge na história como a mulher de Vilela, por sinal, muito comentada nas correspondências entre o marido e o amigo. Nesse reencontro dos dois, já adultos, após um longo tempo, fica evidente existir ainda aquela velha amizade. Camilo desde cedo tratava das superstições, crendices e até mesmo da religião com

bastante ceticismo. Todavia, ao conhecer Rita, sentiu-se atraído por seus encantos femininos e logo surgiu entre os dois, uma forte atração. Tornaram-se amantes e mantinham encontros escondidos de Vilela. Certo dia, ao receber um bilhete anônimo advertindo-o sobre o caso que havia entre ele e Rita, ficou com medo e resolveu afastar-se dela, motivo esse que a levou novamente a consultar a Cartomante para saber se Camilo havia realmente deixado de amá-la.

Depois de algum tempo, os dois voltam a se encontrar novamente. Apesar da discrição redobrada, continuavam a chegar cartas anônimas. Os dois então decidem reunir as cartas para verificar as letras e descobrir alguma coisa sobre quem poderia estar enviando essas correspondências anônimas.

No decorrer das ações, Rita percebe que Vilela tem andado diferente, meio distante dela. Nesse meio tempo, Camilo recebe um bilhete de Vilela dizendo-lhe para ir correndo à sua residência, pois era urgente. Camilo fica preocupado, passa a temer por sua vida e de Rita. Entretanto, mesmo apreensivo, decide ir à casa do amigo, não pensava em desistir. Apanha um tálburi (meio de transporte daquela época) e, no caminho, sente-se dominado pelo medo. Percebe alguns sinais de que Vilela pudesse ter descoberto o caso e o espera para matá-lo. Porém não pode voltar atrás, deixando Rita sozinha com o marido. No entanto, quando se dirigia à casa de Vilela, um acidente na rua fez com que o tálburi ficasse parado em frente à casa da cartomante de Rita. Como levaria algum tempo para retirarem a carroça que tombou no meio da pista, Camilo tomado pelo medo e a insegurança, decide consultar a cartomante, mesmo que isso contrariasse suas descrenças. Logo, decide visitá-la e durante a consulta, mostrou confiança nela, que o acalmou e o fazia esquecer-se do perigo que o esperava. Camilo acreditou nas palavras daquela mulher e ficou deslumbrado com as boas novas. Ao sair, tudo lhe parecia melhor, “Chegou a rir dos seus receios” (ASSIS, 2008, p. 452), esquecendo-se até das evidências das cartas anônimas que havia recebido.

O leitor é levado à expectativa do desfecho do conto. O personagem Camilo ignora todos os fatos acontecidos. Sua mente agora é outra, o tempo do enredo, já é longo. O personagem ver um futuro próspero. Em suma, seus pensamentos são todos positivos com relação à vida. Dirige-se à casa do amigo e, ao chegar, é recebido por ele. Tranquilo, Vilela o leva até uma pequena sala onde já se encontrava Rita morta sobre um canapé. Camilo, ao ver a cena, é tomado por um pavoroso susto e antes que pudesse esboçar qualquer reação, Vilela o apanha pela gola da camisa e lhe dá dois tiros de revólver no peito.

Vilela, certamente, valeu-se de uma prática muito comum outrora nos casos de crime por adultério, mais conhecido na linguagem criminalística por crime passional, a qual concedia ao homicida o direito da chamada “legítima defesa da honra”, tese essa muito refutada nos dias de hoje, tendo em vista que as leis do Código Penal brasileiro têm sofrido

constantes alterações e emendas devido às conquistas sociais, principalmente por parte das mulheres, como por exemplo, a lei do feminicídio⁹.

- **III. “Pai contra mãe”**

Publicado em 1906, fazendo parte de uma coletânea de contos do livro *Relíquias da Casa Velha*, composta por textos reunidos pelo próprio Machado de Assis e publicados dois anos antes de sua morte em 1908. O conto “Pai contra Mãe”, assim como os demais dessa coletânea, apresenta o pleno domínio da técnica de narrativas de curta duração com um amplo desdobramento ao alcance do leitor. Faz parte de uma fase mais amadurecida do escritor já ambientado ao Realismo por seus traços característicos desse movimento literário.

Narrado em 3ª pessoa, é um dos contos em que o autor traz como tema central, a escravidão na sua forma mais brutal. Tivemos o cuidado de observar nele a questão do negro no Brasil justamente para esclarecer que o conhecimento que se tem nos livros didáticos, restringe-se a informações até certo ponto conhecidas. Neles, os negros eram vistos à época colonial como seres inferiores, indisciplinados, ótimos para o trabalho braçal e as mulheres negras eram objetos de exploração sexual dos seus senhores. Os temas explorados em sala de aula e nos livros didáticos ainda continuam os mesmos (tráfico negreiro, Zumbi dos Palmares, leis da abolição e cultura negra).

Mesmo com a abolição da escravatura, nenhuma medida foi tomada com o intuito de integrar os negros à sociedade brasileira. Logo, isso trouxe uma grande desigualdade social, dando início à discriminação racial e a exclusão socioeconômica do negro até o início do século XXI. Apesar disso, o Governo Federal por meio de ações sociais tem procurado pagar o preço de uma “dívida histórica”. Certamente, muita coisa ainda precisa ser feita para que o negro supere esse drama. Todavia, foi criada a Lei 10.639¹⁰ cujo objetivo é assegurar (em todos os níveis educacionais) o reconhecimento e a valorização da identidade negra, bem como o reconhecimento da pluralidade étnico-racial, na tentativa de identificar, combater e superar as manifestações de racismo, preconceitos e discriminações e, conseqüentemente,

⁹ A Lei nº 13.104/2015, em vigor desde o dia 10 de março de 2015, altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940 e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, o que prevê no código penal o “feminicídio”, quando o crime é praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. Na prática, isso quer dizer que casos de violência doméstica e familiar ou menosprezo e discriminação contra a condição de mulher passam a ser vistos como qualificadores do crime.

¹⁰ Em março de 2003, foi aprovada a **Lei Federal nº 10.639/2003**, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394/96) e torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa Lei além de alterar a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), tem como objetivo promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro.

produzir nas instituições educacionais uma nova relação entre os diferentes grupos étnico-raciais.

Observa-se que nesse momento, ao retratar o processo da escravidão iniciado no século XVI indo até o final da segunda metade do século XIX. Machado mostra também a realidade brasileira de quase trezentos anos e que de certo modo ainda perdura nos dias de hoje, todavia sob outras formas de escravidão e de preconceito contra os afrodescendentes. “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos como terá sucedido a outras instituições sociais”. (ASSIS *apud* PROENÇA 2010, p. 307).

É bom lembrar que quando o escritor Machado de Assis escreveu este conto, a escravidão no Brasil já havia sido abolida. Portanto, a estrutura do conto vai demarcar dois momentos de forma explícita: o texto se divide em duas partes – a primeira contendo uma explanação de caráter histórico informativo; e a segunda, que traz a narrativa do conto em si. Dessa forma, esta última assume a condição de ilustração do ponto de vista desenvolvido na primeira.

Traçando um perfil psicológico dos personagens, Machado traz à tona o problema da indiferença humana, o egoísmo de uma sociedade hipócrita muito bem ironizada pelo escritor sobre os mandos e desmandos impostos às classes menos favorecidas. Os personagens Cândido e a escrava fugida representam os dois lados de uma esfera social decadente. Os maus tratos sofridos pelos escravos, a subserviência aos seus senhores e os castigos a que eram submetidos quando capturados. Todavia, os escravos não aceitavam sua condição de vida desumana, fugiam com muita frequência, sendo caçados por um capitão do mato que recebia por esse trabalho, uma gratificação, já os escravos eram devolvidos a seus respectivos donos. É aí que entra a história de Cândido Neves, que segundo a narrativa, adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos.

O conto inicia com um breve relato presente nos cinco primeiros parágrafos, uma série de reminiscências a situações e a dados históricos que contextualizam o período da escravidão negra no Brasil. A história se passa no Rio de Janeiro do século XIX antes da abolição da escravatura, embora a publicação tenha sido feita alguns anos posteriores a essa época como já dissemos antes. Os relatos sobre esse período aparecem aqui apenas como pano de fundo para o enredo da história. Os aspectos socioeconômicos e a miséria humana em que se inserem os personagens são evidenciados ao longo do conto como o ofício de apanhar escravos foragidos, que era o que restava àqueles que não obtinham sucesso em outras profissões. Após esse breve relato, o autor apresenta a história do protagonista Cândido Neves, “um homem que não aguentava emprego nem ofício” (ASSIS, 2008, p. 632) e, que

diante de várias tentativas frustradas de arrumar um trabalho como tipógrafo, comerciante e entalhador; assume a função de capturar escravos fujões. Cândido, pela manhã, lia os jornais nos quais havia muitos anúncios de escravos fugidos. Como não havia fotos nos jornais da época, as descrições físicas eram muito detalhadas, assinalando o sotaque do escravo, suas eventuais cicatrizes etc., o que facilitava na identificação e captura de algum fugitivo. Assim, após ter lido os anúncios e ter tomado notas das características dos escravos foragidos que ele acreditava poder cruzar nas ruas da cidade, Cândido saía para caçar. Com auxílio de uma corda, ele atacava a pessoa que julgava corresponder a um anúncio determinado.

Por outro lado, Clara, moça casadoira que, como toda solteira da época, desejava arrumar um namorado que a tomasse por esposa, era órfã e morava com a tia, Dona Mônica, que era costureira. A paixão de Cândido pela moça trouxe-lhe o desejo de formar uma família, e a necessidade de um ofício mais estável e nobre.

Clara auxiliava a tia na profissão de costureira, mas logo ficou grávida mesmo contra a vontade da tia que desde o começo do namoro dos dois já vivia preocupada com falta de recursos financeiros do casal. Essa preocupação com a gravidez da sobrinha era porque teria agora mais uma pessoa para alimentar em sua casa. Mesmo assim, o casal decidiu levar adiante essa gravidez contra a vontade da tia de Clara.

A situação financeira da família foi ficando cada vez mais difícil durante esse período, o que se confirmou ao nono mês de gestação. Finalmente, quando Clara deu à luz um menino, a tia incita a sobrinha a abandonar a criança na “Roda dos enjeitados”, um guichê giratório instalado na fachada dos orfanatos, que recebia filhos indesejados para serem adotados. Por causa dessa difícil condição financeira da família acabou sendo despejada por falta de pagamento do aluguel que estava atrasado havia três meses.

Para remediar a situação, tia Mônica conseguiu alguns cômodos de favor, na parte baixa da casa de uma conhecida. O casal se pôs prontamente contrário a tomar essa decisão, porém voltaram atrás e aceitaram a ideia. Candinho, para os mais íntimos, caçava escravos, um dia tinha dinheiro e em outro não tinha um centavo. Quando o trabalho de pegar escravos não dava mais lucro, em decorrência da diminuição dos negros e da concorrência, Candinho se via numa situação muito difícil. Diante disso, vê suas chances diminuírem ainda mais, o que o fez tomar a decisão de levar seu filho à Roda dos enjeitados.

No meio do caminho, deparou-se com uma escrava fugida de nome Arminda, pela qual o proprietário pagava uma boa recompensa. Ele a procurava há tempos, a devolução lhe traria certamente a recompensa de cem mil-réis que o ajudaria a suprir todas as suas necessidades. Apressadamente, deixou o menino em uma farmácia cujo proprietário conheceu na véspera, dizendo que voltaria para buscá-lo e partiu na perseguição da escrava

pela Rua dos Barbonos, entrando em seguida na Rua da Guarda Velha e posteriormente cortando caminho por um dos becos que ligavam essa rua à da Ajuda. Ao aproximar-se, viu que se tratava realmente da negra fujona, agarrando-a pelo braço, amarrando-lhe as mãos para não escapar, a escrava começou a gritar pedindo que Candinho a soltasse, revelando-lhe estar grávida e que temia os castigos físicos que sofreria. Indiferente a esses apelos, ele continuou andando em direção à casa do proprietário dela. À medida que eles se aproximavam da casa do senhor de Arminda, a fujona reagia ainda mais, ela se debatia e, no transe da luta para livrar-se, acabou abortando o filho logo na entrada da casa. Cândido recebeu o dinheiro da recompensa, apanhou o filho com o farmacêutico e voltou para casa com o menino, certo de que seu filho não seria mais entregue ao orfanato.

O conto termina com a frase: "Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga da escrava e não se lhe dava o aborto. Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração." (ASSIS, 2008, p. 638).

Em síntese, vimos, neste capítulo, um apanhado geral sobre as origens da HQ e sua chegada à escola, partindo primeiramente de observações sobre a importância e a influência da imagem no cotidiano de nossa sociedade contemporânea. Vimos também o quanto a Literatura é algo imprescindível para a nossa formação cidadã e que precisa ser trabalhada com muito cuidado no universo das escolas de ensino de base, mesmo que para atingirmos nossos objetivos enquanto educadores, seja necessário também trabalhar com adaptações, seja por meio de teatro, cinema, música ou HQ, e assim consigamos aproximar mais este público jovem, mergulhado em um mundo virtual, cada vez mais distante da realidade literária. É bom lembrarmos que ‘adaptar’ não significa ‘substituir’ uma forma por outra.

2. ANÁLISE DOS CONTOS ADAPTADOS AO GÊNERO HQ

A História em Quadrinhos é uma história narrada por meio de desenhos e textos inter-relacionados que representam uma série progressiva de momentos significativos. Ou seja, a imagem e a linguagem escrita (dois códigos de signos) interagem entre si no desenvolvimento da narrativa. Ela também se utiliza de elementos comunicacionais específicos como o requadro, desenho (vinheta), balão, recordatório, onomatopeia, metáfora visual, linha cinética e cor, que identificam a linguagem e permitem uma compreensão universal.

Adaptar um clássico para os quadrinhos, não é algo tão simples, exige do roteirista e do quadrinista uma leitura minuciosa da obra original, bem como, conhecimento histórico, geográfico e social que contribuam com as imagens a serem produzidas e que sirvam de referência e ajudem na recriação e ambientação da época a ser retratada. Tudo isso envolve a arquitetura, o mobiliário, o vestuário das personagens, como também seus costumes e estilos de vida social.

Na produção de uma HQ é importante a adoção de alguns procedimentos como, por exemplo, a elaboração de um roteiro, a seleção das melhores cenas do texto e uma boa pesquisa sobre a obra original. Em seguida, as cenas serão descritas quadro a quadro, com detalhamento de cenários, ações, expressões corporais e faciais, entre outros elementos. Além disso, acrescentam-se também as técnicas aplicadas à linguagem híbrida dos quadrinhos como variações de planos e ângulos de visão, a colorização que também é importante na transmissão do clima a ser desejado, etc. Os diálogos e a narração (linguagem verbal) também passarão por adaptação nessa fase e serão transformadas, respectivamente, em balões de fala e legendas, incluindo também as onomatopeias, metáforas visuais, linhas cinéticas entre outros componentes técnicos das HQ.

Nesta análise de um cotidiano escolar consideram-se as atividades humanas representadas, observando como centro do interesse a questão educacional. Ao optar pelo estudo de “Conto de escola” como um dos eixos norteadores do trabalho, abrem-se possibilidades para considerar a complexidade da maneira de ser, pensar, sentir e agir do personagem “prof. Policarpo”, no contexto econômico político e social em que está inserido e que se tenta evidenciar ao longo do estudo.

2.1. “Conto de escola”

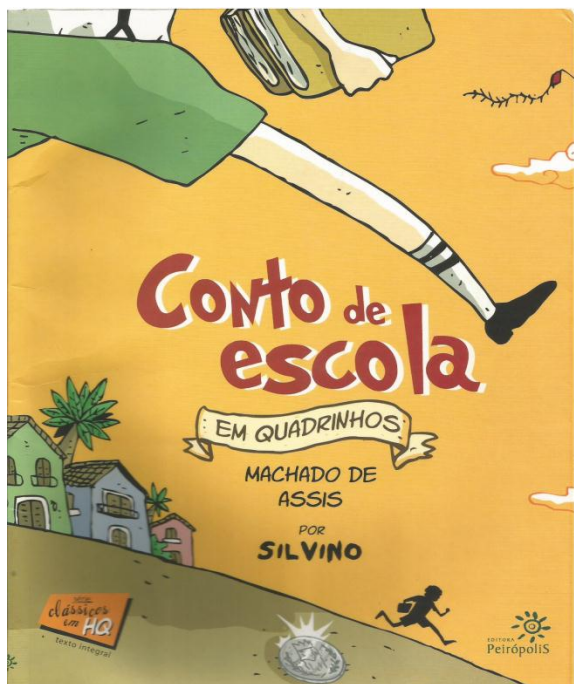


Fig. 1A “Conto de escola” (HQ 2010 – capa)

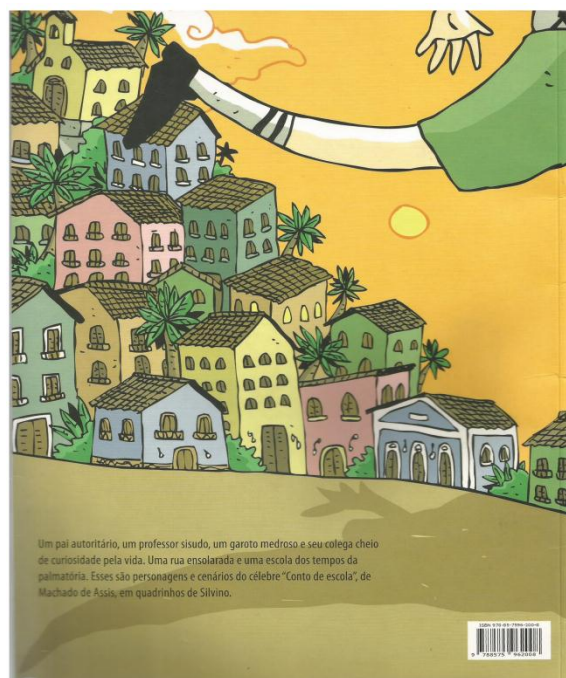


Fig. 1B (HQ 2010 – contracapa)

Nesta adaptação de “Conto de escola” feito por Laerte Silvino (roteiro, desenhos, cores e arte final) pela editora Peirópolis, vimos que o quadrinista fez uma adaptação que preserva o texto original em sua totalidade nos balões de fala e, ao mesmo tempo, manteve também as particularidades da linguagem do escritor. Seleccionamos alguns recortes desse conto em quadrinhos para análise.

As falas, por exemplo, que no texto verbal são introduzidas por meio de travessões como marcadores de mudança de fala dos interlocutores. Nos quadrinhos, elas são representadas pelo texto dentro dos balões de fala normal (balões com rabicho), característica própria das HQ. Outro detalhe que devemos observar é o suporte (papel), pois é a partir dele que são feitas novas adequações, o que pode alterar o gênero. Vejamos um pouco mais dessa análise da adaptação na obra original o “Conto de escola”, sequência do diálogo narrado em seguida, a mesma sequência em linguagem híbrida já adaptada ao gênero HQ, (figuras 2-3). Notem que as cores e as expressões faciais acrescentam ao texto original maior verossimilhança e alguns aspectos da época como o estilo de uniforme usado pelos alunos. O trecho narrativo que introduz o diálogo entre Raimundo e Pilar é representado no quadrinho por um balão retangular, outro elemento característico das HQ.

No fim de algum tempo – dez ou doze minutos – Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

- Sabe o que tenho aqui?
- Não.
- Uma pratinha que mamãe me deu.
- Hoje?
- Não, no outro dia, quando fiz anos...
- Pratinha de verdade?
- De verdade.



Fig. 2: “Conto de escola” em HQ (SILVINO, 2010, p. 20)



Fig. 3: “Conto de escola” em HQ (SILVINO, 2010, p. 20)

Nos quadrinhos, há dois elementos muito importantes para a sua análise, que são: o enquadramento ou plano e o ângulo. Eles apresentam “a forma como uma determinada imagem foi representada, limitada na altura e largura, da mesma forma como ocorre na pintura, na fotografia e no cinema”. (VERGUEIRO, 2006, p. 40).

Nesse entendimento, os quadrinhos fazem uso da mesma denominação utilizada pelo cinema, isso diz respeito àquilo que é mostrado no campo visual da tela; que está diretamente associado ao ângulo e à distância da câmera em relação ao que é filmado; pode-se, por exemplo, posicionar a câmera num local muito alto, conseguindo amplas tomadas de um

determinado cenário. Logo, os quadrinhos acabaram por apropriar-se dessas técnicas e de utilizarem também as mesmas nomenclaturas. Vejamos a seguir algumas dessas técnicas:

O plano geral, o enquadramento engloba um cenário bastante amplo que abrange tanto a figura humana quanto o cenário, equivale às descrições do espaço (ambiente), muito comum nos romances, conforme (fig. 4) de “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 7).

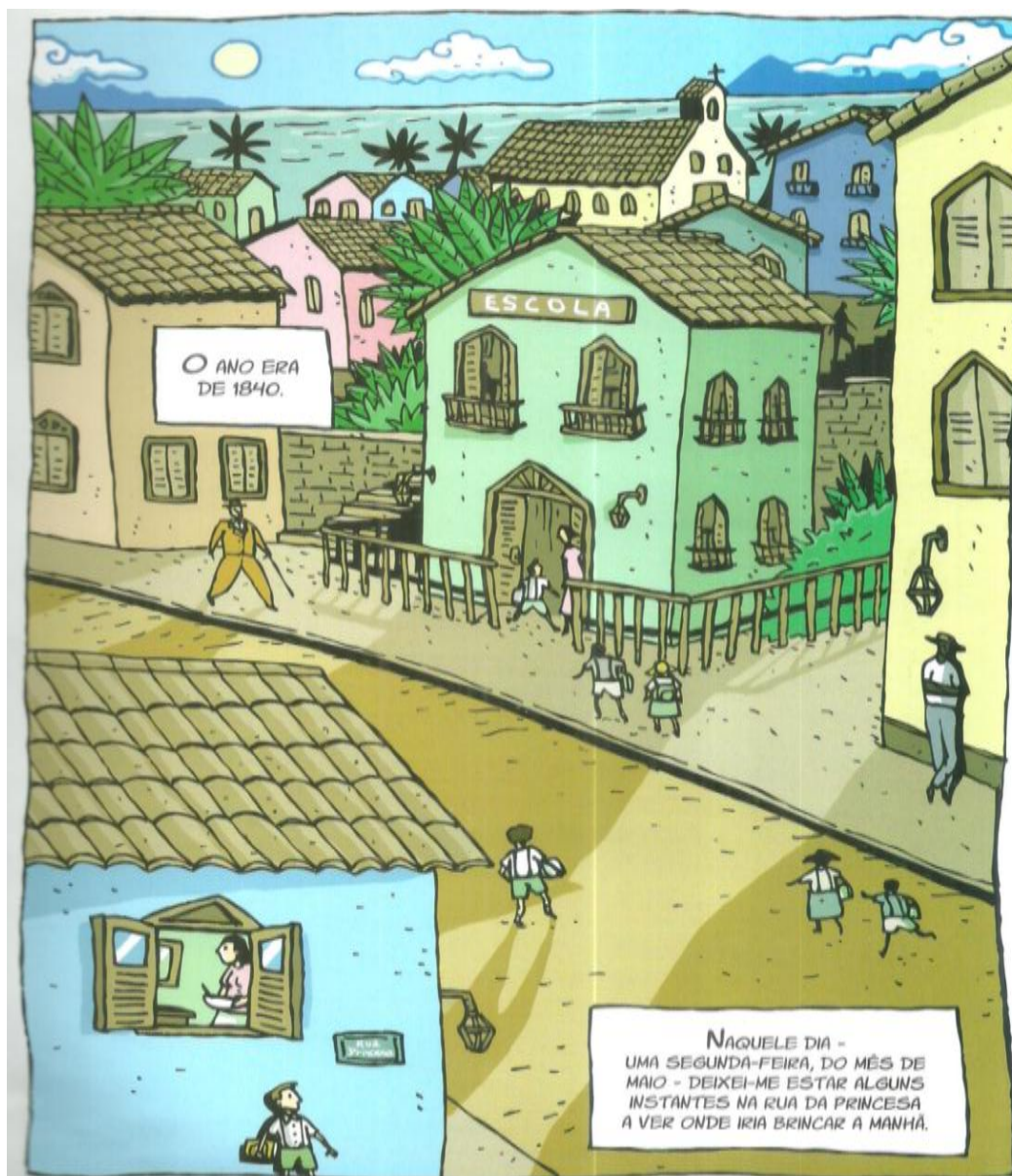


Fig. 4: “Conto de escola” em HQ (SILVINO, 2010, p. 7)

Na página que inicia o conto, temos o prenúncio dos acontecimentos que surgirão a partir desse cenário que representa uma cena urbana da cidade do Rio de Janeiro em pleno século XIX. O mais interessante no plano geral é o que ele proporciona em relação à obra original, não precisarmos usar de tanta imaginação para saber como seriam os personagens, as coisas, o cenário e as sequências descritiva e narrativa presentes na adaptação, pois, ao

visualizá-lo, podemos ter uma boa ideia do que poderá acontecer ao longo da história.

No plano geral temos ao centro a escola, espaço principal da história, onde a maioria das ações passará e que significa para Pilar, um lugar de extrema opressão, sem qualquer possibilidade de sentir-se livre e alegre. Ao fundo da imagem, aparece a Praia da Gamboa, lugar que representa a liberdade para Pilar. Ou seja, o quadrinista consegue nos inserir no cenário da história muito antes do desenrolar dos acontecimentos. No corte a seguir, ainda referente à figura 4, fizemos um *close* da parte inferior do quadrinho que mostra o personagem Pilar, protagonista da história, ainda na incerteza, sem saber aonde ir, se ao morro de S. Diogo ou ao campo de Santana. Porém, ao lembrar a surra que levou do pai na semana anterior, por ter “matado aula”, decide seguir rumo à escola.



Recorte em close da figura 4 como parte da análise sobre a adaptação.

O plano de detalhe, também chamado de *close*, que podemos encontrar nessa adaptação, limita o espaço em torno de parte de uma figura humana ou de um objeto em particular. Serve para realçar um elemento da figura ou um detalhe que normalmente passaria despercebido ao leitor, (fig. 5, p. 14 da HQ). Todavia, na página 19, temos uma imagem aproximada (*close*) da palmatória que até então passou sem ser notada e somente a percebemos, quando destacada pelo plano de detalhe (figuras 6).



Fig. 5: “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 14)

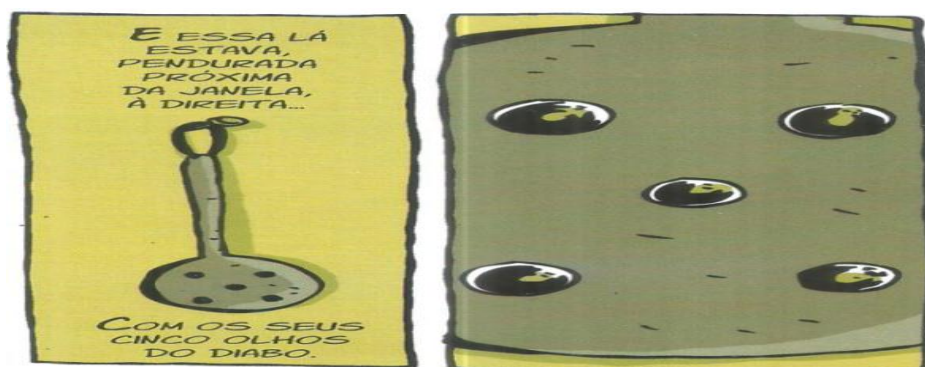


Fig. 6: Imagem em close de “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 19)

Outro exemplo é o relógio, elemento definidor da passagem do tempo em três diferentes momentos da história, representado pelas figuras (7A, 7B e 7C) que aparece pela primeira vez nas páginas 26 e posteriormente nas páginas 29 (decorso da aula) e 39 para indicar o final da aula. Quando o relógio marca doze horas, isso representa para Pilar o seu momento de liberdade, uma espécie de “válvula de escape” para tudo de ruim que viveu naquela manhã, na sala de aula.



Fig. 7A (p. 26)

Fig. 7B (p. 29)

Fig. 7C (p. 39)

Quanto aos ângulos de visão, segundo Vergueiro (2006, p. 43) “eles representam a forma como o autor deseja que a cena seja observada”. São divididos basicamente em três tipos: Ângulo de visão médio, ângulo de visão superior, também chamado de plongé (imagem de cima para baixo) que vemos em “Conto de escola” de acordo com a fig. 8 da HQ. Essa técnica acrescenta como efeito visual, a ideia de apequenar o indivíduo, de esmagá-lo moralmente, rebaixando-o ao nível do chão; reproduzindo fielmente o modo como Pilar se sentia diante do professor Policarpo, homem de gestos ríspidos e atitudes desumanas; e o ângulo de visão inferior, chamado de contre-plongé (imagem debaixo para cima).



Fig. 8: “Conto de escola” em *plongé* por (SILVINO, 2010, p. 32)

Aqui podemos ver que a ação ocorre de cima para baixo. Normalmente é utilizado para destacar a figura mais forte do que ela é em relação a mais fraca. Esse ângulo de visão normalmente permite que os personagens sejam diminuídos. Eles se sentem encurralados pelas pressões do ambiente e das adversidades. O quadrinista o utiliza em momentos de grande tensão, quando se deseja obter maior suspense na cena.

Notem que o tamanho do professor é muito desproporcional ao tamanho do aluno, exatamente para justificar o quanto Pilar se sentia impotente diante do mestre e de seus excessos de autoritarismo.

Outra imagem de quadrinho que nos chamou muito atenção foi o momento em que o professor Policarpo adentra a sala de aula e os alunos aparecem em pé e enfileirados (fig. 9). É interessante observar a figura de algumas meninas presentes na sala de aula, algo muito raro de existir naquela época.



Fig. 9: “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 10)

O quadrinista Silvino provavelmente fez esta inserção com o intuito de mostrar que o seu trabalho lhe confere autonomia para fazer essas modificações e até gerar um debate

mesmo que isso não interfira no enredo original. A escola parecia ser particular, porque ela ficava na própria residência do professor, funcionando no andar superior da casa. É o que chamaríamos hoje de escola para aulas de reforço. O conto não fala na existência de outra turma e muito menos de outro professor.



Fig. 10: “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 11)

Nessa sequência de tirinhas em formato HQ temos uma perfeita descrição de como o professor Policarpo se vestia e sua suposta aparência pela idade que deveria possuir “Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais” (fig. 10). Podemos com esse relato com imagens, traçar um perfil de como eram os seus costumes.

Outro elemento importante dos Quadrinhos é o balão, que tem a função de indicar a verbalização dos personagens. Ele possui variadas formas, cada uma com significações distintas determinadas pelo rabicho, que aponta para o personagem que está falando. O texto dos balões deve ser escrito sempre em letra de forma e maiúsculas. Nas histórias, “o balão se transforma em um verdadeiro híbrido de imagem e texto, que não podem ser separados. O balão é a intersecção entre imagem e palavra” (VERGUEIRO, 2006, p. 56).

No processo de decodificação da mensagem que se encontra dentro do balão, é preciso considerar tanto a imagem e o texto, como outros elementos do código entre eles os sons presentes nas onomatopeias, nas cores e metáforas visuais, assim como nas linhas cinéticas que representam as ações, os movimentos dos personagens dentro dos quadrinhos. Sendo um elemento característico dos quadrinhos, o balão funciona como uma fonte de informações que situa o leitor dentro do contexto da história, mesmo antes da leitura do texto, ele já informa se um personagem está pensando, gritando, cochichando ou até mesmo falando em primeira pessoa.

Por outro lado, o balão funciona também, “como resultado de uma convenção desenvolvida no seio da linguagem da HQ, o continente do balão – ou seja, a linha que o delimita – também informa várias coisas ao leitor”, segundo (VERGUEIRO, 2006, p. 57) Vejamos alguns exemplos:

O balão em formato de nuvem, com o rabicho em bolhas, indica que as palavras que nele estão contidas, representam o momento que o personagem está pensando, se porventura as bordas do balão estiverem tracejadas é porque se trata de voz muito baixa (sussurro).

O balão retangular ou até mesmo quadrado e sem rabicho, indica somente que o texto está sendo narrado ou descrito pelo narrador independentemente de foco narrativo.

Nesta tirinha de “Conto de escola” temos o momento em que depois do corretivo com “bolos” de palmatória sofrido por Pilar e Raimundo, eles são agredidos verbalmente pelo professor Policarpo que em gritos descontrolados, chama os meninos de “porcalhões”, “tratantes” e “faltos de brio”. Como recurso, o quadrinista utiliza balões pontiagudos, semelhantes a uma descarga elétrica que em HQ representa grito estridente, alto como o som de um alto-falante (fig. 11).



Fig. 11: “Conto de escola” em HQ (SILVINO, 2010, p. 37)

Segundo Eisner (2008, p. 26), “o balão é um recurso extremo”, ele capta nas falas a parte sonora da voz, é um elemento importante para a noção de tempo, pois é por meio de sua interação com o leitor que ao lê-lo na ordem, faz com que o tempo da narrativa vai sendo desenvolvido e definido.

O formato de balão com rabicho, muito comum na indicação de diálogos entre os personagens de uma HQ é o mais comum de todos. Entretanto, tudo que se refere à forma e a conteúdos dos balões, há inúmeras outras possibilidades à disposição da criatividade de cada quadrinista. Um dos grandes atrativos da linguagem dos quadrinhos é exatamente sua dinâmica, sempre possibilitando a incorporação de novas representações gráficas. No caso desses três contos machadianos escolhidos para serem analisados com parte do *corpus* dessa pesquisa, não foram encontradas outras variações de formatos de balões.

Nas histórias em quadrinhos, como já visto, as imagens são sempre fixas. Para dar a ideia ou ilusão de mobilidade, de deslocamento físico, o quadrinista desenvolveu uma série de artifícios que permitem ao leitor apreender a velocidade relativa de diferentes objetos ou corpos, em geral, conhecidos por figuras cinéticas. Elas constituem o elemento comunicativo que ajuda no reconhecimento visual dos objetos representados. As linhas podem representar um objeto ou o contorno do objeto, podem criar um relevo ou superfície, dar ideia de luminosidade, além de representar ações concretas e movimentos.

Neste outro quadrinho de “Conto de escola”, temos (figura 12) o pai de Pilar correndo atrás do filho para aplicar-lhe uma surra por este ter matado aula. Observe que os riscos próximos ao galho e aos joelhos de Pilar indicam movimento, ação. É isso que as linhas cinéticas indicam: uma ideia de deslocamento, movimento do personagem dentro da história.



Fig. 12: “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 9)

O recordatório¹¹ é mais um elemento que surge nas HQ. No exemplo a seguir (fig.13), temos a cena final do “Conto de escola”, quando Pilar, ainda menino, retorna para casa depois de ter passado boa parte do dia na praia da Gamboa. Notem que propositalmente, o quadrinista ilustra o quadrinho com uma coloração noturna para indicar não somente a passagem do dia, mas também a passagem dos anos (lembrando que a cor é outro elemento importante na produção de uma HQ) e bem ao lado dessa imagem, a figura de Pilar já adulto, representando o tempo presente no qual ele recorda o momento em que aprendeu o que era corrupção e delação, e principalmente sobre o “diabo do tambor”.



Fig. 13: “Conto de escola” (SILVINO, 2010, p. 6, e p. 48 respectivamente)

¹¹ Trata-se de uma caixa de texto inserido na vinheta ou desenho, que tem como principal função recordar o leitor sobre os fatos narrados na HQ anterior em se tratando de uma série. Também, funciona para indicar a simultaneidade dos acontecimentos da narrativa, a passagem de tempo ou o deslocamento do espaço. Essa narração pode acontecer em terceira pessoa ou pelo próprio personagem, em primeira pessoa, informando-nos sobre o que se passa na mente dele.

O que chama a atenção nesses dois recordatórios que fazem a função do *flashback* nas narrativas orais e verbais é o registro de que em um primeiro momento temos a figura de Pilar, já um homem adulto, que ao caminhar pelas ruas do bairro onde viveu sua infância, encontra uma moeda que vai fazê-lo lembrar de um momento muito especial de sua infância. A partir desse ponto a história começa a ser narrada. Na cena final, vemos o personagem chegando a sua casa depois de ter passado o dia na praia da Gamboa e isso encerra o conto. Então, Pilar segue em sua caminhada mais uma vez lembrando o “diabo do tambor”.

2.2. “A cartomante”

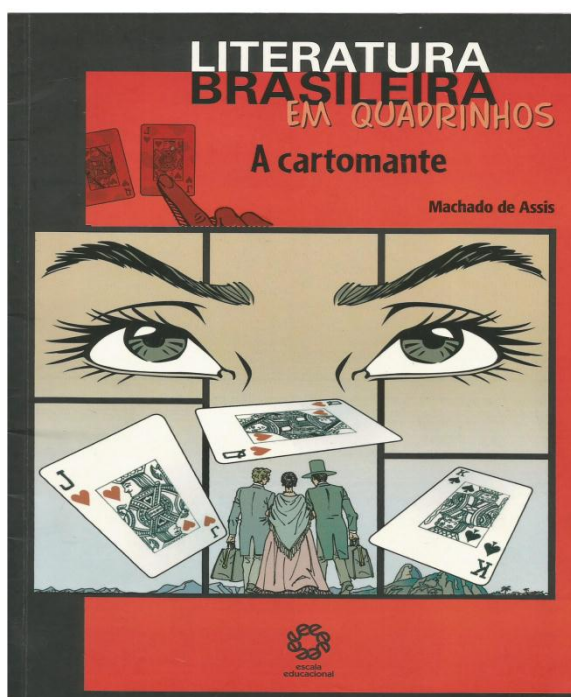


Fig. 14 A: “A cartomante” (HQ 2006 – capa)

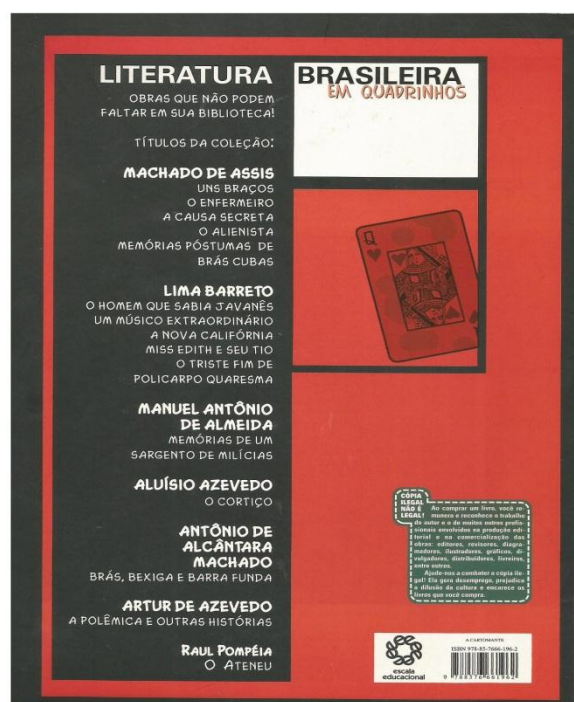


Fig. 14 B: (HQ 2006 – contracapa)

Antes de analisarmos esta adaptação, falaremos um pouco sobre o Rio de Janeiro do Século XIX, lugar onde viveu o escritor Machado de Assis, cuja paisagem urbana fez parte intrínseca de seus contos e romances. No conto “A cartomante”, vimos um misto de paisagens naturais, prédios e vias públicas. Podemos observar nas ilustrações do livro, imagens de edifícios que ainda não existiam na época do conto, como a foto da esquina das Ruas Santo Antônio e Guarda Velha (atual 13 de Maio), com o prédio da “Imprensa Nacional”

(construção que ainda existia na época).



Fig.15 Prédio da Imprensa Nacional, construído em 1877, na Rua da Guarda Velha.

Outro ponto marcante do conto é o local de encontro de Camilo e Rita, a Rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga) (fig.16). Ao final da história, uma sequência de imagens conseguiu criar um clima de suspense, momentos que antecederam o encontro final de Camilo e Vilela, o amigo traído, deixando transparecer naquele momento o olhar crítico de Machado de Assis sobre a sociedade burguesa de seu tempo.

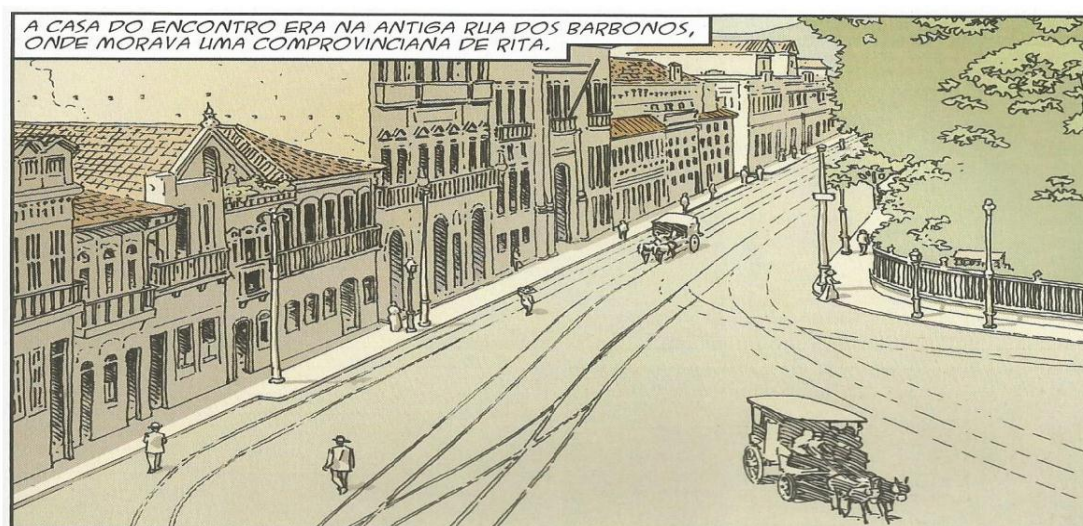


Fig. 16: Rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga), local de encontros de Rita e Camilo.

É importante lembrar que adaptar um clássico para os quadrinhos não é algo simples; exige do roteirista e do quadrinista um profundo conhecimento da obra original,

conhecimento histórico, geográfico e social que contribuam com as imagens a serem produzidas e que sirvam de referência e ajudem na recriação e ambientação da época a ser retratada. Tudo isso envolve a arquitetura, o mobiliário, o vestuário das personagens, como também seus costumes e estilo de vida social. Não podemos deixar de mencionar o figurino dos personagens, os trajes de Camilo e Vilela trazem as mesmas características (a casaca, a gravata borboleta e cartola são elementos de época) e também o traje de Rita usando vestido longo, um arranjo de flores na cabeça e um leque na mão esquerda. Como mostra o enquadramento (fig.17).



Fig. 17: Costumes da época em “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 11)

Os cenários internos e externos foram desenhados como se fossem cópias de fotografias do Rio de Janeiro da segunda metade do séc. XIX, na época do conto. Alguns lugares como as ruas da época: Rua da Guarda Velha (atual Av. Treze de Maio), Rua dos Barbons (atual Evaristo da Veiga).

Outra característica marcante no conto foi a preservação do texto original de Machado. O texto é mantido intacto – apenas algumas frases são retiradas, outras falas que aparecem em citação indireta no texto, são escritas de forma direta no balão de fala dos personagens. Na figura 17, por exemplo, foi suprimida a frase “... exclamou Rita, estendendo-lhe a mão” do texto original abaixo:

Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

– É o senhor? – exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. – Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor. (ASSIS, 2008, p. 448).

Nada no texto é simplificado ou aproximado de uma linguagem atual – como é comum ocorrer em outras adaptações. A intenção de manter a linguagem e o vocabulário machadiano é uma tentativa de aproximar o leitor do cenário da época em que viveu o consagrado escritor, embora pareça um pouco diferente a linguagem utilizada no século XIX em relação aos dias de hoje.

A página 6 da HQ (referente à figura 18) fala sobre as crenças e crendices impostas pela mãe ao personagem Camilo desde a infância. Machado não especifica no conto original quais são essas crendices, todavia podemos encontrar algumas delas sugeridas no processo de adaptação como: não passar por debaixo de escadas, evitar cruzar com gato preto, ouvir o que diz uma cigana ou ler a bíblia como na sequência da página em quadrinhos a seguir.

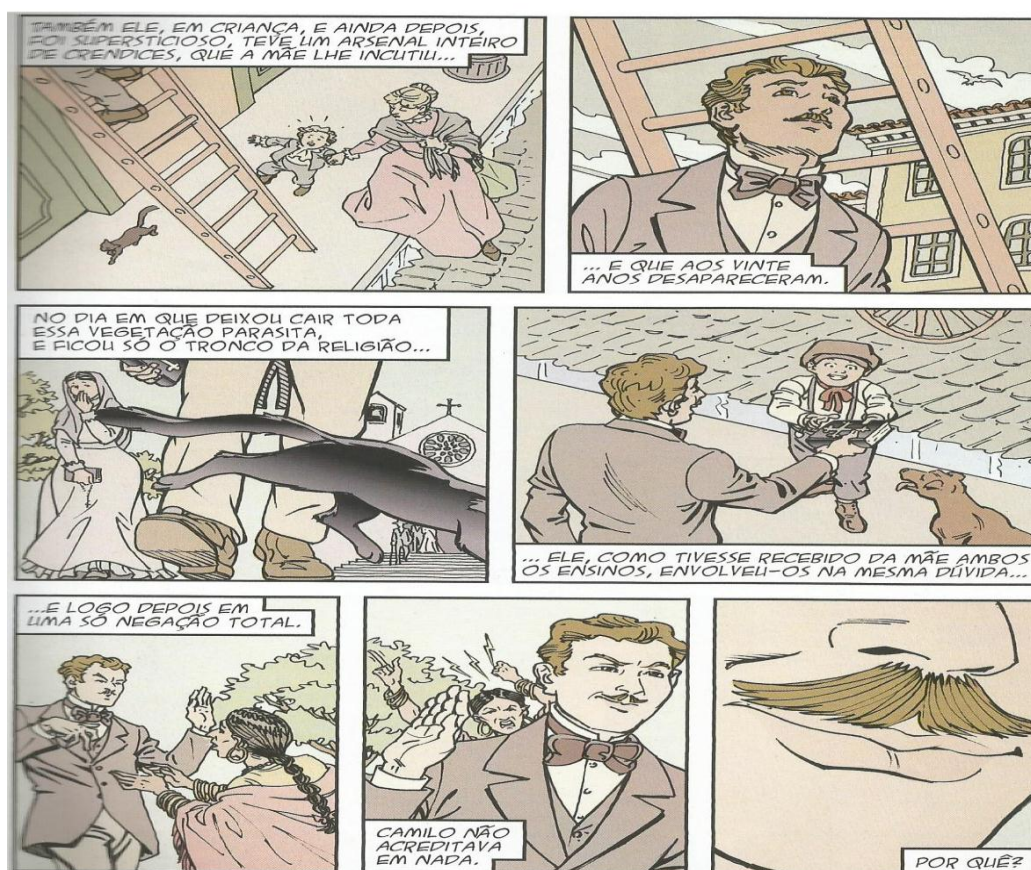


Fig. 18: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 6)

No recorte referente à página 10 da HQ (fig. 19), temos uma situação até certo ponto um pouco comum em contos machadianos, que é o uso de digressões. Entretanto, encontramos aqui, em um raro momento do conto “A cartomante”, um exemplo no qual, o narrador interrompe a narrativa para falar mais especificamente dos personagens Camilo e

Vilela. Esse detalhe se justifica pelo fato de que o conto, por ser mais breve e conter um único conflito, faz com que o uso de digressões seja pouco comum, não que o autor não possa utilizá-las. Sobre isso, apresentamos um comentário:

A unicidade como uma característica comum aos elementos da narração, ao mostrar como a existência de uma única ação faz com que todos os ingredientes do texto estejam direcionados a ela, com isso há um desprezo pelas digressões, pelo detalhamento, pelos excessos, daí porque tudo em um conto é importante. Se o autor fizer um flashback narrativo, ele usará algum fato lá exposto para esclarecer uma ação ou um acontecimento do presente. Se há uma longa descrição, certamente há um propósito para o leitor. (MOISÉS, apud CASTRO, 2014, p. 57).

Machado como sempre nos surpreende com este exemplo supracitado. Para o escritor existia liberdade de expressão e da condução de uma narrativa. Ele que já rompera antes com a tradição romântica ao escrever o romance não linear “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

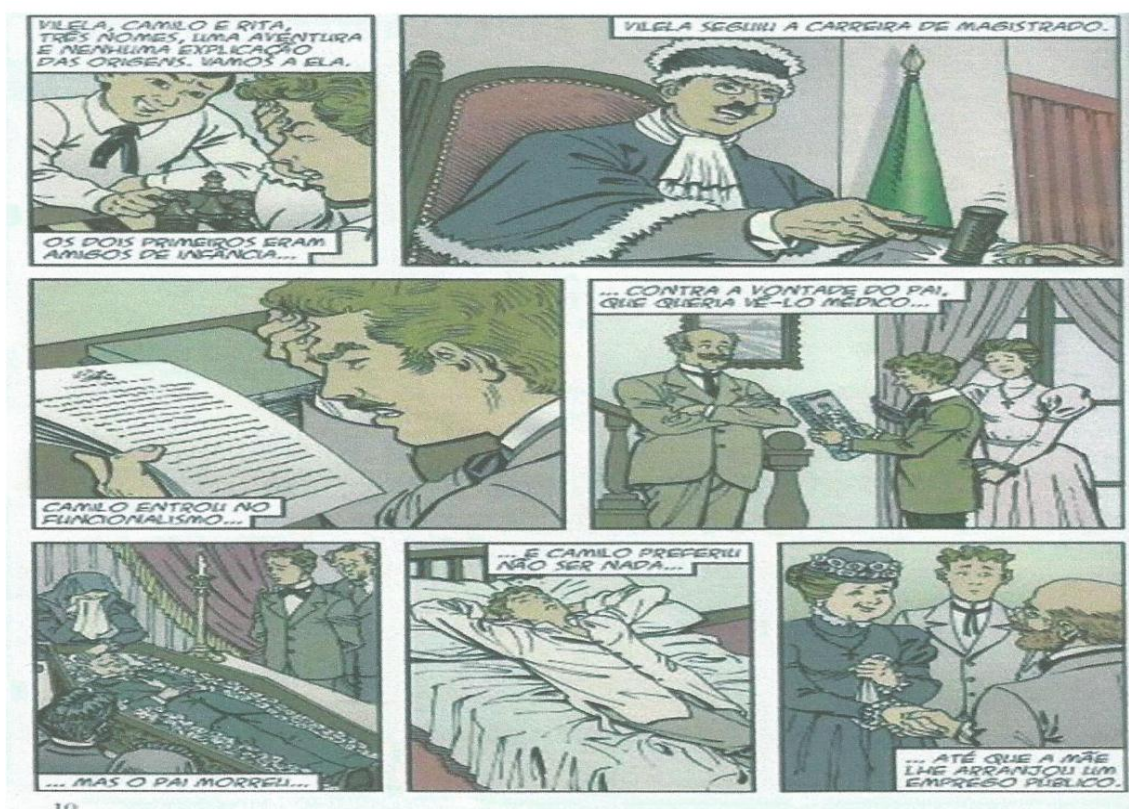


Fig. 19 Vilela, Rita e Camilo “a harmonia do triângulo amoroso” (p. 10 da HQ)

Podemos, também, formular uma correspondência entre as imagens presentes nos quadrinhos de “A cartomante” com algumas passagens homônimas do texto original.



Fig. 20 Vilela, Rita e Camilo “a harmonia do triângulo amoroso” (p. 12)

Nesta imagem (fig.20) temos em primeiro plano uma aproximação que salienta as expressões faciais e o estado emocional de cada um dos personagens, percebemos haver também uma relação harmoniosa entre os três (Vilela à esquerda, Rita ao meio e Camilo à direita), os dois cavalheiros em volta dela insinuando um clima de disputa, além do close que aproxima Rita e a coloca um passo a frente, reforçando a ideia de que ela será o foco central da trama, pois Vilela representará o marido traído e Camilo o amante ingênuo e perdidamente apaixonado. O sorriso e o diálogo descontraído entre os personagens são os ingredientes principais que reforçam uma suspeita de que poderá haver entre eles um triângulo amoroso.

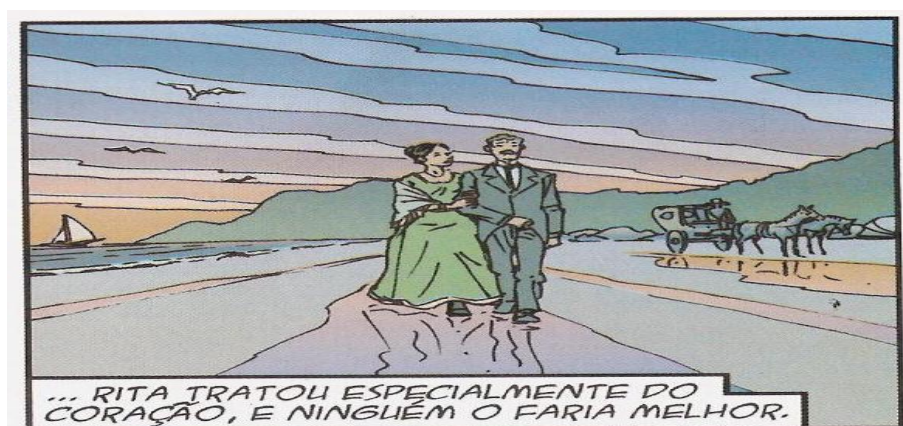


Fig. 21: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 13)

Depois de algum tempo encontros e convivência, a morte e o funeral da mãe de Camilo, aproximaram mais Rita dele como nessa típica cena romântica (fig. 21) na qual os tons das cores, sugerem um belo pôr de sol de um final de tarde, que os conduzia à beira-mar,

tendo ao fundo uns traçados de montanha que contribuía ainda mais para o clima de romance do casal, as linhas cinéticas que aparecem no espelho d'água à frente deles indicam que o passeio às margens da praia foi longo.

As cenas seguintes (fig. 22) reproduzem as provas mais que evidentes do romance proibido de Rita e Camilo. Na adaptação, os quadrinhos em uma sequência gradativa vão mostrando todo poder de sedução de Rita sobre Camilo, quando ela dissimulando, atira-se sobre ele em cima do canapé com o firme propósito de conquistá-lo definitivamente. “Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez lhe estalar os ossos num espasmo” [...] (ASSIS, 2008, p. 449). Camilo totalmente envolvido, inerte como uma presa ao bote da serpente. Mais uma vez, a adaptação recria com um perfeito realismo uma cena apenas imaginada pela leitura do texto original.

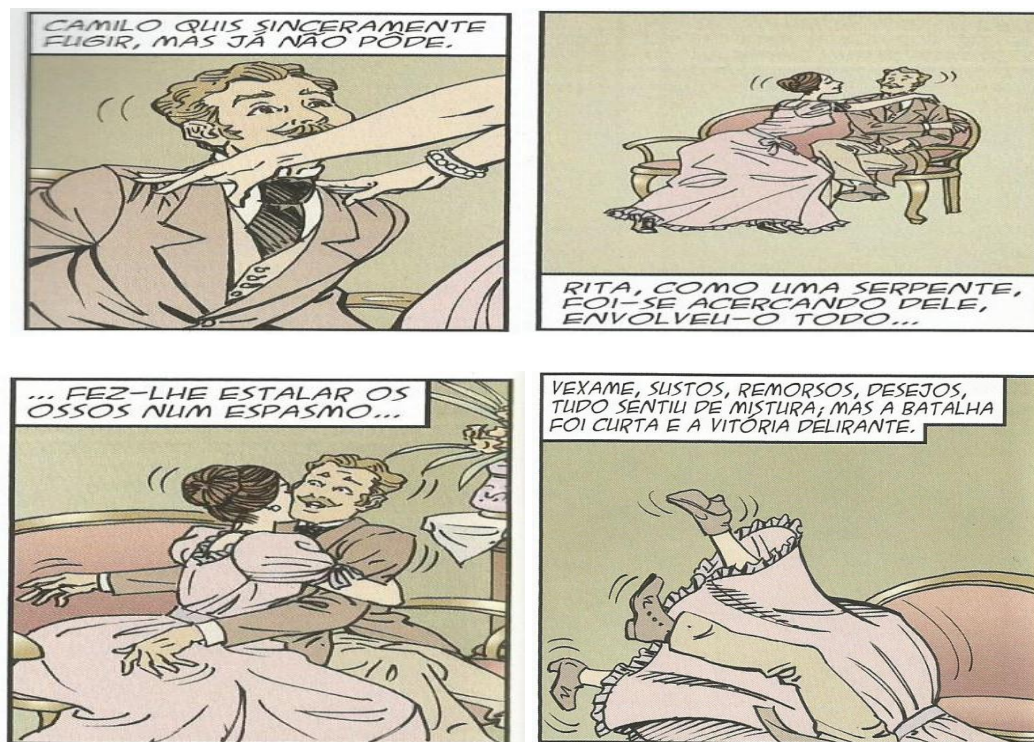


Fig. 22: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 16)

Outra sequência é muito impressionante no decurso da trama, ocorre quando Camilo recebe uma correspondência anônima pela primeira vez e em outra ocasião. É desse momento em diante que vai desencadear um clima de suspense, uma aceleração nas ações, muito bem explorado pelo quadrinista (adaptador) que mostra Camilo um pouco apreensivo e também pensativo quanto à suposta autoria dessas cartas.



Fig. 23: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 18)

Já a caminho da casa de Vilela, seguindo pelas ruas em calçamento de pedra (em close), uma imagem característica do Rio de Janeiro do século XIX (fig. 24), época em que a população utilizava como meio de transporte charretes e carroças puxadas por animais e às vezes também por homens. Essa imagem adaptada para HQ traduzem a ideia de que Camilo ainda terá um longo caminho pela frente até chegar à casa de Vilela, criando assim um clima maior suspense para o leitor e de tensão para o personagem.



Fig. 24: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 24)

Um acidente no percurso em direção à residência de Vilela, fez com que Camilo ficasse parado bem em frente à casa da cartomante. Camilo desce e, mesmo contrário ao seu ceticismo, vai consultá-la, para tentar tranquilizar-se. Ela diz que ele “tem um grande susto”, mas nada acontecerá nem a ele, nem a sua amada – concluindo que ambos se amam muito.

Nesse momento, o autor se utiliza da incredulidade de Camilo para desmontar um personagem já aparentemente pronto desde o começo da trama. Agora Machado nos revela um Camilo mutável a ponto de rapidamente abandonar o ceticismo e render-se às superstições que sua mãe havia lhe ensinado, ao deparar-se com uma situação de risco ou de hesitação. Desse modo, apesar da descrença que o narrador usa para defini-lo, Camilo recompõe-se de sua coragem pelo que ouviu a Cartomante dizer. A citação inicial de Shakespeare, traduzida ao pé da letra por Rita “há muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo” (ASSIS, 2008, p. 451), dá-nos uma falsa ilusão de que no final da história a citação inicial ratifique que a previsão da cigana estava correta em relação ao futuro que era anunciado para o casal. Entretanto, Machado nos mostra nas três últimas linhas do conto o trágico final de Rita e Camilo assassinados por Vilela, confirmando-nos o contrário. O charlatanismo da cartomante acaba por ratificar o ceticismo que Camilo tinha por essas coisas bem no começo da narrativa.

Observe que a ansiedade e o medo de Camilo nesta sequência da HQ deixa claro que algo muito terrível poderia acontecer com ele. A imagem se fecha no rosto dele que olha compenetrado para os olhos da cartomante sem perder nenhum detalhe do que ela está lhe dizendo e encerra-se no momento em que a mesma recolhe as cartas e as guarda numa gaveta. No processo de expressão de seu instante de tensão, o movimento da boca e olhos cria um código específico para caracterizar a veracidade do fato. Outro elemento, as mãos, também inserido na HQ, elas acrescentam à comunicação impressa maior expressividade, já que esta não possui o recurso do movimento próprio de outras adaptações de obras literárias como acontece no teatro e no cinema. Camilo sai da casa da cartomante totalmente recomposto e passa a acreditar que ele e Rita ainda serão muito felizes no amor, que nada de ruim irá acontecer com os dois.



Fig. 25: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 33 e 38)

Tranquilizado pela cartomante, Camilo paga-lhe com generosidade e volta ao tálburi.

Isso lhe parecia, portanto, justificar com explicações naturais e cotidianas todos os sinais que anteriormente percebera como indicações de que Vilela tinha descoberto e queria matá-lo. Era tudo fruto de sua imaginação. Todavia, no caminho em direção à casa de Vilela, surge a figura do mar como pano de fundo para representar a ideia de um tempo infinito, distante, sugerindo-nos um longo e interminável futuro, que na imaginação de Camilo, representaria a esperança na estabilidade de seu relacionamento com Rita. “Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável” (ASSIS, 2008, p. 452). Todavia, esse final feliz não aconteceu na HQ, ratificando o final da história exatamente como ocorre no conto literário.

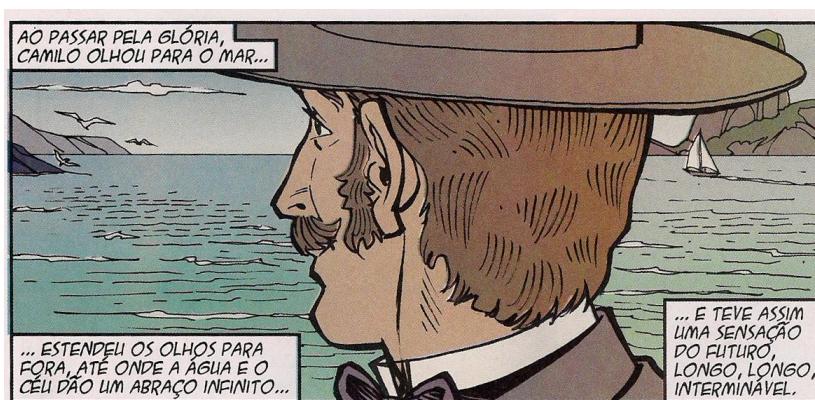


Fig. 26: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 41)

Na cena adaptada em que Vilela aguarda por Camilo, temos uma sequência de quatro imagens que vão se modificando gradativamente com o desenrolar da história. As três últimas muito se assemelham porque Vilela começa a mudar de semblante em relação a Rita e depois em relação a Camilo. Vejamos:



Fig. 27: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 16 e 19)

No primeiro quadrinho (fig.27 à esquerda), mesmo de perfil, podemos perceber que ele ainda demonstra muito apreço por Camilo e sua amizade. Quando ele supostamente descobre a traição de Rita (fig. 27, 2º quadrinho à direita) passa a agir com frieza e indiferença em relação à mulher. Já no terceiro quadrinho (fig.28, à esquerda), momento em que recebe Camilo, percebe-se um gesto pouco amistoso, que no último quadrinho (fig.28 à direita) se confirma pela agressividade com que agarra o amigo pelo colarinho da camisa e lhe dá dois tiros de revólver no peito, sem que este possa esboçar qualquer reação.



Fig. 28: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 42)

É interessante notar que o tempo aqui é outro elemento importante dessa trama “Os dias que transcorrem antes da ação principal, em casa de Vilela, não devem enganar: correspondem a um compasso de espera dramático, a um suspense, de que o contista se serve para armar o clímax.” (MOISÉS, 1982, p. 47).

Em “A cartomante” certamente não haveria o mesmo destaque literário se não fosse pela preciosidade do estilo, o uso de algumas metáforas, a forte atuação dos personagens que atuam como anti-heróis, alguns argumentos de caráter filosófico, a temática, o enredo conflitante e a linguagem abordada pelo autor.

O conto, embora esteja centrado no trio (Camilo, Rita e Vilela) envolve uma quarta personagem, a cartomante, que é uma antagonista ao lado de Vilela contra os amantes Camilo e Rita, ela inclusive se destaca mais que Vilela, pois este pouco aparece, e, quando o faz, não profere palavra alguma, considerando também que a cartomante com suas “visões sobrenaturais” que não passam de um tremendo charlatanismo, com objetivos de ganhar fama e prestígio, além é claro, de ganhar dinheiro; acaba por tirar proveito da desgraça que recai sobre o casal de amantes. Analisando as personagens, vimos que Rita é descrita desde o

princípio da obra com seus dotes de beleza, “a bela Rita”, sedutora, todavia mais adiante é vista como “tonta” por acreditar em cartomante. O personagem Vilela era um homem maduro, de boa reputação e casado com Rita. Porém, em meio a tudo isso confiava cegamente em seu amigo de infância Camilo. Este era jovem, imaturo, ingênuo que se mostrava uma presa fácil para as armadilhas da vida, de posição social inferior, que só possuía alguma coisa, graças à mãe. Contrariamente aos demais, a cartomante revelava-se uma mulher misteriosa, calculista e de caráter duvidoso.

A narrativa foi conduzida ao longo da história de acordo com a proposta de Machado de Assis em relação à prosa de ficção, o autor reconstrói o conto quando desfaz a figura do mocinho banalizado como um autêntico herói, típico das histórias românticas, traçando um novo perfil para o personagem Camilo que em consequências de seus atos, pagou tragicamente com a própria vida “cumprir missões, ou seja, a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza”. (BOSI, 2006, p. 180).

Quanto à maneira em que os personagens se caracterizam, podemos dizer que dois são esféricos, justamente pela observação na variedade de aspectos psicológicos, ideológicos, morais entre outros. No começo da narrativa, Camilo demonstrava ser ingênuo e inapto à prática de adultério, trair o próprio amigo de infância era algo que nem lhe passava pela cabeça. Talvez pelo fato de ser um homem carente ou mesmo frágil, deixou-se levar por seus impulsos, não conseguindo resistir aos encantos e ao poder de sedução de Rita.

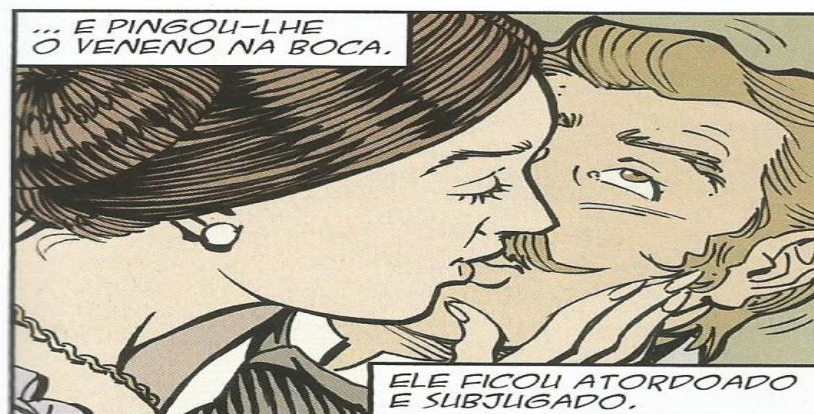


Fig. 28: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 16)

Em um segundo momento da história, Camilo passa a acreditar nas palavras de uma cartomante, quando ele no começo da narrativa se mostrava cético desde a mais tenra idade. “Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram”. (ASSIS, 2008, p. 447). “Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar” (ASSIS, 2008, p. 451).

Já o personagem Vilela, praticamente não aparece no enredo, porém nas poucas vezes que se apresenta, demonstra ser um homem tranquilo, de bom senso, amigo e companheiro “Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos de veras.” (ASSIS, 2008, p. 448). Entretanto, essa postura discreta de Vilela dentro da trama é revertida no final do conto, momento em que ele passa a agir de forma diferente, apresentando um comportamento inesperado, pouco previsível; por premeditar os assassinatos de sua mulher, Rita, e de seu amigo de infância, Camilo (fig. 29).



Fig. 29: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 42)

Quanto a Rita e à cartomante, podemos considerá-las personagens planas, uma vez que foram construídas de uma maneira única; sem muitas mudanças de comportamento apesar das circunstâncias, são facilmente notadas por suas atitudes no decurso da história; sendo que Rita aparece mais vezes do início ao final da narrativa, ela age em princípio um pouco contida ao conhecer Camilo pessoalmente. Logo depois, movida pelo desejo, procura envolvê-lo com o seu charme e sedução de mulher, mesmo sabendo que estaria quebrando as regras morais de uma convenção social. “Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.”; “... os olhos

teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido.” (ASSIS, 2008, p. 448);

Quando se iniciaram as ameaças das cartas anônimas, ela tentou encontrar formas de contornar o drama que se delineava e continuar com o romance proibido (fig.30).



Fig. 30: “A cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 20)

Por sua vez, a cartomante nos traz um perfil de uma mulher charlatã, que se aproveita da cartomancia para persuadir sua clientela com falsas adivinhações com o único intuito de obter lucros, mantendo-se na mesma postura do início ao fim da história. O tempo interno é focado em dia, mês e ano “numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido à véspera consultar uma cartomante...” (ASSIS, 2008, p. 447). Esse tempo, como na vida real, sofre mudanças continuamente. O autor descreve muito bem essa verdade quando apresenta o personagem Camilo. Note que este no princípio do conto é descrito como um cético e irônico dos fatos dessa natureza, contudo ele nem sempre agiu assim. Nas linhas do texto encontramos: “em criança, e depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices.”. Isto quer dizer; em outro tempo ele foi convicto em suas afirmações, mas no final ele, em situação de desespero, decide consultar a cartomante. As ações dos fatos se desenvolvem de maneira gradativa caminhando aos poucos para o clímax. “Camilo recebe uma carta anônima, que lhe chamava imoral e perverso, e dizia que a aventura era sabida de todos.”. (ASSIS, 2008, p. 449). A partir daí, desencadeia-se uma sequência de ações que culminam com o desfecho trágico do conto.

2.3. “Pai contra mãe”



O conto “Pai contra mãe” nesta adaptação para HQ, diferentemente dos dois contos analisados anteriormente, trouxe algumas mudanças no processo de adaptação. Ele teve o início da história, que trata principalmente da contextualização histórica referente ao período da escravidão negra no Brasil, suprimido, e, somente a partir do trecho em que o personagem Cândido Neves sai às ruas à procura de emprego até o final da história é que foi adaptado para o gênero HQ. Este conto foi publicado no livro “Contos em quadros” que traz nessa edição outros dois contos “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio e “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria” de Antônio de Alcântara Machado. O livro apresenta também Djalma Cavalcante como o organizador, Célia Lima na adaptação e J. Rodrigues nos desenhos. O interessante também dessa edição é o fato de que ela traz em anexo a adaptação em quadrinhos, o conto original com todos os seus elementos preservados como o texto e a linguagem machadiana. Isso é muito importante, porque possibilita ao professor e a seus alunos terem contato com as duas formas de linguagem: o conto (verbal) e a HQ (verbal e não verbal) e a partir daí iniciarem o processo de leitura de textos literários.

Em “Pai contra mãe”, Machado retrata um pouco do sistema escravocrata ainda vigente na época do Império brasileiro. Não apenas os negros sofriam com a miséria e a violência, brancos pobres, como o personagem Cândido Neves e sua família, também passavam por privações. Para sobreviver precisavam algumas vezes agir com frieza como fez Candinho que apesar de ser homem branco, era também pobre, porém para sobreviver, capturava negros, reconduzindo-os aos seus senhores mediante boa gratificação. Quando capturou uma escrava fujona que estava grávida, para obter dinheiro que lhe pudesse livrar o filho da Roda dos enjeitados, agiu visando aos seus próprios interesses. Aqui, o protagonista se utiliza da vilania para atingir seus objetivos, mesmo que para ajudar o filho, ele tivesse que sacrificar uma mãe, que por ser negra e escrava, estava numa condição sub-humana em relação a ele.

[...] têm em comum a situação do homem juridicamente livre, mas pobre e dependente, que está um degrau, mas só um degrau, acima do escravo. A essa condição ainda lhe resta usar do escravo, não diretamente, pois não pode comprá-lo, mas por vias transversas, entregando-o à fúria do senhor, delatando-o ou capturando-o quando se rebela e foge. O poder do senhor desdobra-se em duas frentes: ele não é só o dono do cativo, é também dono do pobre livre na medida em que o reduz a polícia de escravo. (BOSI, 1982, p.36).

A análise de Bosi sobre este quadro social e escravocrata ratifica que Machado quis contextualizar no conto “Pai contra mãe”. A sequência adaptada para HQ retrata fielmente o texto, principalmente a sequência de ações que termina com a luta corporal e a captura da escrava Arminda. É bem provável que Candinho não tivesse tido essa atitude, caso estivesse em uma condição social e econômica que lhe favorecesse o sustento de sua família. Nos quadrinhos que representam uma página inteira da HQ, o quadrinista não segue uma padronização no tamanho dos requadros. Na tirinha (sequência em quadrinhos) correspondente à página a seguir (fig.32), temos a presença das sarjetas (espaço lateral, lacuna) que conduz a ideia de movimento de um quadro para o outro simplesmente pela imaginação do leitor.



Fig. 32: “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 18)

Sabe-se com base em estudos que o cérebro humano tem a capacidade de tornar as lembranças como uma coisa automática. Imagens vistas uma vez são arquivadas na memória, e da próxima vez em que forem identificadas pelo globo ocular, serão automaticamente rememoradas pelo cérebro, sem a necessidade de um “estímulo” maior. Essa informação pode ser relevante para que se possa explicar de que maneira o leitor consegue, em uma fração de segundos, fazer a transição entre um quadrinho e outro, sem perder o movimento e o tempo da narrativa.

Na figura abaixo, utiliza-se mais uma vez, como já vimos na análise do conto “Conto de escola”, a técnica de angulação chamada de plongé que mostra o personagem inferiorizado diante de seu oponente que parece bem maior no enquadramento, que corresponde a dois terços do tamanho da página original da HQ.



Fig. 33: “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 18)

Na parte central da mesma página (fig.34), temos o momento em que Candinho segura a escrava pelo pulso direito, para em seguida amarrá-la, nota-se a falta das bordas (molduras de enquadramento) que deixa o desenho (vinheta) totalmente livre. Essa técnica foi muito utilizada por Will Eisner, o mestre dos quadrinhos.



Fig. 34: “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 18)

No conto “Pai contra mãe” encontra-se um recurso dos quadrinhos que é muito importante. Trata-se das onomatopeias que segundo Vergueiro (2006, p. 62) “são signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos”. Elas sofrem variações de um país para o outro pelas diferentes culturas ali presentes, adequando-se as variações sonoras de acordo com o idioma utilizado para comunicação, “não constituindo uma convenção específica das histórias em quadrinhos.” (VERGUEIRO, 2006, p. 63), todavia ao criar um efeito de plasticidade e recurso gráfico, assume um papel muito importante na linguagem quadrinística. De um modo geral, elas independem dos balões, apresentam-se em diferentes formatos de caracteres e se posicionam bem próximas do som que as representam. A maioria das onomatopeias é oriunda da língua inglesa, mas a divulgação dos quadrinhos trouxe-lhe representações sonoras próprias e relativas a cada idioma.



Fig. 35: “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 15)

Notem que as onomatopeias “Blam” e “Tok! Tok!” presentes na figura 35, referente à página 15 da HQ acrescentam um tom mais dramático à cena em quadrinho, tendo em vista que é uma cena de discussão entre Tia Mônica e Candinho sobre o futuro da família que se vê diante de uma crise financeira, Clara grávida esperando um filho, Tia Mônica vivendo de pequenas encomendas e Candinho desempregado sem qualquer perspectiva de um emprego estável. É claro que os traços fisionômicos feitos pelo quadrinista também interagem juntamente com as onomatopeias em uma cena de grande tensão.

Quanto à colorização, outro recurso das HQ, ela não se restringe aos aspectos estéticos, mas pode tornar a representação ambiental dos movimentos e as emoções dos personagens mais refinada. No conto “Pai contra mãe” predomina as imagens em preto e branco com tons amarelados como que envelhecidos para representar uma relação de semelhança à época reportada. A cor e a luz servem a dois propósitos nesse caso: contribuir para a impressão de realidade, bem como construir um sentido. Esse detalhe na adaptação requer não só do quadrinista como também do colorista a compreensão dos contextos históricos, sociais e até culturais da época em que a história do conto é produzida. Logo, a adaptação procura abandonar as considerações machadianas do início do conto, iniciando já o enredo; “Há meio século, os escravos fugiam com frequência” (ASSIS, 2008, p.632).

Segundo Ramos (2009, p. 87), as cores “são signos plásticos que contêm informação ora mais relevante para a compreensão do texto narrativo, ora menos. Mas sempre com conteúdo informacional e inserida no espaço do quadrinho, onde se passa a cena narrativa.” Logo, a cor possui papel significativo na representação de um texto literário em HQ.



Fig. 36 “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 11)

Embora a adaptação de “Pai contra mãe” não seja colorida, diferentemente dos dois contos analisados neste capítulo, observa-se, por essas duas sequências de quadrinhos, que a tirinha¹² em tom amarelado utilizada pelo colorista, mostrou-se coerente ao representar a época do Brasil Imperial, ou seja, o século XIX. Nota-se que a tirinha modificada para o tom preto e branco, não caracterizaria bem a época mencionada e ficaria apenas resumida unicamente ao texto dos balões.

A técnica do claro-escuro encontrado no período da Renascença e até do Barroco em vários quadros, onde se mantêm o pano de fundo em negro usando a técnica de luz e sombra, como mostra a ilustração abaixo:



Michelangelo Caravaggio– A Ceia de Emaús¹³ – c. 1600 – Óleo sobre tela – 141 x 196 cm

Podemos observar na tela de Caravaggio, a predominância de um traço artístico capaz de estilizar as pessoas, os objetos e os elementos da natureza. A cor desempenha um papel de construção da atmosfera, de modulação de climas emocionais, os efeitos

¹² São narrativas curtas e desenvolvidas geralmente em três quadros. Pertencem a um hipergênero denominado *quadrinhos* que agrega outros gêneros como, por exemplo, os *cartuns*, as *charges* e as *caricaturas*.

¹³ A Ceia em Emaús, de 1601. A pintura foi encomendada pelo nobre romano Ciriaco Mattei. Atualmente, ela está na National Gallery, em Londres. Caravaggio pintou uma segunda versão do quadro, que está exposta na Pinacoteca de Brera em Milão, na Itália (Foto: Reprodução/VEJA) <http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/as-obras-de-caravaggio/>

provocados pelo complexo jogo de luz e sombras recriam e modelam o espaço e as formas, de modo singular, usando a cor muitas vezes apenas como mero suporte, o que induz assim efeitos cênicos distintos, com um forte componente visualmente dramático que buscava criar um realismo emocionalmente intenso.

Na História da Arte, a junção das palavras ‘luz’ e ‘sombra’ remete a um procedimento em pintura, onde a atenção do artista dirige-se aos contrastes luminosos, na tentativa de transmitir maior veracidade. (DIAS, 2006, p. 55).

Esse efeito tem justamente a finalidade de sugerir volume na imagem por meio de contrastes. Fizemos uma comparação apenas para nos aproximarmos da ideia da técnica do claro-escuro que foi utilizada levemente nesta HQ que retrata o conto “Pai contra mãe”, muito apropriada à época relatada no conto original de Machado de Assis.



A mesma tela de Caravaggio com os tons de cores modificados.



Fig. 36: "Pai contra mãe" (RODRIGUES, 2006, p. 14 da HQ)

Dias ainda acrescenta que:

Estudos acurados de luz e sombra fizeram parte da formação do artista da Renascença e do Barroco como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael, Rembrandt, Caravaggio — muitos deles faziam belos desenhos como preparação para as telas — ajudando-nos a entender melhor o procedimento em *chiaroscuro* na pintura. (DIAS, 2006, p. 56).

No caso de Caravaggio, não se tem registro de algum desenho produzido, atribui-se essa técnica resultante, talvez, de encenações noturnas — à luz de velas — em seu atelier. No caso do conto adaptado, o colorista utilizou essa técnica em alguns dos quadrinhos pela pouca iluminação que havia na época em se tratando do período noturno, como já dissemos antes.

No processo da quadrinização, vimos também que o uso das cores é muito importante. As cores primárias (vermelho, amarelo e azul) além da cor verde, chamam muito a atenção do leitor para a forma do desenho, destacando-o mais em relação aos outros elementos da HQ incluindo a escrita. Já em preto e branco, o leitor tem uma visão mais ampla do quadro.

No final do texto, bem ao gosto naturalista, tanto o protagonista como a esposa e a tia, não têm preocupação ou peso na consciência. “A tia disse é verdade algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga” (ASSIS, 2008, p. 638), como afirma o autor sobre a tia. Com as frases “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.”/ Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.” (ASSIS, 2008, p. 638), O narrador conclui a narrativa.

Na forma adaptada, estas palavras são colocadas na boca da tia e duas imagens terminam a narrativa. No penúltimo quadro, está o pai chorando com o filho nas mãos e, no último, que toma quase metade do quadro, e em primeiro plano, encontra-se a imagem da escrava caída e desfigurada segurando o ventre. Neste, há apenas a metade do último parágrafo. “Nem todas as crianças...”. A palavra “vingam” vem abaixo da imagem da escrava. É interessante notar que a frase “bateu-lhe o coração.” foi substituída ironicamente por uma metáfora visual ¹⁴ (fig. 37) representada pela lágrima que rola do olho esquerdo de Candinho.

¹⁴ As metáforas visuais atuam no sentido de expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal; possibilitam um rápido entendimento da ideia, (VERGUEIRO, 2007, p. 54). A vantagem é que elas economizam palavras e desenhos, contribuindo com a agilidade da leitura.

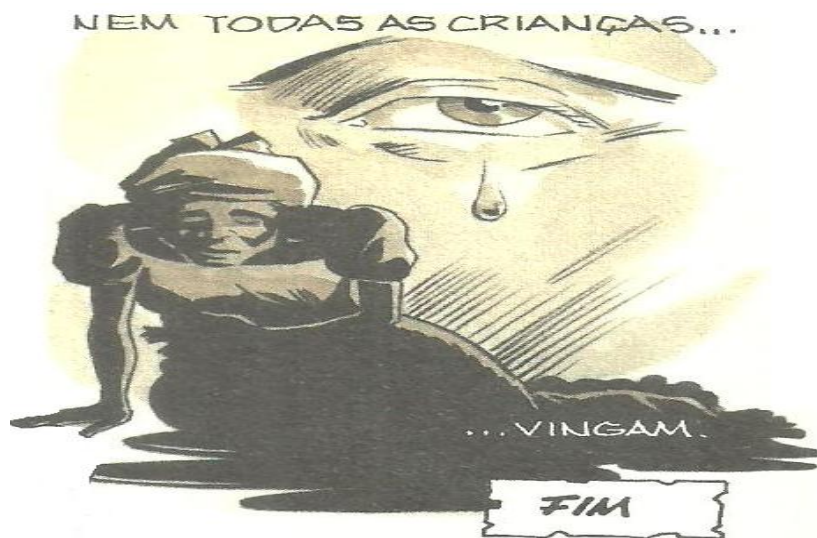


Fig. 37: “A cartomante” (RODRIGUES, 2006, p. 15)

Desse desfecho, ficou a amarga ironia do destino da vida do filho de Candinho ter custado a vida do filho da escrava. Isso justifica o título do conto Pai (Candinho) contra Mãe (escrava fugida). O autor mostra a miséria humana entre os dramas paralelos de um pai contra uma mãe, lutando por duas vidas, em que o indivíduo é capaz de ignorar sua consciência diante do fato de ter cometido o maior dos crimes, justificando a troca de uma vida pela outra.

Poderíamos ser levados a imaginar que o desfecho da história esteja realmente associado ao título “Pai contra mãe”, muito embora isso se confirme em apenas um momento da história. Alguns minutos antes de ter visto a escrava fugida, Candinho já havia aceitado separar-se definitivamente do próprio filho, entregando-o à Roda dos enjeitados. Entre a possibilidade de obter uma situação econômica mais tranquila e o fruto de seu sangue, entre o lado social, Arminda era uma escrava negra e fujona e ele um caçador de escravos, e o lado natural das coisas, ele um pai e Arminda a mãe; preferiu o social, pois entendeu que, pela lei da sobrevivência, seus problemas poderiam acabar desde que ele capturasse a escrava e a entregasse ao senhor dela em troca de duas notas de cinquenta mil réis.

3. APLICAÇÃO DE ATIVIDADES REFERENTES A UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS ADAPTADO PARA O GÊNERO HQ

O presente capítulo é a terceira parte do *corpus* desse trabalho e corresponde à aplicação do projeto em sala de aula em duas escolas da rede municipal da cidade de Tucuruí no Sudeste do Estado do Pará. Na Escola Maria Sylvia dos Santos, turno da manhã, e na Escola Francisco de Assis Rios, turno da tarde. Em ambas as escolas, fizemos inicialmente uma exposição da proposta de trabalho com os alunos e de sua finalidade. Algumas perguntas foram feitas para saber qual é tipo de contato que eles têm com a leitura de textos literários, se já leram alguma obra do escritor Machado de Assis e se também já conhecem alguns dos elementos que compõem uma HQ. Surpreendentemente, muitos já haviam tido contato com algum texto do famoso escritor. Em seguida, foram distribuídos os textos impressos do tradicional conto literário “Conto de escola”, sem qualquer alteração vocabular. Os alunos tiveram o tempo de duas aulas para ler o texto e depois responder ao questionário proposto abaixo. As perguntas intencionalmente foram bem objetivas para que eles se sentissem mais à vontade para respondê-las sem qualquer embaraço. Vejamos o questionário abaixo:

QUESTIONÁRIO

Após a leitura, marque somente uma das alternativas abaixo como forma de análise do conto lido.

01. Você compreendeu a história?

EMEF “X”

a) SIM	65,8%
b) NÃO	0,0%
c) UM POUCO	34,2%

EMEF “Y”

a) SIM	28,0%
b) NÃO	0,0%
c) UM POUCO	72,0%

Na primeira pergunta, houve a preocupação de que o texto literário, por ser um gênero de leitura pouco habitual, pudesse tornar-se embaraçoso para os alunos, porém a porcentagem de 65,8% para os alunos da EMEF “X” mostrou-se favorável à compreensão. Por outro lado, os alunos da EMEF “Y” com 72,0% tiveram um pouco de dificuldade para compreender a história.

02. Você achou a linguagem muito difícil?

EMEF “X”

a) SIM	9,4%
b) NÃO	59,0%
c) UM POUCO DIFÍCIL	31,6%

EMEF “Y”

a) SIM	16,0%
b) NÃO	20,0%
c) UM POUCO DIFÍCIL	64,0%

Nesse questionamento, houve também a preocupação de que a linguagem machadiana, pouco comum para eles, pudesse ser um empecilho. Contudo, a porcentagem de 59,0% dos alunos da EMEF “X” acabou nos surpreendendo. A linguagem do texto machadiano não chegou a ser um obstáculo para esses alunos. Todavia, os alunos da EMEF “Y” confirmaram nossas expectativas com 64,0% dos discentes afirmando que tiveram um pouco de dificuldade com o nível de linguagem do texto.

03. O que você achou da história?

EMEF “X”

a) INTERESSANTE	78,0%
b) ENGRAÇADA	9,5%
c) DRAMÁTICA	12,5%

EMEF “Y”

a) INTERESSANTE	84,0%
b) ENGRAÇADA	4,0%
c) DRAMÁTICA	12,0%

A terceira pergunta, embora pudesse parecer um pouco óbvia a resposta, tendo em vista que, em ambas as escolas, a porcentagem foi muito alta na alternativa “a” dessa pergunta, o que trouxe para o debate um registro de que o conto é mesmo interessante, principalmente por trazer à tona a discussão sobre o modelo de ensino educacional que chegou a existir até segunda metade do século XX e o modelo atual. A tão controversa relação *professor x aluno* e o ensino tradicional foram alvos de comentários, visto que nos dias de hoje ainda se discute muito sobre isso, principalmente nos cursos de licenciatura e nos encontros entre educadores.

04. Que personagem você achou mais importante da história?

EMEF “X”

a) PILAR	47,0%
b) PROFESSOR POLICARPO	18,0%
c) CURVELO	35,0%

EMEF “Y”

a) PILAR	36,0%
b) PROFESSOR POLICARPO	36,0%
c) CURVELO	28,0%

Nessa questão, optamos por excluir o personagem Raimundo da enquete, por entender que Pilar é o protagonista do conto e que tem como seus opositores (antagonistas) o professor Policarpo e Curvelo, um colega de classe. Na análise comparativa entre as duas escolas, percebemos uma pequena vantagem na escolha de Pilar como o personagem predileto dos alunos. Ele foi escolhido pelos alunos da EMEF “X” por interagir do começo ao fim da narrativa e ser o protagonista da história como já dissemos. Todavia, Curvelo, que aparece como o delator na escolha das turmas, acabou ficando em segundo lugar na votação dos alunos e isso se explica, porque a referência que havia dos vilões de antigamente, mudou muito nos dias de hoje com as influências do cinema e da teledramaturgia, ele não é visto apenas como aquele que só pratica maldades, mas por alguém que é inteligente e que funciona como uma espécie de motor dentro da história. O que seria do mocinho sem a figura do vilão? Sem ele, a história não andaria, a ação do protagonista perderia a graça. Entre os alunos da EMEF Francisco de Assis Rios, ocorreu um empate na escolha do professor Policarpo com o

personagem Pilar, havendo aí um equilíbrio de forças, isso se justifica porque o Prof. Policarpo representa o autoritarismo, o descontrole emocional, a força bruta quando castiga impiedosamente os meninos. Já o personagem Curvelo foi selecionado por ter sido o delator, aquele que atua como o pivô dos acontecimentos que se acercaram de Pilar e Raimundo, obteve uma votação expressiva pelas mesmas razões ditas anteriormente, ficando novamente em segundo lugar.

05. Por que afinal, o personagem principal da história não sentia muito interesse pela escola?

EMEF “X”

a) A escola era quase uma prisão para os alunos.	18,5%
b) O ensino era tradicional e o professor muito duro com os alunos.	56,5%
c) A vida fora da sala de aula era mais atraente.	25,0%

EMEF “Y”

a) A escola era quase uma prisão para os alunos.	16,0%
b) O ensino era tradicional e o professor muito duro com os alunos.	68,0%
c) A vida fora da sala de aula era mais atraente.	16,0%

A última pergunta do primeiro questionário apenas confirmou o que se espera de uma escola nos dias de hoje e sobre a importância de um ensino de qualidade. Os estudantes não sentem mais estímulo pelo ensino tradicional, principalmente quando as novas tecnologias passaram a fazer parte da vida deles. É necessário mudanças, novos mecanismos de ensino e principalmente uma boa relação entre professores e alunos, tendo em vista que a convivência diária entre eles se prolonga por todo o ano letivo.

No dia seguinte, retornamos à escola para aplicação da leitura adaptada ao gênero HQ. Como a quantidade reproduzida não era o bastante para que a leitura fosse individual, optamos pela leitura em dupla salvo uma ou duas exceções.

Os alunos tiveram o tempo de duas aulas para ler a adaptação e responder ao questionário que dessa vez apresentou apenas uma questão objetiva. As outras quatro perguntas foram abertas e como houve uma variação de respostas muito ampla, optamos aqui por analisar algumas das respostas mais interessantes. Vejamos o segundo questionário: Após a leitura, responda às questões abaixo como forma de análise do texto lido.

QUESTIONÁRIO II

COM O RESULTADO DA APLICAÇÃO DA HQ NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA SYLVIA DOS SANTOS

01. O que você achou do conto lido anteriormente para o conto adaptado ao gênero HQ?

O conto adaptado para HQ ajuda bastante na compreensão do texto.	72,0%
--	-------

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Achei a História em qua-
drinhos muito interessante
porque a gente passa a enten-
der melhor com os ima-
gens.

Recorte 1 do questionário

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Eu achei o formato HQ
mais fácil de ser compre-
endido, as ilustrações ajudam
bastante no entendimento
sobre o texto.

Recorte 2 do questionário

Os recortes 1 e 2 do questionário ratificam os 72,0% que responderam gostar mais da literatura adaptada, estando coerentes com a HQ, pois ela realmente facilita a compreensão da leitura de um modo geral e possibilita nos situarmos dentro do contexto no qual a história se passa e acrescenta novas informações, enquanto que o texto original nos deixa apenas por conta da imaginação, que nem sempre é condizente com a história.

Acharam que a HQ inibe a imaginação do leitor na hora da leitura	28,0%
--	-------

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Eu achei a história em quadrinho mais fácil de entender, mas a obra original é muito melhor. São temas que imagino

Recorte 3 do questionário

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Eu achei o conto adaptado no formato HQ bem divertido, mas prefiro ele em forma de texto pois assim posso criar minhas próprias visões de tudo que ocorreu no conto

Recorte 4 do questionário

Já os recortes 3 e 4 que representam os 28,0% dos alunos que opinaram desfavoravelmente sobre a leitura em formato HQ. Em parte isso também tem certa coerência quando se trata da quebra na imaginação do leitor, porém essa possível quebra de imaginação pode ser um pouco relativa se considerarmos o contexto histórico no qual a narrativa está inserida, principalmente pelo fato de que a grande maioria dos alunos do ensino fundamental tem pouco conhecimento sobre o nosso passado histórico. O conto “A cartomante” de Machado de Assis, por exemplo, é ambientado no Rio de Janeiro do século XIX. Será que o aluno-leitor teria ideia de como era ou saberia imaginar a cidade do Rio de Janeiro sem ter tido acesso a alguma informação ou fotografia daquela época? Vejamos a imagem a seguir (fig. 38).



Fig. 38: Imagem em foto do Rio de Janeiro do final do século XIX ao início do séc. XX.

Nesta figura, temos a imagem de uma fotografia da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX para o início do século XX, podemos ver os edifícios da época, nas ruas as charretes e suas rodas que deixavam marcas pelo caminho. Lembramos que essas características estão presentes na figura 23, já mencionada.

Esses detalhes são importantes porque reforçam a ideia de que os bons quadrinistas fazem leituras minuciosas e pesquisas sobre a obra a ser adaptada, levando em consideração os aspectos históricos, geográficos, sociais e culturais. No processo de adaptação, o desenhista possui autonomia para inserir no contexto da HQ, suas impressões e emoções. Há sempre um cuidado especial para não exagerar ou fugir do foco narrativo. Logo, procura aproximar o desenho da realidade presente nos registros fotográficos. No quadrinho que retrata uma cena urbana da cidade do Rio de Janeiro em pleno século XIX, decerto, o quadrinista pesquisou sobre registros de fotos do lugar para ambientá-lo coerentemente à obra original e assim não incorrer no uso de alguma imagem sem qualquer relação com a época em que Machado de Assis a escreveu.

Ainda sobre haver ou não falta de imaginação, Eisner (2001, p. 38) afirma:

Os quadrinhos são seguimentos sequenciados, resultado da decomposição de eventos capturados no fluxo da narrativa, eles limitam o espaço onde se colocam objetos e se passam as ações. Desse modo, a tarefa do quadrinista ou artista sequencial é dispor essa sequência dos eventos de tal modo que as lacunas da ação sejam preenchidas. O que requer do leitor a capacidade imaginativa e criadora, a partir de sua vivência, para completar a ação a fim de criar coerência.

A essa lacuna¹⁵ (espaço da ação), chamamos de hiato ou de elipse e se constitui em um dos trechos da sequência que completamos mentalmente. De acordo com Eisner (2001, p. 30), “nas histórias em quadrinhos o *timing* e o ritmo se entrelaçam”. Ela tem a função de relativizar o tempo da leitura e de criar a ideia de movimento, pois é nesse pequeno espaço que o leitor irá formar o movimento que liga um quadro ao outro. Isso explica, por exemplo, se o personagem aparecer em uma vinheta, digamos em pé e, na seguinte, sentado, a leitura sugerida pelo corte entre os quadrinhos é que o personagem representado resolveu sentar-se.

¹⁵ Um dos elementos responsáveis pela criação e manutenção do tempo. McCloud (2005) deu-lhe o nome de “sarjeta”, que é o espaço entre os quadros, que pode ser visível ou não; outros nomes dados a esse elemento são: “corte gráfico” Cirne (2000) e “elipse temporal” Eisner (2001).



Fig. 39: “A Cartomante” (FEVEREIRO & SPERL, 2006, p. 17)

Esta tira em sequência (fig. 39) ilustra e ratifica o que dissemos anteriormente. Aqui, Camilo vê uma correspondência ao pé da porta, agacha-se para pegá-la, ergue-se, vira-se de lado, tira-a do envelope e começa a lê-la. Toda esta ação foi imaginada pelo leitor do quadrinho, pois do contrário, ficaria maçante reproduzir todos os movimentos dos personagens dentro da narrativa da HQ. Portanto, a imaginação sempre existirá, quer seja na leitura convencional (sem ilustrações), quer na leitura de quadrinhos. O que difere são as diferentes formas de imaginação. No conto de Machado de Assis, imaginamos pela leitura pausada pela pontuação, e no quadrinho, essa imaginação é feita pelas lacunas, que McCloud (2005, p. 66) deu o nome de sarjeta. Esses espaços que separam um quadrinho do outro, que alguns quadrinistas, às vezes, omitem em suas produções (fig. 40).



Fig. 40: “Pai contra mãe” (RODRIGUES, 2006, p. 14)

02. Você acredita que as imagens facilitam mais a leitura e a compreensão do conto?

a) Sim, bastante.	72,0%
b) Não, nem um pouco.	3,0%
c) Sim, um pouco mais fácil.	25,0%

A resposta favorável às imagens dos quadrinhos reforça e ratifica a ideia de que eles realmente facilitam o entendimento do texto literário pelos alunos do Ensino Fundamental. Logo é importante o uso dos quadrinhos como forma de incentivo à leitura de contos literários independentemente do escritor a ser trabalhado pelos professores.

03. O que você acha da leitura de livros no gênero histórias em quadrinhos?

Responderam que ajuda bastante na compreensão da leitura.	72,0%
Preferem a leitura convencional, pois a HQ inibe a imaginação do leitor.	28,0%

A terceira pergunta assemelha-se muito à primeira, daí a razão dos mesmos percentuais. Contudo, o objetivo aqui é perguntar especificamente sobre a leitura em Quadrinhos. Os que responderam a favor das HQ, acrescentaram que as ilustrações ajudam a imaginar outras coisas que somente o texto não nos permitiria. Entretanto, aqueles que responderam ser contrários aos quadrinhos, justificaram-se dizendo que estes atrapalham a imaginação.

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

A HQ, diferente de ALGUNS livros, fazem você imaginar melhor o que está acontecendo

Recorte 5 do questionário

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

Não gosto muito pois limita a imaginação de cada um sobre o que está sendo lido.

Recorte 6 do questionário

Essa discussão é muito válida porque não temos a ideia de formar alunos leitores de quadrinho e muito menos substituir a literatura clássica pelos quadrinhos, mas levarmos os alunos a uma reflexão sobre o papel transformador da literatura em nossas vidas e sua importância não somente os conhecimentos literários, mas a formação de leitores mais críticos e sabedores dos fatos, sendo estes reais ou fictícios.

04. Que imagem do conto você destacaria? Comente.

04. QUE IMAGEM DO CONTO VOCÊ
DESTACARIA? COMENTE?

A imagem da palmatória, tempos bem
recorridos nas escolas e
diferente de como é
hoje.

Recorte 7 do questionário aplicado em sala de aula

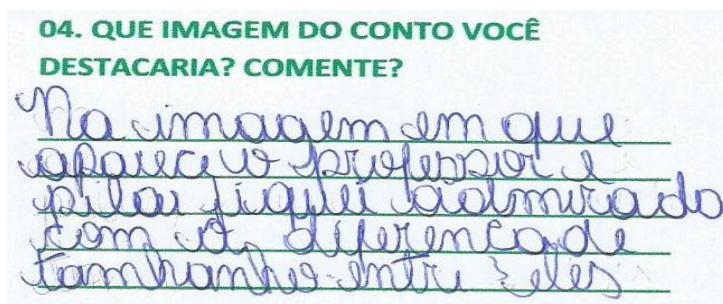
Nesta pergunta houve muitas variações de respostas. Logo não foi necessário tirarmos um percentual. O que chamou muito a atenção dos alunos foi a figura da palmatória (recorte 7) no momento em que os dois meninos são castigados pelo professor com esse instrumento de castigo muito comum e permitido naquela época ao professor fazê-lo com consentimento das famílias como na fig. 41, que só reforça ainda mais a opinião do aluno. Talvez por desconhecimento de muitos, isso tenha chamado mais a atenção, principalmente com o auxílio das imagens do quadrinho. Os alunos puderam ver a palmatória e tiveram uma noção do que ela representava na época e em que momento o professor fazia uso desse instrumento para castigar o aluno que cometesse uma falta muito grave, como “colar” nas lições ou nas provas. Por essas imagens dos quadrinhos, eles puderam ter uma ideia melhor sobre esta forma de castigo físico e por que não psicológico muito comum nas escolas até a segunda metade do século XX. Viram também que o uso desse instrumento foi abolido das escolas em face

dos avanços sociais, educacionais e, principalmente, das leis que salvaguardam as crianças e adolescentes.



Fig. 41: Conto de escola em HQ (SILVINO, 2010, p. 36).

O que chamou a atenção de uma aluna (recorte 8) foi o tamanho desproporcional do professor em relação ao aluno Pilar. É evidente que o professor, por ser um adulto em relação ao menino Pilar, parece bem maior que este, embora o fator idade não seja uma regra para definir tamanho. Mesmo assim, é importante mostrar e reforçar para os alunos que esse detalhe do tamanho desproporcional foi desenhado dessa maneira usando a técnica da angulação, que mostra a imagem de cima para baixo (plongé ou picado) de modo intencional para criar o efeito de que, naquele momento, era como o menino se sentia reduzido diante do professor sem ter por onde escapar daquela situação (quadrinho comentado anteriormente, ver na figura 8).



Recorte 8 do questionário aplicado em sala de aula

Outros alunos acharam alguns quadrinhos engraçados como o do momento em que o pai de Pilar corre atrás dele para aplicar-lhe uma sova, pois o garoto havia matado aula na semana anterior (fig. 12, p. 51) e quando Pilar deixa escola feliz da vida como vemos na opinião do aluno (recorte 9) reforçado pelo quadrinho (fig. 42 abaixo), pois para ele, a rua representava um símbolo de liberdade e felicidade.

**04. QUE IMAGEM DO CONTO VOCÊ
DESTACARIA? COMENTE?**

Na hora de sair da
escola que o meu
pai saiu com um so
riso alegre

Recorte 9 do questionário fazendo referência a fig. 42



Fig. 42: Conto de escola em HQ (SILVINO, 2010, p. 36).

**05. Como você imaginava as personagens do conto antes de ler os quadrinhos?
Escolha apenas uma das personagens e fale sobre ela.**

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

Prof. Polcarpo. No livro entendi que fosse um homem menor, gordo e mais jovem.

Recorte 10

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

Eu imaginava o professor magro, branco.

Recorte 11

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

O professor, eu imaginei um homem normal como os professores de hoje.

Recorte 12

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

Policarpo, pela figura pareceu ser bem velho.

Recorte 13

É interessante notar que o conto na forma tradicional realmente leva o leitor a imaginar diferentes possibilidades de aparência de um personagem. No caso do prof. Policarpo, os alunos o imaginaram de várias maneiras, enquanto que, no quadrinho, o personagem já vem com sua aparência definida pela imaginação do quadrinista, embora no conto “O alienista” do mesmo Machado de Assis mostre o contrário, pois já passou por quatro adaptações para o gênero HQ, e nem assim os quadrinhos possuem as mesmas semelhanças de personagens, porque a imaginação de cada quadrinista não é a mesma, exatamente como ocorre também com o fenômeno da fala. A adaptação para o quadrinho acrescentou uma informação que embora seja mencionada na leitura do conto original, não podemos dimensioná-la, como por exemplo, o quanto o professor era ríspido e aterrorizante, e o quanto os alunos se sentiam inferiorizados diante dele como nos mostram as metáforas visuais dos quadrinhos na sequência da fig. 43.



Fig. 43: *Conto de Escola em HQ* (SILVINO, 2010, p. 33).

É importante dizer que em uma turma com 32 alunos, cada um pôde imaginar como seriam as personagens no momento em que leram o conto individualmente. Todavia, a quadrinização (adaptação para HQ) fez com que essa imaginação individual passasse a ter um caráter coletivo. Não cremos aqui no cessar da imaginação porque existem outras formas de imaginação, a exemplo: “Se essa história pudesse ser diferente” “E se o Pilar pedisse para ir ao banheiro e escondesse a moeda em um lugar seguro, dessa forma não haveria uma prova contra ele.” “Se no início da história ele decidisse seguir para o morro de São Diogo ou o Campo de Santana?” Etc.

QUESTIONÁRIO III COM O RESULTADO DA APLICAÇÃO DA HQ NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO DE ASSIS RIOS

Nessa aplicação fizemos uma pequena mudança em relação à turma da outra escola, colocando a porcentagem pelo número de respostas possíveis.

01. O que você achou do conto lido anteriormente para o conto adaptado ao gênero HQ?

Achou mais interessante.	45,0%
Achou bom, mas não fez muita diferença.	20,0%
Melhorou a imaginação com as imagens.	14,0%
Achou a leitura mais fácil com as imagens.	20,0%
Achou impressionante.	1,0%

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Uma diferença muito grande, pois ficou mais interessante.

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Achei essa adaptação muito melhor, pois retornar ser na imagem, ter mais imaginação.

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Eu achei impressionante por eu gostar do conto e me- chado de bem.

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Achei muito legal e mais fácil de entender.

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Bom interessante, gostei, acho que facilitou, mas a leitura e a interpretação, os desenhos estimulam a leitura.

01. O QUE VOCÊ ACHOU DO CONTO LIDO ANTERIORMENTE PARA O ADAPTADO NO FORMATO (GÊNERO) HQ?

Que quando li o em HQ ficou mais interessante e divertida por tinha imagens que nos ajudam nos adaptar.

Os recortes referentes à primeira pergunta confirmam o teor dessa pesquisa, pois realmente os alunos se sentiram mais à vontade por ocasião da leitura dos quadrinhos. Na leitura do conto original, eles puderam ter um primeiro contato com o texto literário de Machado de Assis que, para a maioria da turma, foi algo novo. Alguns leram com seriedade e outros pouco entusiasmados. Todavia, ao fazerem a segunda leitura naquele momento já adaptada para o gênero HQ, pudemos perceber que houve um maior interesse pela leitura e conhecimento do texto machadiano.

02. Você acredita que as imagens facilitam mais a leitura e a compreensão do conto?

Nessa pergunta, a unanimidade votou pelo “Sim, bastante.”, o que reforça a ideia de que realmente as imagens facilitam a compreensão do texto.

03. O que você acha da leitura de livros no gênero histórias em quadrinhos?

Muito boa e mais fácil de entender	50,0%
Bem diferente e interativa	31,5%
Expressiva e divertida	18,5%

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

Muito legal, super divertida e interessante

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

Que fica muito fácil pois a leitura fica bastante divertida.

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

Muito mais fácil para ler e interpretar

03. O QUE VOCÊ ACHA DA LEITURA DE LIVROS NO GÊNERO H. QUADRINHOS?

Muito bom, pois com as imagens fica mais fácil para entender

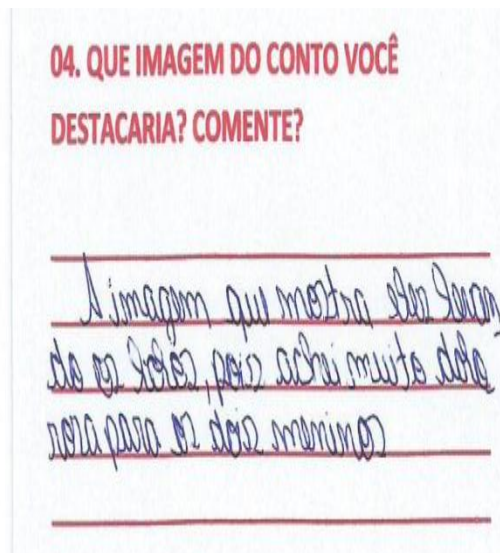
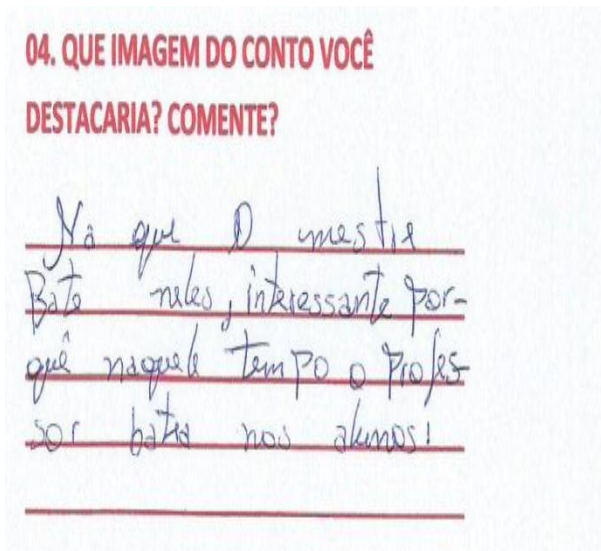
Por esses recortes referentes à terceira pergunta, mais uma vez ratificamos essa predileção pelos quadrinhos, tendo em vista os percentuais supracitados. Isso reafirma o que disse Eisner:

Mas, para uma nova geração que cresceu juntamente com a televisão, os computadores e os videogames, processar informações verbais e visuais de vários níveis de uma só vez, parece uma coisa natural, até mesmo preferível. (EISNER, 2013, p. 8).

Esses elementos culturais citados por Eisner já estão enraizados em nossa sociedade contemporânea, pois fazem parte dos grupos humanos e de seus comportamentos, sejam eles antigos ou modernos. Logo, com a literatura e os quadrinhos não seria diferente. Tudo é uma questão cultural que independe de governos ou de forças políticas.

04. Que imagem do conto você destacaria? Comente.

Quando o professor castiga os meninos.	55,0%
A imagem da palmatória com os cinco furos	18,0%
Quando o professor entra em sala e os alunos ficam de pé.	11,0%
O ambiente da sala de aula	11,0%
Quando os meninos negociam a troca da moeda	5,0%



04. QUE IMAGEM DO CONTO VOCÊ DESTACARIA? COMENTE?

A do professor. Porque ele te bastam-
te bravo.

04. QUE IMAGEM DO CONTO VOCÊ DESTACARIA? COMENTE?

A imagem das crianças de pé quando o professor entrou na sala de aula. Pois hoje em dia isso não acontece.

Esta 4ª pergunta foi bem interessante porque ela proporcionou aos alunos a liberdade de observar e analisar cada quadro (vinheta), para que assim pudesse fazer sua escolha seguindo os seus próprios critérios. Perceba-se que nesses recortes acima do parágrafo, temos respostas amadurecidas e objetivas, embora bem simples. Acreditamos que esse é um dos papéis da literatura, levar o leitor a pensar, refletir e opinar sobre os acontecimentos da vida de uma sociedade, independentemente do tempo e do espaço geográfico ou social.

05. Como você imaginava as personagens do conto antes de ler os quadrinhos? Escolha apenas uma das personagens e fale sobre ela.

Não souberam opinar.	50,0%
O professor parecia ser menos agressivo.	11,0%
Raimundo parecia ser mais magro e triste.	12,5%
O professor não parecia ser um homem tão grande e mau.	13,0%
Imaginaram o Curvelo moreno e com cara de mau.	7,5%
O professor parecia ser normal como os de hoje.	6,0%

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

O mestre, com cara de mal, muito ignorante, gesso e vigi-
do, que nos dar mu-
do.

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

Imaginar o filho do professor um garoto bastante triste e magro.

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

Imaginava o Carvelho
moreno, e com cara
de mau

05. COMO VOCÊ IMAGINAVA AS PERSONAGENS DO CONTO ANTES DE LER OS QUADRINHOS? ESCOLHA APENAS UMA DAS PERSONAGENS E FALE SOBRE ELA.

O professor Não imaginava que
ele era tão grande e meu primeiro
filho dele

Nota-se que não souberam opinar 50,0% da turma, porque ao lerem o texto, não conseguiram imaginar como seriam as características dos personagens, assim como o cenário da história. Por isso, reafirmamos a necessidade de se trabalhar com os quadrinhos paralelamente aos contos literários, não por achar que são mais importantes que leitura sem imagens, cabe aqui ao professor saber conduzir essas duas modalidades textuais, de modo que nenhuma se sobreponha ao espaço da outra, pois ambas são muito importantes no processo de ensino de leitura e na formação de leitores de literatura.

Em relação à leitura do texto literário, mostra-se cada vez mais necessário no âmbito da escola, estabelecer um diálogo especial do leitor com o mundo “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.” (COSSON, 2006, p. 17). Logo a literatura não pode deixar de se fazer presente na leitura escolar, justamente porque o texto literário constitui uma grande possibilidade em traçarmos diferentes laços sociais e culturais ao longo do tempo. Ao possibilitar diferentes maneiras de ler literatura como as adaptações em HQ, a escola torna-se mediadora entre o aluno e o texto literário, procurando estabelecer alguns parâmetros necessários para saber o que se lê em uma obra literária.

Os quadrinhos, sem dúvida, apresentam um riquíssimo material de suporte didático para auxiliar o professor nesse desafio de trabalhar o texto literário. É importante primeiramente ressaltar a necessidade de um conhecimento prévio, por parte do professor, sobre os elementos estruturais dos quadrinhos, caso contrário, ele terá grandes dificuldades que poderão surgir durante a execução do trabalho. Sendo assim, propomos uma sugestão de sequência didática voltada para a leitura de textos literários adaptados ao gênero HQ, conforme o *corpus* desse trabalho.

Como proposta de trabalho, sugerimos a seguinte sequência didática baseada em um procedimento adotado por Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004, p. 98). Esses procedimentos envolvem quatro fases. São elas:

I. Apresentação de um projeto envolvendo a produção de um gênero textual; primeiramente o professor se reúne com os alunos e compartilha o projeto de comunicação no qual eles serão envolvidos durante algumas semanas ou quem sabe um bimestre dependendo do que se propõe a fazer. É apresentado o gênero textual que será estudado, nesse caso específico será o texto literário (conto) adaptado ao gênero HQ e comentará sobre as diversas atividades que serão desenvolvidas; Em um segundo momento, o professor fará a exposição dos conteúdos com os quais a turma trabalhará e mostrará quais áreas de conhecimento serão envolvidas nesse projeto. Os alunos deverão ler e escrever, apresentar alguns exemplares de obras literárias já adaptadas para HQ, exibir alguns *slides* identificando algumas técnicas utilizadas quando se faz uma adaptação de um gênero para o outro. Em seguida, abrir para uma discussão com a turma sobre alguns aspectos e procedimentos a serem adotados para a organização e execução desse projeto.

II. Produção Inicial: ela poderá ser realizada de forma individual, em duplas ou em pequenos grupos para sondar o conhecimento prévio da turma sobre o gênero a ser trabalhado. A partir das primeiras produções, o professor fará a observação e a análise dessas produções iniciais dos alunos, pois, só assim, será possível identificar o que eles já sabem sobre as várias particularidades presentes nos textos literários e nas HQ. Essa pré-avaliação contribuirá no planejamento de futuras intervenções ao longo de todo o processo de execução do projeto, já prevendo mudanças e adequações no decorrer do tempo, para de repente, atender as necessidades dos alunos, embora já tenhamos uma sequência didática previamente definida.

III. Módulos intermediários: eles são elaborados a partir das particularidades do gênero textual trabalhado, em nosso caso, a literatura clássica em quadrinhos, mas para isso, será necessário conhecer melhor a estrutura de uma HQ, a forma composicional dos balões de fala, o conteúdo temático e as marcas linguísticas. Essas informações permitem que os alunos aprendam, por meio de atividades variadas, as principais características do gênero estudado. Dependendo do grau de dificuldade deles, o professor poderá fazer algumas alterações nos módulos da sequência didática e também orientá-los a avançarem na construção dos conhecimentos e nas produções que serão realizadas por eles, observaremos as relações entre a linguagem literária (verbal) com a linguagem visual (não verbal), a essa altura, com o desenvolvimento da sequência

didática, espera-se que o aluno já conheça os vários aspectos da estrutura composicional de um quadrinho como o título, os personagens, os diferentes tipos de balões, as prosopopeias e metáforas visuais, a sequência de falas e a marcação do final do quadrinho. É bom considerarmos que este gênero raramente traz em uma mesma produção, todos os seus recursos de linguagem, como se pôde observar nas HQ estudadas nesta dissertação.

IV. Produção final: é necessário para que possamos ter um parâmetro avaliativo que analise quais conhecimentos foram construídos pelos alunos durante o desenvolvimento da sequência didática. Além disso, ela os auxilia a ter um autocontrole durante todo processo de produção, revisão e reescrita dos textos, tendo em vista que o professor apresentou com antecedência um roteiro de trabalho por meio dessa sequência.

Após a pesquisa, poderemos verificar se a escolha da sequência didática como mais um suporte de ensino-aprendizagem no passo a passo dos alunos, irá facilitar a identificação das dificuldades da turma como um todo e dos alunos individualmente; além de trabalhar com a leitura e produção de textos. Seria imaturo acreditar que todos eles resolverão as suas dificuldades em produzir textos após o desenvolvimento de uma sequência. Certamente que os conhecimentos sobre o gênero, as atividades de compreensão e produção textual criam uma aproximação aos gêneros estudados, mas que será ampliada na escrita de outros textos, que serão produzidos com outros objetivos, em diferentes momentos por tratar-se de uma longa aprendizagem.

Ressalta-se, também, que a sequência didática é um instrumento dinâmico, ou seja, sua organização permite inserções de atividades de acordo com a observação do professor a respeito do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, seus conhecimentos prévios e suas experiências culturais. Além disso, mesmo que ela apresente riqueza nas atividades propostas, nem tudo poderá ser previsto. Logo, o melhor a fazer, é adaptarmos o trabalho à realidade dos alunos, do que conduzi-los de modo forçado, a dar lugar a uma aprendizagem tão sistemática quanto a que se tem em vista na sequência didática. Haverá situações em que os seus módulos só assumirão um sentido completo no instante em que as atividades forem redefinidas em função das dificuldades encontradas pelos alunos na realização das tarefas.

Para isso, propomos aqui uma sequência didática voltada justamente para um projeto envolvendo leitura de textos literários adaptados ou não para HQ, bem como a produção de atividades em quadrinhos e outros eventos que poderão proporcionar aos alunos não apenas a leitura, mas também a produção textual.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (1ª ETAPA)

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none">- Compreender o projeto com o gênero literário adaptado para HQ;- Conhecer os elementos básicos da estrutura composicional de uma HQ.	<ul style="list-style-type: none">- Compartilhar com os alunos as atividades que serão realizadas no projeto (leitura e análise do texto literário);- Disponibilizar os contos machadianos para leitura em HQ;- Destacar que os quadrinhos podem ser lidos de forma independente do texto literário tradicional;- Verificar o que muda realmente com a passagem do texto verbal para o texto híbrido dos quadrinhos;- Conversar sobre os principais personagens da história e sobre o autor também.	<ul style="list-style-type: none">- Contos impressos de Machado de Assis;- Contos adaptados para HQ de Machado de Assis;- Papel A-4, internet para pesquisa e datashow para exposição.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (2ª ETAPA)

PRODUÇÃO INICIAL		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none"> - Reproduzir por escolha uma página da HQ substituindo o texto original por outro da imaginação do aluno; - Analisar as páginas de HQ produzidas pelos colegas; - Identificar as técnicas de plano e angulação das HQ que dão ênfase às ações do conto original adaptado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura individual de quadrinhos; - Fazer individualmente a reprodução de uma página de HQ a partir de mudanças nos diálogos; - Verificar se: <ul style="list-style-type: none"> I- A produção é de um texto literário adaptado; II- As cores colocadas nos desenhos e os textos dos diálogos estão de acordo com o gênero literário estudado; III- Os textos foram redigidos, obedecendo a uma sequência lógica; IV- O desfecho pode ser modificado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Xerox de literatura adaptada em quadrinhos, impressa em preto e branco sem o texto dos balões; - Ficha de avaliação das páginas de HQ a serem produzidas; - Recortes de gravuras, vídeos e imagens de fotografia.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (3ª ETAPA)

MÓDULO I – SEQUÊNCIA LÓGICO-TEMPORAL		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none">- Compreender a sequência lógico-temporal característica das HQ;- Perceber a sucessão rápida de acontecimentos entre uma página e outra da HQ.	<ul style="list-style-type: none">- Explicar aos alunos a importância da ordem sequencial dos quadrinhos na construção do sentido da narrativa;- Identificar a sequência narrativa do texto original adaptado para os quadrinhos.	<ul style="list-style-type: none">- Xerox de HQ recortadas em requadros, embaralhadas e entregues aos alunos para que eles remontem uma sequência narrativa.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (4ª ETAPA)

MÓDULO II – ONOMATOPEIAS		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none">- Identificar as onomatopeias presentes nas HQ;- Compreender que as onomatopeias complementam e enfatizam as ações dos personagens;- Relacionar as onomatopeias com as suas funções representacionais.	<ul style="list-style-type: none">- Leitura de quadrinhos e de livros literários adaptados em HQ para identificação e reflexão sobre o uso de onomatopeias;- Criação de onomatopeias a partir da observação dos sons produzidos por alguns objetos e animais;	<ul style="list-style-type: none">- Revistas em quadrinhos e contos literários adaptados para HQ;- Pesquisa na internet.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (5ª ETAPA)

MÓDULO III – BALÕES		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<p>- Diferenciar os tipos de balões mais frequentes e suas respectivas funções nos quadrinhos do conto adaptado;</p> <p>- Escrever diálogos, pensamentos ou onomatopeias (quando necessárias) nos diferentes tipos de balões.</p>	<p>- Leitura de diversos quadrinhos para fazer o reconhecimento dos tipos de balões;</p> <p>- Analisar as diferentes formas de balões presentes nos quadrinhos, destacando que as variações no contorno indicam a situação da fala dos personagens (gritos, sussurros, conversas ao telefone, sonhos, pensamentos, etc.).</p>	<p>- Revistas em quadrinhos e livros de literatura adaptados para HQ;</p> <p>- Caixa com divisões para dispor os diferentes tipos de balões em branco;</p> <p>- Jogo de pareamento com dois conjuntos de fichas, observando:</p> <p>I- contorno dos balões;</p> <p>II- suas denominações;</p> <p>- Páginas de quadrinhos para colagem dos balões.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (6ª ETAPA)

MÓDULO IV – METÁFORAS VISUAIS		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none">- Identificar as metáforas visuais mais frequentes nos quadrinhos;- Compreender como a relação entre as imagens, a metáfora visual e o texto verbal contribui para a construção da coerência do quadrinho.	<ul style="list-style-type: none">- Leitura de diversos quadrinhos para que analisem as metáforas visuais;- Interpretar em linguagem verbal os significados das metáforas visuais encontradas no texto adaptado para HQ.	<ul style="list-style-type: none">- Revistas em quadrinhos e livros de literatura em HQ para leitura;- Cartelas com metáforas visuais para recortá-las ou desenhá-las em padrão de HQ (temas diversos).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (7ª ETAPA)

MÓDULO V – FIGURAS CINÉTICAS		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none">- Identificar as ideias ou sentimentos dos personagens expressos nas figuras cinéticas;- Reconhecer os sinais gráficos e imagens usados para indicar os movimentos dos personagens por meio de figuras cinéticas.	<ul style="list-style-type: none">- Localizar figuras cinéticas na leitura dos quadrinhos adaptados;- Completar quadros retirados de HQ com figuras cinéticas conforme o contexto: esforço físico, gestos, movimentos, impactos, etc.	<ul style="list-style-type: none">- Revistas em quadrinhos e livros de literatura em HQ para leitura;- Atividade em uma página de HQ com espaço para criação de figuras cinéticas por parte dos alunos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (8ª ETAPA)

PRODUÇÃO FINAL		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	SUPORTE MATERIAL
<ul style="list-style-type: none"> - Produzir uma página de quadrinho autoral para a finalização do projeto; - Rer e revisar a página em quadrinho. - Divulgar a importância da leitura de textos literários tanto no modo convencional quanto adaptado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar aos alunos que elaborem uma página em quadrinho para fazer parte da atividade final que foi escolhida por eles na apresentação da situação proposta (exemplo: exposição, concurso, etc.); - Trocar as páginas produzidas de quadrinhos com seus pares para que possam ser lidas e analisadas conforme ficha de avaliação a ser entregue; - Revisão das páginas de quadrinhos; - Editoração das páginas de quadrinhos para a atividade final. - Solicitar que elejam o meio de divulgação dos trabalhos que serão elaborados ao término da sequência didática (mural da escola, fanzines, vídeos ou concursos de HQ). 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade impressa com orientações para a produção final; - Ficha de avaliação das atividades em quadrinhos; - Guia das atividades a serem executadas pelos alunos; - Uso do laboratório de informática ou da biblioteca; - Papel, pincel, fita adesiva, cola, tesoura para montagem de um jornal mural com textos em HQ ou em um fanzine com abertura para outros gêneros literários como a poesia e a crônica por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, falamos inicialmente sobre alguns dos principais teóricos dos quadrinhos e da importância no uso dessa arte sequencial como forma de incentivo à formação de novos leitores da literatura clássica. Se em outra época as HQ eram pouco prestigiadas e mal vistas por educadores, equipe pedagógica das escolas e pais de alunos; atualmente são bem vistas e aceitas, pois se mostram eficazes. Elas reúnem todas as técnicas do desenho em prol de adaptações que se adequam cada vez mais aos textos literários, e que tem por finalidade, atrair cada vez mais os públicos infantil e juvenil. Elas não se limitam mais tão somente ao espaço das bibliotecas escolares, mas participam da formação de um leitor mais assíduo e sabedor da importância do ato de ler os textos clássicos e os textos populares.

Vimos também que a figura do escritor Machado de Assis foi muito importante para a elaboração e conclusão desse estudo, considerando ser ele o autor dos três contos que foram adaptados para HQ e que analisamos nesta pesquisa. Machado é, sem dúvida alguma, a grande figura da Literatura Brasileira do século XIX, tanto no gênero conto quanto no romance. A produção de contos machadianos assume uma grande importância não apenas por ter sido o avalista pleno do gênero no Brasil; teve, acima de tudo, o grande mérito de haver mostrado com muita mestria todo o seu potencial enquanto escritor literário.

O bruxo do Cosme Velho, como era chamado, foi também o grande retratista do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, seus contos fazem um verdadeiro painel da sociedade daquele tempo, principalmente da classe média urbana que ele soube retratar como ninguém, o culto às aparências pretensiosas e fúteis, sua linguagem elitizada, suas refinadas ironias e humor presentes nos contos convidam o leitor a participar conjuntamente dessa sociedade burguesa.

Em seus contos, Machado observou a natureza humana, em especial a natureza psicológica que ele trata com maior apreço, em detrimento da natureza física e animalésca do homem. Falou nos três contos estudados com sua peculiar neutralidade de temas polêmicos como: a corrupção e o uso da palmatória na escola, o adultério e o feminicídio, a escravidão negra no Brasil e as suas condições sub-humanas que lhes geraram preconceitos até os dias de hoje. Grande parte disso foi retratada fielmente no gênero HQ que representam o corpus dessa dissertação como prova da universalidade de sua extensa obra.

Algumas teorias sobre quadrinho foram também utilizadas e verificamos se os contos machadianos presentes nas adaptações recontam as histórias originalmente, sem perder seu fio condutor. Analisamos as características próprias da adaptação, os elementos que a compõem, procurando identificar se essas características de fato se relacionam com os contos originais e se estão de acordo com os conceitos das teorias sobre quadrinhos.

Vimos que todo um cuidado existe nas adaptações para que elas estejam quase que perfeitamente concatenadas com o tempo e o espaço. As três histórias se passam no Rio de Janeiro do século XIX, mais precisamente na segunda metade deste século, época do período regencial de D. Pedro II. Embora as histórias estejam bem distantes do século em que vivemos, podemos dizer que suas temáticas ainda existem nos dias de hoje, porém com outros valores. Crimes passionais ainda acontecem, o trabalho escravo e a difícil relação que às vezes ocorre entre professores e alunos nas salas de aula.

Ainda com base nas questões tratadas nesta pesquisa, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos podem ter um papel considerável no processo educativo, mas é necessário que educadores e educandos saibam como utilizá-las. É importante primeiramente, que se faça uma análise didática bem planejada e organizada pelo profissional docente no trabalho com a leitura, por meio da linguagem verbal associada à linguagem híbrida dos quadrinhos, que possibilite ao aluno um melhor contato com os textos literários e assim possibilitando a formação de um leitor com melhor competência na leitura desses textos.

Para isso, todo material utilizado precisará passar por uma triagem, separando somente aquilo que será trabalhado com a turma e que esteja também apropriado às diferentes faixas etárias e séries. Empreender atividades práticas e relevantes a partir de histórias pré-selecionadas, torna as aulas mais dinâmicas e o aprendizado mais prazeroso. É importante lembrar que a leitura de quadrinhos não é tão simples assim e não se deve restringir ao texto ou ao enredo somente. Cabe ao professor, quando conhecedor do papel da leitura, buscar que seu alunado não apenas queira ler, mas que, ao ler, saiba questionar, debater, refutar numa interação real em que a leitura seja vivenciada em toda sua plenitude. Esse gênero discursivo chamado HQ, é muito mais do que páginas multicoloridas e humorísticas, ele propõe leituras que exploram signos diversificados, contribuindo para que o aluno possa ampliar e aprofundar aquilo que lê, ou seja, dar sentido à leitura.

Com relação à aplicação das atividades nas escolas visitadas, constatamos um maior interesse dos alunos pela leitura do conto adaptado, principalmente quando nos

dispusemos a trabalhar com uma sequência didática em sala de aula. Encontramos também alguma resistência à leitura de quadrinhos por uma porcentagem mínima de alunos que ainda acredita que os quadrinhos inibem a imaginação deles no momento da leitura, entretanto, é bom lembrar que isso não causou nenhum embaraço ao desenvolvimento da atividade, tanto que eles também participaram de forma descontraída das duas oficinas de leitura com ambos os gêneros textuais. A linguagem machadiana, algumas vezes com vocabulário e expressões incomuns aos dias de hoje, não foi uma barreira para o entendimento da leitura do texto literário, todavia, o mesmo texto adaptado para HQ, trouxe novas incursões pelas histórias contadas, as ilustrações certamente enriqueceram ainda mais o texto e serviram como se fosse uma ferramenta, um suporte a mais em auxílio ao professor em sua árdua tarefa de formar alunos-leitores de literatura clássica em plena era digital.

Quanto à proposta de se trabalhar com sequências didáticas, vimos ser viável desenvolver oficinas de leituras de textos literários paralelamente a outros gêneros, como foram as HQ. Os alunos podem interagir bastante com uma leitura até certo ponto diversificada, por envolver debates, produção de desenhos e quadrinhos, leituras e releituras, escritas e reescritas, conhecimentos sobre as variadas técnicas presentes nos quadrinhos e de estimulá-los a fazer pesquisas na internet e em outras fontes de informação como jornais e revistas, de forma mais racional.

Diante da possibilidade do uso efetivo de oficinas de leitura, é papel do professor em sala de aula de explicitar as habilidades de leitura, respeitando o texto literário em sua integridade, considerando o conhecimento prévio de cada aluno, bem como o ritmo de cada um, logo poderemos vislumbrar futuros leitores literários, que não apenas compreenderão o texto, mas também utilizarão a literatura em seu contexto social.

Enfim, cumpre enfatizar que o objetivo maior do estudo do texto literário no meio escolar, é de formarmos, não leitores comuns, mas leitores capazes de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vivem.

Acreditamos que a pesquisa por nós desenvolvida, pôde demonstrar que a Literatura deve ser trabalhada no Ensino Fundamental, desde que professor e aluno estejam aptos a interagir e a promover mais debates sobre a importância de se ter a leitura dos autores clássicos (ou não) mais presente e atuante no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

1. ASSIS, Machado de. **A cartomante**. In: Obra Completa, Vol. II. Nova Aguilar, RJ, 2008, p. 447- 453.
2. _____. **Conto de escola**. In: Obra Completa, Vol. II. Nova Aguilar, RJ, 2008, p. 510- 515.
3. _____. **Pai contra mãe**. In: Obra Completa, Vol. II. Nova Aguilar, RJ, 2008, p. 631- 638.
4. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec. 2002. 278 p.
5. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975. 571 p.
6. _____, **A máscara e a fenda**. In: _____ (org.). **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 36-38.
7. BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 9334, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
8. BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm/ Acesso em 10.09.2015.
9. _____. **Ministério da Educação. Livros selecionados no PNBE/2008: Ensino fundamental**. Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/biblioteca_escola/titulos_acervo_pnbe_2008_educ_fundamental.pdf.
10. CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: **Vários Escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 19
11. CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. **Feitiços velados às gentis leitoras: “Cinco mulheres” no jornal das famílias** (Dissertação de Mestrado em Literatura) Belém: UFPA, 2014.
12. COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**: São Paulo: Contexto, 2006, 139 p.
13. COSTA, Cristina. **Educação, Imagem e Mídias**. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2013. 203 p.
14. COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 10ª ed. Rio de Janeiro:

- Civilização Brasileira, 1980. 321 p.
15. _____, **Machado de Assis na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1990.
 16. DIAS, Geraldo Souza. 2006, <http://www.scielo.br/pdf/ars/v5n9/05.pdf>, p. 55-56.
 17. DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle e SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. et alii. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 98.
 18. EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 154 p.
 19. _____; **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2013, 176 p.
 20. FEVEREIRO, Lo, **Literatura brasileira em quadrinhos**. Conto A cartomante de Machado de Assis (adaptado por Lo Fevereiro). São Paulo: Escala Educacional, 2006. 43 p.
 21. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005, p. 68-89.
 22. INEP. <http://www.enem.inep.gov.br>
 23. INSTITUTO AVANTE BRASIL. <http://institutoavantebrasil.com.br/femicidio-entenda-as-questoes-controvertidas-da-lei-13-1042015/> Acesso em 09.09.2015.
 24. JUNQUEIRA, Ivan. **Machado de Assis e a arte do conto**. Navegações, v. 2, n. 2, jul/dez. 2009, p. 116-120.
 25. KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1990. 144 p.
 26. MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso. Ensaio de sociologia da justiça lenta**. São Paulo: Hulctec, 1994, p. 20-43.
 27. McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005, 216 p.

28. _____. **Reinventando os quadrinhos:** como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006, 252 p.
29. MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I.** São Paulo: Cultrix, 1982. 10ª ed., 332 p.
30. PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária.** São Paulo. Ática, 2007. 88 p.
31. _____. **Melhores contos: Machado de Assis.** PROENÇA FILHO, Domício. São Paulo. Global, 2010. 374 p.
32. RAMOS, Paulo. (org.) **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática,** São Paulo: Ed. Contexto, 2009 p. 127-158.
33. RODRIGUES, José. **Contos em Quadros/ Pai contra mãe – conto de Machado de Assis** (adaptado por Célia Lima). Juiz de Fora: Editoras UFJF/Musa. 2006, p. 7-27.
34. SILVINO, Laerte. **Conto de escola em quadrinhos – Machado de Assis** (adaptado por Laerte Silvino). São Paulo: Peirópolis, 2010, 48 p.
35. VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos; uma “alfabetização” necessária.** In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo. Contexto, 2010, 160 p.
36. _____. **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática.** São Paulo. Contexto, 2013, 223 p.
37. YAMAGUTI, Vanessa. **Olhares,** Guarulhos, v.2, n.1, p. 441-459, maio, 2014.
38. ZENI, Lielson. **Literatura em Quadrinhos.** In: VERGUEIRO, Waldomiro. RAMOS, Paulo. (org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática,** São Paulo. Contexto, 2013, p. 127-158.

ANEXO I

Questionário aplicado em sala de aula, referente à leitura de contos machadianos.

Após a leitura, marque as alternativas abaixo como forma de análise do conto lido.

01. Você compreendeu a história?

- () sim
- () não
- () um pouco

02. Você achou a linguagem muito difícil?

- () sim
- () não
- () um pouco difícil

03. O que você achou da história?

- () interessante
- () engraçada
- () dramática

04. Que personagem você achou mais importante da história?

- () Pilar
- () Prof. Policarpo
- () Curvelo

05. Por que afinal, o personagem principal da história não sentia muito interesse pela escola?

- () A escola era quase uma prisão.
- () O ensino era tradicional e o professor era muito duro com os alunos.
- () A vida fora da sala de aula oferecia coisas mais atrativas.

ANEXO II

Questionário aplicado em sala de aula referente ao conto machadiano adaptado ao gênero HQ.

Após a leitura, responda as questões abaixo como forma de análise do conto lido.

01. O que você achou do conto lido anteriormente para o adaptado no formato (gênero) HQ?

02. Você acredita que as imagens facilitam mais a leitura e a compreensão do conto?

() Sim, bastante

() Não, nem um pouco

() Sim, um pouco mais fácil

03. O que você acha da leitura de livros no gênero História em quadrinhos?

04. Que imagem do conto você destacaria? Comente?

05. Como você imaginava as personagens do conto antes de ler os quadrinhos? Escolha apenas uma das personagens e fale sobre ela.

ANEXO III

Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Sylvia dos Santos



Fotografia 1- Apresentação do conto convencional e do conto adaptado em HQ



Fotografia 2 - Alunos da EMEF Maria Sylvia dos Santos fazendo a leitura do conto

ANEXO IV



Fotografia 3 – Alunos da EMEF Maria Sylvia dos Santos fazendo a leitura do conto



Fotografia 4- Aplicação do conto “Conto de escola” de Machado de Assis em HQ

ANEXO V



Fotografia 5- Aplicação do conto “Conto de escola” de Machado de Assis em HQ



Fotografia 6- Aplicação do conto “Conto de escola” de Machado de Assis em HQ

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

Silva, Marcos Vinícius Souza da, 1965-

Leitura de contos machadianos adaptados ao gênero HQ na formação de novos leitores / Marcos Vinícius Souza da Silva; orientador, Sílvio Augusto de Oliveira Holanda. ---- 2015.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras-PROFILE, Belém, 2015.

1. Leitura – Estudo e ensino - Tucuruí (PA). 2. História em quadrinhos. 3. Interesses na leitura. 4. Leitores – Reação crítica- Formação.
I. Título.

CDD-22.ed. 028.9
